



**FESTIVAL DE TEATRO  
DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**  
**50 anos de (re)existência**

1969-2019

**FESTIVAL DE TEATRO  
DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**  
**50 anos de (re)existência**  
1969 - 2019

Raul Marques  
Texto

Realização



# SUMÁRIO

1960	<b>CELEBRAÇÃO E RESISTÊNCIA</b>	<b>4</b>	1990	<b>TEMPO DE INCERTEZA</b>	<b>64</b>
	Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto Secretaria Municipal de Cultura Pedro Ganga			<b>CONEXÃO COM O BRASIL</b> Néstor Monastério	<b>68</b>
	<b>O INÍCIO</b>	<b>8</b>		<b>MERGULHO EM UM PAÍS REAL</b> Gabriel Villela	<b>70</b>
	<b>COMO NASCE UM FESTIVAL</b> Humberto Sinibaldi Neto	<b>12</b>		<b>DESCOBERTAS TEATRAIS</b> Luiz Carlos Vasconcelos	<b>74</b>
1970	<b>LEMBRANÇAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO</b> José Eduardo Vendramini	<b>16</b>	<b>ENQUANTO HOUVER TEATRO, HAVERÁ ESPERANÇA!</b> Amir Haddad	<b>78</b>	
	<b>BUSCA PELA EXCELÊNCIA CÊNICA</b> Carlos Gardin	<b>18</b>	<b>FIM OU RECOMEÇO? OU NADA DISSO!</b>	<b>79</b>	
	<b>COM TEATRO</b> Dinorath do Valle (in memoriam)	<b>20</b>	<b>DIÁLOGO COM A CENA CONTEMPORÂNEA</b>	<b>82</b>	
	<b>A CONSOLIDAÇÃO</b>	<b>22</b>	<b>TERRITÓRIO GLOBALIZADO</b>	<b>92</b>	
1980	<b>DNA DO FESTIVAL</b> Romildo Sant'Anna	<b>28</b>	<b>ANDAMENTOS CÊNICOS</b> Danilo Santos de Miranda	<b>98</b>	
	<b>ESCOLA DE TALENTOS</b> Luis Carlos Rossi	<b>32</b>	<b>EBULIÇÃO TEATRAL</b> Ruy Sampaio	<b>106</b>	
	<b>SONHO CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE</b> Waldner Lui	<b>34</b>	<b>ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO</b> Beta Cunha	<b>124</b>	
	<b>DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO PARA O MUNDO</b> José Carlos Serroni	<b>36</b>	<b>RIO PRETO RESPIRA TEATRO</b> Alaor Ignácio dos Santos Júnior	<b>130</b>	
1990	<b>A VOLTA</b>	<b>40</b>	<b>O FEMININO NO FIT</b> Angélica Zignani	<b>136</b>	
	<b>O AMADURECIMENTO</b>	<b>42</b>	<b>A POVOAÇÃO DE SENTIDOS</b> Valmir Santos	<b>142</b>	
	<b>OS ESPETÁCULOS LOCAIS EM DESTAQUE</b> Paulo César Casanova	<b>46</b>	<b>EM JULHO, RIO PRETO ESTÁ ARTISTA!</b> Jorge Vermelho	<b>148</b>	
	<b>A MECA DO TEATRO</b> Cláudio Lucchesi	<b>48</b>	<b>TODOS OS ESPETÁCULOS</b>	<b>155</b>	
	<b>A ETERNA LUTA DA ARTE</b> Zezé Aziz	<b>52</b>	<b>DESCE O PANO</b>	<b>193</b>	
	<b>HORA DE EVOLUIR</b> Wander Ferreira Junnior	<b>56</b>	<b>NOSSA HOMENAGEM</b>	<b>196</b>	
	<b>TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIAS</b> Manoel Neves Filho	<b>60</b>			
	<b>A ARTE ALIMENTA A ARTE</b> Moema Kuyumjian	<b>62</b>			

## PREFÁCIO

## CELEBRAÇÃO E RESISTÊNCIA

Jorge Etecheber



**Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto**  
**Secretaria Municipal de Cultura**  
**Pedro Ganga**

*Ator, professor, diretor do Teatro Municipal (1997/2000) e Secretário Municipal de Cultura (2005/2008 e 2017/2020)*

O ano de 2019 é emblemático. Afinal, o Festival de Teatro de São José do Rio Preto (SP), um dos mais longevos e expressivos eventos do gênero no país, atinge três marcas respeitáveis na área cultural: 50 anos de existência, 40 edições realizadas e mais de 1.200 diferentes espetáculos apresentados ao longo desse período.

Essa história começou a ser escrita em 1969 graças

ao empenho de jovens artistas, como Dinorath do Valle, José Eduardo Vendramini e Humberto Sinibaldi Neto, e de intelectuais locais e do apoio financeiro, técnico e estrutural da Prefeitura Municipal.

A primeira edição, não se pode esquecer, foi promovida na esteira de um dos momentos políticos mais conturbados e complexos vividos no país: a Ditadura Militar.

A singela mostra promovida no improvisado auditório da Basílica de Nossa Senhora Aparecida representa uma pedra fundamental por transformar uma ideia (sonho coletivo da classe artística rio-pretense) em realidade.

Com empenho, dedicação, insistência, criatividade, resistência, arte e empolgação, as dificuldades – que não eram poucas – foram superadas.

No início e durante um bom tempo, a programação foi composta apenas por amadores, oriundos de diversas partes do Brasil. Ninguém recebia pagamento de cachê ou de salário – atores ou equipe de produção – para participar. Esse detalhe, no entanto, não foi impedimento para levar o projeto adiante e buscar, de forma constante, o aprimoramento e a excelência artística.

Grupos de São Paulo ao Rio Grande do Sul, de Minas Gerais ao Ceará, do Paraná a Pernambuco, entre outros lugares, respeitados atores, aclamados diretores e grandes montagens passaram pela cidade e deixaram marcas profundas - tanto no público como nos artistas do município. Eles tiveram acesso a outras tradições, técnicas e concepções sobre o teatro. Foi uma verdadeira revolução cultural.

Apesar do empenho de diversas figuras públicas, por falta de verba, o Festival não ocorreu entre 1973 e 1981. Mas ressurgiu, é verdade. A partir de meados da década de 1980, encontrou outro rumo e passou por modificações acentuadas. Grupos profissionais começaram a participar. Primeiro, na abertura e no encerramento. Depois, ocuparam espaço cada vez maior no programa.

Também houve a criação de mostras paralelas à programação principal, espetáculos em diversos pontos da cidade e melhoria na hospedagem: os visitantes deixaram os alojamentos da Casa de Cultura e foram alocados em hotéis. São José do Rio Preto se tornou um polo nacional artístico, com a revelação de grandes nomes para o teatro, a televisão e o cinema.

Na década de 1990, não aconteceram avanços significativos ou retrocessos traumáticos. O estático cenário, entretanto, mostrou a necessidade de uma alteração na rota. E ela aconteceu.

A partir de 2001, surgiu o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto – o FIT. Sem se esquecer de sua longa jornada até então, o Festival foi recriado, recebeu outro conceito e se internacionalizou.

A ideia consiste em proporcionar o diálogo de São José do Rio Preto com a cena contemporânea. Para levar esse grande objetivo adiante, a Prefeitura Municipal se associou a um novo e importante parceiro: o Sesc São Paulo.

A proposta deste livro-catálogo surgiu na Secretaria Municipal de Cultura justamente para resguardar, com a devida deferência, os principais momentos, fatos e acontecimentos dos primeiros 50 anos do Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Diretores, atores, gestores e artistas, cada qual à sua maneira, ajudaram a contar essa narrativa, que está viva, cheia de energia e em pleno desenvolvimento.

A obra é uma justa homenagem às pessoas que trabalharam como voluntários, ao público que compareceu às sessões, aos profissionais que exibiram suas obras, aos gestores, coordenadores e técnicos e aos servidores públicos que se empenharam para que o Festival de Teatro de São José do Rio Preto se tornasse realidade.

Todos vocês, sem exceção, são parte da história do teatro brasileiro.

Arquivo Dinerath do Valle



Reunião que definiu a criação do Festival de Teatro de Rio Preto, em maio de 1969. Da esquerda para a direita: Dinerath do Valle, Ricardo Albuquerque, José Reinaldo Barbosa, Nair Rocha, Humberto Sinibaldi Neto, Maria Cristina Miceli, José Eduardo Vendramini e o prefeito Adail Vetorazzo

# 1960

Humberto Sinibaldi Neto

**Presidente da Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense à época**

Adail Vetorazzo

**Prefeito de São José do Rio Preto à época**

## **CONVERSA DE GABINETE**

Humberto - Topa fazer um Festival de Teatro Amador em São José do Rio Preto?

Adail - Mas, como?

Humberto - A gente tem tempo para fazer.

Adail - Para quando?

Humberto - Julho (maio estava em curso).

Adail - Quanto custa?

Humberto - Uns 5 mil cruzeiros novos.

Adail - Ótimo. Eu topo.

# O INÍCIO

O mundo passou por irreversíveis transformações políticas, sociais, comportamentais e culturais na década de 1960. Foi um tempo intenso – para o bem e para o mal - de mudança na postura, de se reinventar como pessoa e sociedade, de conquistar espaço, de se expressar livremente, de lutar (se necessário) e de protestar em busca de direitos essenciais e de igualdade.

Nesse contexto de quebra de paradigmas, inseriu-se São José do Rio Preto - um pacato município do interior paulista, distante demais das capitais. Uma característica, no entanto, não pode ser ignorada: a rotina da cidade se sustentava em costumes tradicionais e provincianos, a despeito de louváveis ações solitárias. Mesmo assim, a terra de São José não passou incólume a esse momento globalizado. Pelo contrário.

Uma profícua geração de jovens artistas e de intelectuais locais, com visão que ultrapassou as linhas imaginárias municipais, encontrou no teatro a expressão ideal para extravasar, com urgência, o que sentiam e o que es-

tava suspenso, por dizer.

Sem amarras, sem meio-termo, sem medo, apresentaram no palco seus pensamentos, questionamentos, poesia, assuntos represados, visões, leituras de mundo, devaneios e propostas. Essa revolução cultural resultou, em 1969, na realização da primeira edição do Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto, cujo impacto inicial foi regional, depois nacional e, por último, internacional.

Mesmo com todos os senões, o evento venceu a barreira teórica e aconteceu; repetiu-se; solidificou-se; parou por falta de verba; retornou com força; amadureceu; venceu barreiras; cresceu; mudou de status; internacionalizou-se e atinge, em 2019, com todo mérito, meio século de existência e de intensa contribuição à produção teatral do Brasil.

Os primeiros 50 anos dessa história, em plena construção e desenvolvimento, serão contados nas páginas seguintes a partir de vários olhares, perspectivas e opiniões – a pluralidade, aliás, é marca essencial do Festival.

Antes de ingressar nesse mérito, é necessário resgatar o passado, devidamente retido em um canto especial entre os registros oficiais e as reminiscências pessoais. A inclusão de São José do Rio Preto como importante polo de fomento ao teatro foi possível, essencialmente, graças a três fatos emblemáticos no campo da cultura.

Em 1955, Nelson Castro fundou o Grupo Teatral Rio-pretense (GTR). As iniciativas nessa seara artística, até então, ocorriam mais de forma individual do que coletiva. Com sólidas bases erguidas, abriu-se caminho nos anos vindouros para a realização de diversos espetáculos em São José do Rio Preto, dos quais uma parte superou os limites regionais e chamou a atenção de forma ampla.

Na década de 1960, foi instituído o Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo. Realizado anualmente pela Secretaria de Cultura, contava com eliminatórias que terminavam em uma grandiosa final. Incentivou a produção de peças, movimentou toda a cadeia teatral e cativou a população em emocionantes disputas. São José do Rio Preto integrou esse movimento, tanto abrigando etapas quanto competindo.

Por fim, a Casa de Cultura foi inaugurada no dia 19 de julho de 1968. Com a coordenação da escritora Dinorath do Valle, a instituição honrou seu nome ao se tornar um templo da arte, de aprendizado, de conhecimento, de combustão, de informação qualificada, de produção com frentes em vários campos do saber e de desenvolvimento do pensamento crítico.

Esses três fatores, somados à geração de artistas que despontava, contribuíram para a realização do Festival de Teatro. Em outros termos: o Grupo Jovem da Casa de Cultura, dirigido por José Eduardo Vendramini, escolheu ‘A Mandrágora’, obra-prima renascentista de Nicolau Maquiavel, para encenar e, assim, participar de festivais no estado de São Paulo. Deu certo.

Em 1968, a trupe cumpriu importante papel na final do Festival Estadual, em Ribeirão Preto, e voltou para casa com diversos prêmios na bagagem. O desempenho foi tão positivo que, no ano seguinte, recebeu convite para participar do Festival Nacional de Teatro Amador de São Carlos (SP) – uma oportunidade enorme, que não foi depositada na vala do desperdício. Mais uma vez, a montagem rio-pretense sobressai.

Como forma de agradecer o incentivo público e preparar o terreno para novas empreitadas, a companhia e Dinorath do Valle se dirigiram até o gabinete do então prefeito de São José do Rio Preto, Adail Vetorazzo, um apaixonado por teatro, com o objetivo de expor o troféu conquistado como legítimo representante da cidade. Durante a conversa, o improvável surgiu.

Humberto Sinibaldi Neto, que atuou como ator em ‘A Mandrágora’ e ocupava a presidência da Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense, provocou o prefeito (com a informalidade que só a amizade pode proporcionar) a realizar um festival de teatro em casa, para o público doméstico. Apresentou estimativas de custo, eventual data e metas primordiais. Qual a surpresa: a ideia foi aceita!

Ao mesmo tempo, Dinorath, Humberto e Vendramini sentiram uma genuína euforia e uma escaldante preocupação na saída da Prefeitura. Embora não exista explicação lógica na ciência, essa mistura de sentimentos é perfeitamente possível.

O trio recebeu sinal verde do Poder Público para colocar em prática o audacioso projeto. O problema é que a missão era praticamente impossível. Os desafios se encaixavam na categoria do superlativo, ou seja, apenas três meses para a produção, verba reduzida para custear os gastos operacionais, montagem de um bom programa e falta de um teatro municipal – em 1969, foi iniciada, a passos lentos, a construção do prédio. Ninguém desanimou diante do desafio.

A primeira ação prática (e também fundamental) foi escolher o lugar adequado e fechar as datas. Sem um teatro à disposição, escolheram o Auditório São Francisco de Assis, no prédio anexo à Basílica Nossa Senhora Aparecida, na Boa Vista. O espaço tinha palco, arquibancada em degrau, ótima localização e capacidade para receber até 500 pessoas. Muito bom, a princípio.

Como frequentavam festivais de forma contumaz, os organizadores estabeleceram laços fraternos com vários grupos Brasil afora. Com conhecimento das melhores produções ativas no momento, fecharam a programação com 12 peças oriundas de três estados: São Paulo (maioria), Paraná e Minas Gerais. Desde a primeira edição, o Festival, a partir dos votos de um júri-técnico e altamente qualificado, premiou itens como melhor espetáculo, direção, ator, atriz, cenário, figurino e iluminação.

Não ocorreu o pagamento de cachê aos participantes – não havia dinheiro disponível para qualquer investimento além da hospedagem em alojamento coletivo instalado na Casa de Cultura, da alimentação e da contratação da aparelhagem técnica.

Até então, a cidade estava relativamente protegida em uma bolha criada pela distância dos grandes centros culturais do país. Entre 6 a 17 de julho, porém, iniciou-se um tempo de mudança, irreversível, com a vinda de pessoas do ramo teatral, com seus conceitos, cores vivas, vestimentas descoladas e novas informações. A realidade, então, transformou-se.

Não se pode esquecer que, em 1969, estava em vigor o Ato Institucional número 5, o mais duro momento da Ditadura Militar. O território onde se desenrolava o Festival, porém, foi preservado de qualquer ato arbitrário, violento ou agressivo, embora a vigilância estivesse próxima. Nesse ambiente, os atores tinham liberdade para conversar sobre o regime, a política, as perseguições a quem tinha um ponto

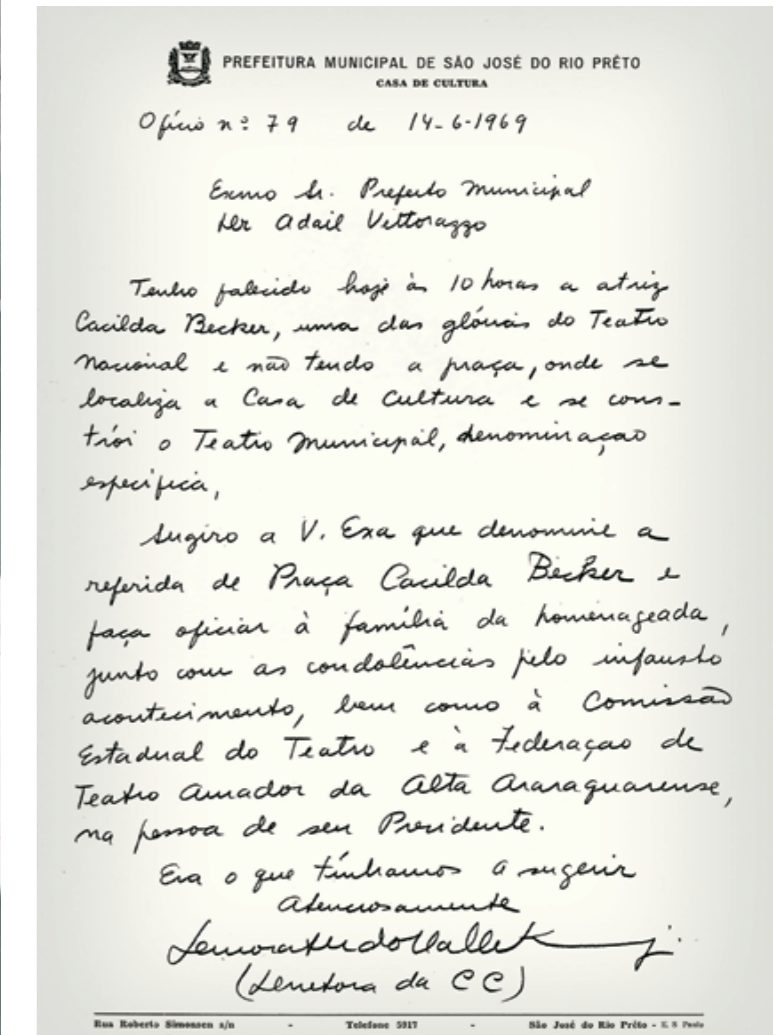


Acervo Dinorath do Valle

Dinorath do Valle ao lado de autoridades, na década de 1960, durante lançamento da pedra fundamental para a construção do Teatro Municipal

de vista diferente, os protestos, as pessoas que desapareciam subitamente e os rumos da nação.

Sim, é verdade: o Festival de Teatro de São José do Rio Preto nasceu com o DNA da resistência, da insistência, da arte, da coletividade, da criatividade, do trabalho em parceria, do questionar, do emocionar e do buscar respostas para as mais urgentes dúvidas humanas.



No mesmo dia em que Cacilda Becker morreu, a diretora da Casa de Cultura, Dinorath do Valle, enviou ofício ao prefeito Adail Vettorazzo solicitando que a Praça do Teatro Municipal fosse batizada com o nome da reconhecida atriz

## ENTREVISTA

# COMO NASCE UM FESTIVAL

Arquivo pessoal



**Humberto Sinibaldi Neto**

*Fundador do Festival*

As histórias de Humberto Sinibaldi Neto e do Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto se confundem, entrelaçam-se e estão interligadas de forma umbilical. Esse dentista com alma de artista ocupou a presidência do evento nacional em 19 de suas 21 edições.

Ator, diretor, figurinista, cenógrafo e coreógrafo, Humberto participou ativamente, ao lado de outros expoentes rio-pretenses, do importante movimento cultural que transformou a pacata cidade de interior, a partir da década de 1960, em um pulsante centro para troca de ideias, informações, opiniões, cultura e impressões. Em plena Ditadura Militar!

Esteve presente em todas as etapas da criação, do de-

envolvimento, do amadurecimento e do crescimento do Festival, que se tornou referência nacional.

As dificuldades, no entanto, não foram pequenas. Desde o início houve reduzida verba pública e, por outro lado, responsabilidades grandiosas e onerosas, como hospedagem, alimentação, contratação de equipamentos técnicos e deslocamentos.

Com criatividade, pioneirismo, empreendedorismo e ousadia, Humberto e seus contemporâneos ofereceram grande contribuição para a arte brasileira.

Suas lembranças, vivas, encetam antes mesmo da pedra fundamental do Festival.

## Quais caminhos foram percorridos até a criação do primeiro Festival em 1969?

*Humberto Sinibaldi Neto* - Desde a infância, faço teatro. Saí da cidade para estudar odontologia. Em 1964, eu me casei e voltei para São José do Rio Preto, onde existia um movimento teatral com figuras como Nelson Castro e José Eduardo Vendramini. Nesta época, surgiu o Festival de Teatro desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura. Cada região contava com uma federação. A nossa foi chamada de Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense. A competição era realizada anualmente e contava com eliminatórias que terminavam em uma grande final.

## Como ingressou neste movimento?

*Humberto* - Criamos um teatrinho de bolso no terceiro andar do Edifício Cury, no Centro. Mas chegou um ponto em que não havia dinheiro para pagar o aluguel. A Dinorath do Valle nos deu uma sala na Casa de Cultura e a gente se transferiu para lá - teatro e federação, da qual eu me tornei presidente em 1969. Neste momento, também foi fundado o Teatro Jovem.

## O Festival de Teatro do Estado impulsionou a cidade?

*Humberto* - O Vendramini dirigiu um espetáculo com a finalidade de disputar festivais. Além de mim, ele chamou Fábio Marques dos Santos, Raíldo Vianna, José Reinaldo Barbosa, Ricardo Albuquerque, Maria Cristina Miceli e Nair Rocha para encenar 'A Mandrágora', do Maquiavel. Ensaíamos e nos classificamos para a final do Festival Estadual de Teatro promovido em 1968, em Ribeirão Preto. Foi ótimo. Eu ganhei menção honrosa como ator coadjuvante, enquanto que o Vendramini ficou com os prêmios de figurino e cenografia. Em razão do nosso desempenho, recebemos convite para participar, em maio de 1969, do 2º Festival Nacional de Teatro de São Carlos (SP), com diversos artistas. Ganhamos todos os prêmios.

## Qual impacto causado em São José do Rio Preto?

*Humberto* - O grupo sempre foi incentivado pelo prefeito

Adail Vetorazzo, um apaixonado por teatro. Como forma de agradecê-lo, a companhia, e também Dinorath do Valle, foi até a Prefeitura levar o troféu que ganhamos representando a cidade. Durante a visita, eu e o prefeito conversamos sobre a possibilidade de promover um festival no município. Ele topou na hora. Eu e meus colegas saímos do gabinete e começamos a pensar em um local para fazer.

## Sem contar com um Teatro Municipal, qual a solução encontrada?

*Humberto* - Na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, existia o Auditório São Francisco de Assis, que recebia desde casamentos a apresentações culturais. Tinha um palco pequeno, arquibancada em degrau e cadeiras de palha. Era o lugar ideal. Na época, os Marianos tomavam conta do imóvel. Nós conversamos e conseguimos as datas. Para a primeira edição, a Prefeitura reformou os camarins e fez um piso novo no palco.

## O pouco tempo para organização não prejudicou o lado artístico?

*Humberto* - Na estada em São Carlos, fizemos contato com grupos teatrais de várias partes do Brasil. Assim, trouxemos dez companhias. O maior empecilho foi o tempo, bem curto. Nós começamos um festival pequeno, mas de qualidade, com peças que a gente conhecia. Havia um programa sério. A gente se preocupou até com discussão e reflexão. Depois das apresentações, havia debates. Outra questão importante: a verba. Dinheiro veio só da Prefeitura. Assim, alojamos os artistas em salas da Casa da Cultura. A alimentação era feita ali também. Todos os participantes eram voluntários.

## Como foi a recepção do rio-pretense?

*Humberto* - Era uma 'briga' para entrar no teatro. Só cabiam 500 pessoas. Lotava toda noite. Na porta, sempre ficava gente para fora. O Festival se tornou o assunto da cidade. Não se falava em outra coisa.



**O contato da organização com os grupos era aproximado?**

*Humberto* – Ficamos dez dias com as companhias. Eu levantava às cinco da manhã e ia ao antigo Ceasa buscar verduras e legumes para a cozinheira preparar as refeições. Chegavam doações também. Um oferecia carne, outro emprestava colchão. Havia uma união de São José do Rio Preto para o Festival ocorrer da melhor forma possível.

**Como as peças foram apresentadas no prédio da Igreja, houve reprimenda motivada pelo teor das encenações?**

*Humberto* – Nunca tivemos impedimento ou problema. O teatro ficava em um salão de festa anexo à Basílica. O nosso medo era um só: como a sociedade reagiria à presença dos atores. Tinha muito 'bicho-grilo'. Na época, vigorava o conceito de que só faziam teatro os 'viados' e as putas. Era uma opinião equivocada não só de São José do Rio Preto, mas nacional. Por esse motivo, ficávamos em nosso reduto. Não tivemos problemas graves com a polícia, mesmo com o Ato Institucional 5 em vigor.

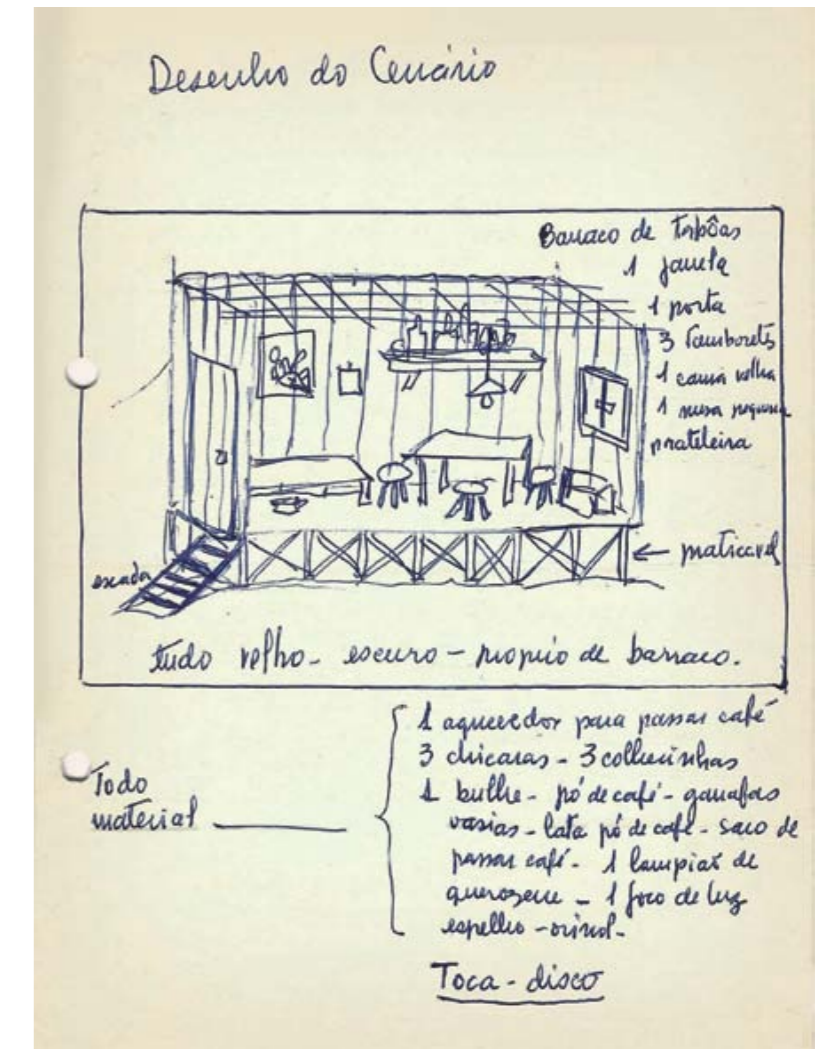
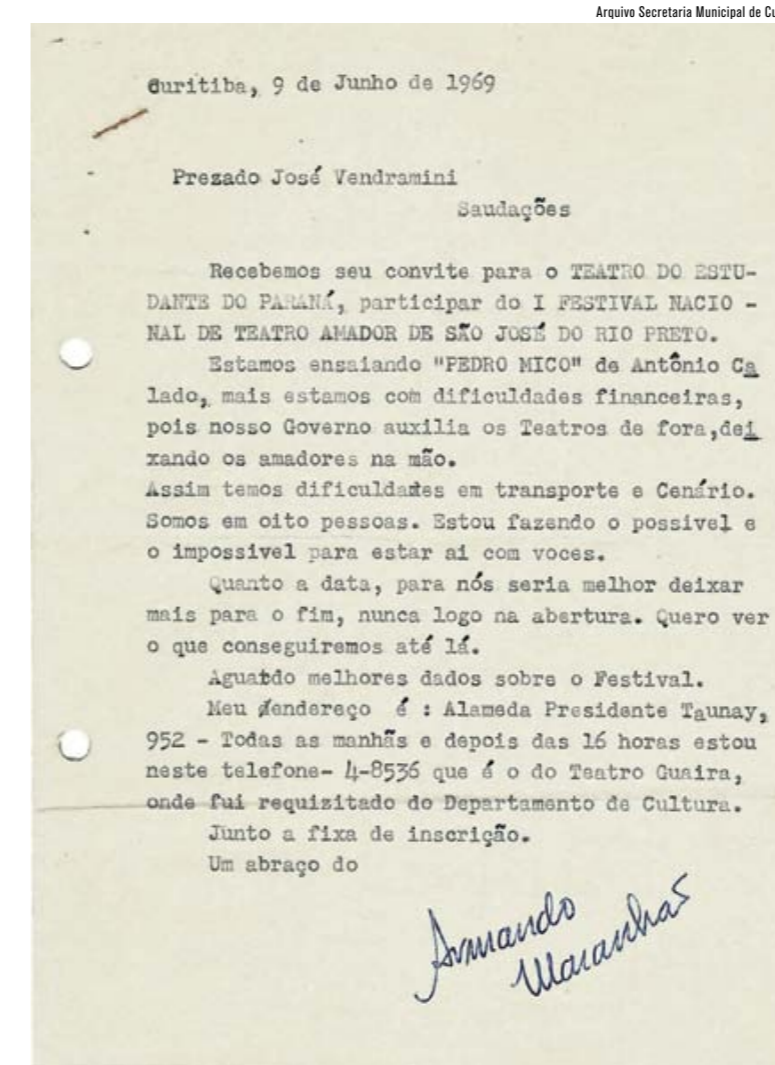
**O espaço teatral tornou-se um ponto de resistência?**

*Humberto* – Sim, é fato. A gente falava e discutia a Ditadura Militar, o andamento do regime, questões da política. Era um território para conversar. A Polícia Federal rondava, mas jamais houve um fato grave. Nos anos seguintes, aconteceram duas ocorrências. Teve um ator que ficou preso por questão política. Era ligado a um partido.

**O Serviço Nacional de Informações, que atuava como suporte investigativo ao regime, 'visitou' o Festival?**

*Humberto* – Eu recebi um recado: está chegando o pessoal do SNI. Três agentes estão na cidade. Um foi para a Prefeitura, um para a delegacia e outro para a Casa de Cultura. Buscaram informações e checaram as ocorrências. Não havia, porém, registros de confusão. O evento não era independente, mas, sim, promovido pelo Executivo. O Festival de Teatro de São José do Rio Preto se tornou um território sagrado da arte e do livre pensamento. Sempre foi assim.

“ Era uma ‘briga’ para entrar no teatro. Só cabiam 500 pessoas. Lotava toda noite. Na porta, sempre ficava gente para fora. O Festival se tornou o assunto da cidade ”



Carta enviada pelo diretor Armando Maranhão a José Eduardo Vendramini, em 9 de junho de 1969. O grupo enviou um desenho do cenário

## ARTIGO

# LEMBRANÇAS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

João Caldas Filho



**José Eduardo Vendramini**

*Fundador do Festival*

*É dramaturgo, encenador e professor titular emérito aposentado do Departamento de Artes Cênicas da USP*

Na década de 1960, sempre em São José do Rio Preto, eu dirigi vários espetáculos: 'O Terrível Capitão do Mato', de Martins Pena, em 1964; 'O Casamento Forçado', de Molière, em 1965; 'À Margem da Vida', de Tennessee Williams, também em 1965; 'Ponto de Partida', de minha autoria, em 1967; 'Romeu e Julieta', de William Shakespeare, em 1968. Em 1969, mesclando atores de dois grupos, encenei 'A Mandrágora', de Maquiavel, atingindo grande competência, em termos de comédia clássica (o que foi posteriormente elogiado e atestado por Paschoal Carlos

Magno). O grupo estreia no palco do Automóvel Clube e, em seguida, concorre e vence a Fase Estadual do Festival Nacional de Teatro Amador de São Carlos.

Estimulado, o grupo e mais alguns amadores promovem, com a Prefeitura Municipal (sob a condução do então Prefeito Adail Vetorazzo), e em condições absolutamente precárias, o I Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto, evento que, apesar de algumas interrupções, cresceu de forma gigantesca, vindo a se transformar numa das mais importantes mostras do gênero, em

âmbito nacional e, posteriormente, internacional.

Somos três os fundadores do primeiro Festival: Dinorath do Valle, Humberto Sinibaldi Neto e eu, José Eduardo Vendramini. As três primeiras edições foram realizadas no Auditório da Basílica.

A repetição anual e a generosidade com que os organizadores acolhiam os participantes e interessados tornaram o Festival de Rio Preto um foco de resistência política, imediatamente bloqueado pelos órgãos da repressão. Nos bastidores do Festival, nós, os amadores da cidade, fazíamos tudo, da cozinha à cenotécnica e à bilheteria. Invocado durante um mês por gente que vinha do Oiapoque ao Chuí,

o deus grego do teatro Dionísio não se fazia de rogado e comparecia solenemente, com toda pompa e circunstância.

Terminado o primeiro Festival Nacional, não conseguimos nos afastar da Casa de Cultura. Parecíamos querer reter um pouco daquele momento mágico que – como o navio de Amarcord, de Fellini – tinha passado tão rápido por nossa cidade - mas tão cheio de luzes.

Em julho de 1972, o Teatro Municipal de São José do Rio Preto (do qual lancei – alguns anos antes - a pedra fundamental, ao lado de Beatriz Sanches), apesar de inacabado, é corajosamente inaugurado com a quarta edição do Festival Nacional. Que agora completa 50 anos!

“  
**A repetição anual e a generosidade com que os organizadores acolhiam os participantes e interessados tornaram o Festival de Rio Preto um foco de resistência política**  
 ”

## ENTREVISTA

# BUSCA PELA EXCELÊNCIA CÊNICA

Divulgação



Carlos Gardin

A música foi a primeira expressão artística com a qual o rio-pretense Carlos Gardin teve contato próximo. E foi justamente como cantor que entrou no Grupo de Teatro de Nelson Castro e participou de duas peças. Não deixou o mundo cênico nunca mais.

Dividiu-se entre o teatro, inicialmente como voluntário do Festival, e a faculdade, como aluno de Letras da Fafi. Depois foi para São Paulo e ingressou na pós-graduação na PUC, onde trabalha desde 1978. É doutor em comunicação e semiótica.

Ator, diretor, professor universitário e músico. É um dos fundadores do Centro de Artes Cênicas do Teatro de Universidade Católica (Tuca) e do Núcleo de Pesquisa Teatral – Trupitê Teatro. Montou espetáculos com repercussão nacional.

Jamais deixou de participar do Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Foi jurado, debatedor e curador de edições nacionais e internacionais. Além do valor afetivo, o evento deixou uma marca indelével em seu pensamento crítico: a busca da qualidade cênica como arte.

## Como era o teatro de São José do Rio Preto na época do primeiro Festival?

*Carlos Gardin* – O Festival de Teatro de Rio Preto e também a construção do Teatro Municipal se deveram ao movimento da cena teatral da época, que era rica e contava com grupos amadores de excelência. Havia participação em festivais estaduais e nacionais e cada região do estado de São Paulo se especializou em um tipo de teatro. Os grupos faziam pesquisas sobre encenação e estudavam métodos de teatro.

## Realizar um Festival de teatro no município era desejo da comunidade artística?

*Gardin* – Devido à participação dos grupos rio-pretenses em festivais, sempre foi um sonho a criação de um evento assim. É preciso analisar que tínhamos apoio da tutora e amiga Dinorath do Valle e da Casa de Cultura, onde havia salas para estudos e pesquisas. Promover em 1969 um festival em Rio Preto significou, enfim, colocar a cidade na vanguarda da cena teatral do Estado e do Brasil.

## Nesse período, como se inseriu na área cultural?

*Gardin* – Eu era cantor. Foi assim que fui chamado para ingressar no grupo de teatro de Nelson Castro. Tive participação em duas peças. Fui para os Estados Unidos em julho de 1967, com bolsa de estudos para terminar o colegial. Retornei em julho de 1968 e em 1969 ingressei na Faculdade de Letras. Na faculdade, criamos um grupo de teatro e convidamos o diretor José Eduardo Vendramini para nos dirigir. Montamos ‘A Sagrada Família’, cujo cenário foi executado por José Carlos Serroni (hoje um dos melhores cenógrafos do país). Isso foi em 1970. A partir daí, comecei a ter uma atividade de acompanhar e me tornar voluntário na preparação do Festival. Montamos também, sob a direção de Miguel Ângelo Fortunato, ‘Antígone’, de Sófocles, que teve a participação do diretor Celso Nunes na preparação corporal com o método Grotowski.

## Qual a sua participação nos festivais?

*Gardin* – A partir da segunda edição, tive sempre alguma participação: como voluntário e auxiliar de cozinha. Nessa época, todos os grupos do Festival permaneciam o tempo todo alojados em algum espaço e a comida era feita na Casa de Cultura. Um lado positivo que destaco foi a convivência dos artistas e a troca de informações. Alguns deles, posteriormente, transformaram-se em nomes de importância nacional. Participei do júri (o Festival era competitivo) e da mediação de debates.

## Havia divergências?

*Gardin* – A cidade sempre abraçou o Festival de forma positiva. Uma das coisas mais importantes foi o interesse do público rio-pretense em participar e debater as peças em cartaz. Houve uma troca positiva, ainda há, e a cada ano, uma expectativa grande do público. Sempre tivemos casas lotadas. Vale lembrar que isso ocorreu em uma fase extremamente difícil para o país, com a censura forte e sempre presente.

## Qual a importância do Festival de São José do Rio Preto em sua história?

*Gardin* – De certa forma, ditou minha carreira. Quando terminei a faculdade, ingressei na pós-graduação na PUC-SP. Fui convidado a participar da reconstrução do Teatro Tuca, que havia sido incendiado. Ajudei a criar um Centro de Artes Cênicas com grupo de pesquisa e fundei o grupo Trupitê de Teatro, que me levou a criar pesquisas e inúmeras montagens que entraram em cartaz em São Paulo e viajaram pelo Brasil. O trabalho foi publicado em um livro.

## Qual marca o Festival deixou em sua carreira?

*Gardin* – A busca da qualidade cênica como arte e, para isso, não basta apenas uma temática, mas um trabalho exaustivo de busca de precisão e de objetivos. Há que se ter muita pesquisa e preparação técnica para fazer do teatro uma arte.

ARTIGO

## COM TEATRO

Arquivo pessoal

**VDinorath do Valle (In memoriam)***Fundadora do Festival**Foi escritora, artista plástica, diretora da Casa de Cultura, professora e historiadora*

Nossa sede de teatro vem de longe: antes de 1910 aqui se formou o primeiro grupo de teatro amador: Alarico Lex encenou quatro dramalhões portugueses ao gosto da época, com enorme repercussão. Seu trabalho resultou na formação da Associação Teatral Rio-pretense, dirigida pelo pioneiro abridor de estradas Capitão José Maria.

Adquiriu um terreno na Rua Voluntários de São Paulo (ao lado do Fórum) e nele iniciou a construção do Teatro da Cidade. O dinheiro inicial foi da recém-criada Sociedade Anônima, a primeira que tivemos. Uma sociedade pró-teatro nos anos dez (!), que vendia ações a 100 mil réis, parceladas em cotas de 25 mil réis. O sonho não

se concretizou por razão espúria: entre 1907 e 1908 fomos invadidos pela grande novidade da época: o cinema ambulante. Nossa primeira casa de cinema foi o Pathé Cinema na Rua Jorge Tibiriçá. Do ambicionado teatro restaram ruínas que resistiram aos anos, testemunhando o sonho visionário dos primeiros amadores.

O cinema em alta não conseguiu derrotar totalmente o gosto pelo teatro. Passado o sabor da novidade, fomos visitados com certa frequência por companhias dramáticas e burlescas. Em 1911, a Empresa de Espetáculos Carrara apareceu pela primeira vez e vendeu todas as “assignaturas” para quatro espetáculos: ‘A Mulher Român-

tica’, ‘Feras Humana’, ‘Deus e a Natureza’ e o ‘Beijo de Judas’. Peças circenses cujos autores nem foram anunciados. Em 1912 a coisa melhorou: chegou até nós a Estrada de Ferro Araraquarense. Com o trem diário ficou mais fácil vir de São Paulo a Rio Preto, as estradas de rodagem eram terríveis. Na época, tínhamos 1.200 habitantes e 200 casas. Mas íamos ao teatro.

Nos anos 20 (quando nossa população era de 27.800 habitantes e a cidade contava com 4 mil casas), a Companhia mais importante que nos visitou foi a Arruda de Comédias Burlescas e Peças Regionais dirigida por Chaves Florence. Suas apresentações eram no palquinho do Cine Eden Park, bem como as da Companhia de Revistas de Costumes que trouxe Cá Entre Nós de Gonçalves Filho. Nos anos 30, paralelamente aos constantes Recitais de Declamação, de Violeiros e de Pianistas (a cidade tinha 150 pianos), que foram a coqueluche local, a Troupe Zapparelli e sua ‘Comédia Parisiense’ fez aqui minitemporada com Viva a Folia, estrelando Alma de Andrade e Sebastião Arruda. Em 1933, a cidade preparou seu primeiro Festival de Variedades (teatro, dança, canto popular e clássico) no palco do Cine Capitólio.

Tínhamos até um crítico que fazia avaliações no jornal A Notícia. Sobre o espetáculo profissional de outubro de 33 ele escreveu: “Foi levada à cena ontem no Politema a joia teatral, sublime peça do Camillo Castello Branco, Amor de Perdição com Pepa François e Maria de Almeida”. Em dezembro, o Cine São José programou a Companhia de Comédias Danilo de Oliveira com montagens aplaudidíssimas.

Em 34 a colônia italiana local tentou criar a Ópera Dopolavoro que foi reduzida a uma série de conferências no Rio Preto Esporte Clube. Em 38 o Colégio Santo André promoveu sua Festa Teatral, que A Folha chamou de “exibição de pura arte”. Nesse mesmo ano tivemos a apre-

sentação – pasmem! – de ‘La Bohème’ de Puccini no Cine Teatro São José pela Companhia de óperas Dora Solima.

No mesmo palco, Emma D’Ávila mostrou duas revistas: ‘Chá do Sossego’ e ‘Seu Condutor’ (com “cenários vistosos, bom guarda-roupa, boa montagem, vivacidade nos diálogos e boas tessitura de cena” conforme o crítico José Wanderley). Nos anos 40 ressurgiu a força do teatro amador com o Grêmio Teatral Mocidade, que mostrou ‘Marido número cinco’ de Paulo Magalhães com o radiologista Silveira Lima. Em 1949 já tínhamos 50.000 habitantes e 9 mil prédios.

O grupo amador mais antigo de Rio Preto é o Grupo Teatral Rio-pretense, fundado em 1955 por Nelson Castro que, em seus 31 anos de produtiva existência, encenou sempre ao menos uma peça por ano. Esse vigoroso passado teatral floriu nos anos 60, quando muitos grupos, atores e diretores de alto nível ganharam prêmios estaduais. E acabaram desencadeando a instalação da dinâmica Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense (com sede na Casa de Cultura a partir de 1968).

Nosso 1º Festival Nacional de Teatro Amador foi feito isoladamente pela Prefeitura Municipal e por nós (Humberto, Vendramini e eu). O pessoal dormiu na Casa de Cultura e os espetáculos foram apresentados no Auditório São Francisco de Assis da Basílica Nossa Senhora Aparecida na Boa Vista. Seguiram-se três festivais.

**Trecho do texto escrito para o programa do Festival de 1986**

# A CONSOLIDAÇÃO

A despeito das dificuldades estruturais, financeiras e operacionais, São José do Rio Preto venceu a temida barreira da estreia e começou um evento com abrangência nacional. Na primeira edição, a proposta teórica foi convertida em realidade com o apoio de seis mil pessoas nos espetáculos - média de 500 pessoas por noite, e com pagamento de ingresso! Em razão do bom resultado alcançado, o Poder Público ofereceu sinal positivo para a produção da segunda edição, o que garantiu o financiamento dos custos básicos.

Dois características não mudaram em 1970: a verba pública (modesta) e o local (que, fato, atendeu à necessidade). Mas, em compensação, houve um ano (ou tempo próximo a isso) para trabalhar com dedicação, definir o programa com as melhores atrações do cenário nacional, refletir sobre o que funcionou e aperfeiçoar as minúcias da produção. Com esse norte bem delineado, foi possível

avançar em diversas frentes. O número de peças programadas chegou a 15 – três a mais do que foi oferecido em 1969.

Também houve multiplicação das linguagens, com a vinda de representantes de cinco estados: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Ceará. Ocorreu, portanto, a primeira participação de uma companhia do Nordeste, com 'O Simpático Jeremias', de Fortaleza (CE). O grupo Comédia Cearense não veio passear no noroeste paulista. Distante disso. Entregou uma obra com predicados e terminou ovacionada pelo público e pela crítica. Voltou para casa premiado.

No campo político, uma mudança não pode ser esquecida. A censura apertou o cerco a quem ousava divergir, mesmo artisticamente, do discurso oficial. No dia 6 de junho, Humberto Sinibaldi Neto, então presidente da Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense, promoveu uma reunião com integrantes de grupos teatrais na

Casa de Cultura, em São José do Rio Preto, e apresentou a novidade. A ação teve uma motivação: o regulamento do Festival de Teatro do Estado trouxe uma exigência que, mais tarde, tornou-se comum.

Um espetáculo teatral, assim como outras manifestações, só poderia ser encenado se portasse um certificado que liberava a apresentação. Para obter o documento, o grupo deveria promover um ensaio-geral, que era acompanhado por um representante do governo.

O censor produzia um relatório, onde apontava se o texto poderia ser executado em sua totalidade ou deveria ser cortado.

Apesar dessa alteração para intimidar os artistas e cercear ainda mais a liberdade, o segundo Festival de São José do Rio Preto transcorreu dentro da normalidade, sem sobressaltos ou ocorrências graves. Reportagem publicada no jornal A Notícia classificou a mostra como um 'fenômeno', em razão do sucesso de público. Ao subtrair possíveis exageros da conta, a matemática comprova realmente que algo importante aconteceu. Nada menos do que 200 profissionais, entre os quais atores, diretores e técnicos, trouxeram ao município suas obras. Para o rio-pretense, chance de conhecer outras realidades.

Os artistas premiados pelo júri-técnico foram agraciados com o troféu Arlequim, produzido por João Figueira. Houve pela primeira vez o júri popular. A discussão e a análise do fazer teatral estiveram presentes. No dia 15 de julho, foi promovido um debate sobre nudez no teatro, com participação do prefeito Adail Vetorazzo. A proposta não era só preencher o palco com trabalhos de reconhecido nível técnico, mas refletir e oferecer a oportunidade aos interessados de buscar um entendimento mais amplo das propostas. Nas três primeiras edições, Joana Lopes ministrou oficina sobre interpretação. Atividade formativa também é um dos pilares.

# 1970

Em sua fala na solenidade de abertura, o prefeito declarou a uma animada plateia que o próximo Festival, agendado para 1971, seria realizado no Teatro Municipal, que se encontrava em construção. A promessa, no entanto, não se concretizou. Na 3ª edição do Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto, a organização selecionou 17 peças de oito estados. A escolha do programa, baseada em critérios artísticos, trouxe maior representatividade e a participação de grupos de lugares cada vez mais distantes. Boa parte, em nada, lembrava obras amadoras, em razão do padrão elevado de encenação, atuação, cenografia e originalidade.

Além de São Paulo, estiverem presentes companhias do Rio de Janeiro, Paraná, Goiás, Paraíba, Ceará, Santa Catarina e Pernambuco. Para facilitar o acesso e oferecer mais conforto nas viagens, a organização solicitou à extinta companhia aérea Varig passagens gratuitas em diversos trechos. Em 9 de julho, chegou a resposta em um ofício. Pedido negado. A alegação é que uma Lei federal proibia a concessão de bilhetes com essa finalidade. Foi uma tentativa de profissionalização: a cada ano, buscava-se escalar um degrau. Nem sempre foi possível.

No campo político, uma decisão importante do Executivo. O prefeito Adail Vettorazzo publicou o decreto 1.063 no dia 14 de abril de 1971. Nele, determinou logo no primeiro artigo: 'fica instituído, como programação cultural do município, o Festival Nacional de Teatro a ser realizado anualmente na cidade'. Na mesma decisão, outorgou à Casa de Cultura e à Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense a responsabilidade de organizar e realizar o evento - na prática, os dois órgãos promoveram as duas edições anteriores em parceria. Também oficializou que a quantia obtida com a venda de ingressos deveria ser investida, obrigatoriamente, no próprio Festival a fim de reduzir os custos cada vez mais representativos.

O alojamento clássico, Casa de Cultura, ficou pequeno com o aumento de participantes - naquela edição, os visitantes somaram 250 pessoas. Na própria Vila Universitária, a organização alocou pessoas em outros espaços físicos, como um hospital e a sala de embarque do antigo aeroporto. Segundo relatório da Prefeitura, o consumo diário atingia 25 quilos arroz, 12 quilos de feijão, 100 quilos de carne, 400 pães, 60 litros de leite, 200 litros de suco e 8 quilos de café. Para alimentar esse batalhão, foram escaladas quatro cozinheiras e cinco ajudantes.

Com grande esforço, o Festival aconteceu mais uma vez. A honra do encerramento coube ao Grupo de

Teatro Paulo Eiró, de São José do Rio Preto, composto por estudantes, todos adolescentes, da escola José Felício Miziara. A companhia dirigida por Miguel Ângelo Fortunato apresentou 'Antígone'.

A comédia 'Morro do Ouro', encenada pelo Grute, de Fortaleza (CE), foi eleita o melhor espetáculo. Os atores, dirigidos por Haroldo Serra, tinham apoio de um pequeno coral, que cantarolava os temas ao vivo. Uma dessas vezes, mais tarde, ficou célebre para o grande público e atende pelo nome de Elba Ramalho. Como chamou a atenção de diretores da Capital que estavam em São José do Rio Preto, a companhia acabou convidada para uma temporada em São Paulo. Elba ingressou no campo musical de corpo e alma e se tornou uma cantora reconhecida.

A cada ano, o saldo final trazia avanços, conquistas e novidades - pequenas ou representativas. Assim, mantinha-se o ritmo de desenvolvimento. Prova disso aconteceu em 1972. Quase que o Festival de São José do Rio Preto modificou seu rumo.

Mesmo com todas as barreiras enfrentadas pela produção para levar a cabo esse projeto, espalhou-se a informação, muito além do âmbito nacional e sem a celebridade da internet, de que uma pequena cidade paulista havia realizado três edições consecutivas de um festival de teatro. A notícia chegou mais longe que a imaginação é capaz de supor. Tanto que aconteceu a primeira inscrição de uma companhia estrangeira. O proponente foi o grupo Folidrome, formado por estudantes universitários de Nancy, na França. No dia 3 de junho, o jornal A Notícia publicou reportagem sobre o fato. O texto, enxuto, dizia que a presidente da Federação Nacional do Teatro Universitário da França, madame A.M. Duguet, enviou uma carta de inscrição:

– Senhores, Jack Lang, diretor do Festival Mundial do Teatro de Nancy, encarregou nossa Federation

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Os espetáculos só poderiam ser apresentados ao público se o grupo portasse uma autorização emitida pela Censura da Ditadura Militar

Nacionale de Théâtre Universitaire de transmitir informações do seu Festival junto aos teatros universitários da França. Imediatamente tomei contato com um dos melhores grupos de teatro universitário francês, o Felidrome, que prepara atualmente uma adaptação de D. Juan (Molière) e que estaria disponível a participar do Festival de São José do Rio Preto. Permito-me recomendar-lhe esse grupo francês para representar a França no Brasil. Para as despesas de viagem, coloco-me à sua disposição para entrar em contato com a Embaixada, pois esse grupo não profissional não pode evidentemente arcar com as despesas de viagem.

Com a indicação aceita pela organização, o espetáculo foi agendado para o dia 23 de julho. A vinda dos

franceses constou, inclusive, no programa oficial, onde foi anunciado, paralelamente ao 4º Festival Nacional, o 1º Festival Internacional Amador de Teatro de São José do Rio Preto. Mas não aconteceu como esperado. Por falta de recursos, a apresentação acabou cancelada poucos dias antes. Foi, de fato, a primeira tentativa de internacionalizar. Essa iniciativa não foi em vão. O tempo comprovou isso.

A edição trouxe 20 peças de nove Estados. Para a crítica, o vencedor foi o Grupo Núcleo de Londrina (PR) com 'O Verdugo', de Hilda Hilst. A montagem foi dirigida por Nitis Jacon, médica (por formação) nascida em Lençóis Paulistas e atriz, produtora e diretora (por paixão), com carreira construída no Paraná. Nessa época, São

José do Rio Preto refletia uma realidade nacional: poucas mulheres dirigiam espetáculos teatrais. Com talento, força, criatividade, combatividade, provocação e inovação, Nitis ajudou a mudar essa questão e, assim, abriu importante (e merecido) caminho para a participação feminina nessa função. Conquistou reconhecimento nacional com o trabalho à frente do Grupo Proteu, a partir de 1978.

Uma novidade marcante em 1972: o Teatro Municipal recebeu o Festival pela primeira vez, de uma forma que pode ser considerada precária. O prédio estava inacabado. Melhor: só estava pronto o básico da edificação. A obra foi iniciada em 1969 e prosseguiu em ritmo lento nos anos seguintes. O projeto deveria ter ficado pronto muito tempo antes. Em meados de 1960, o prefeito Lotf João Bassitt recebeu a primeira parcela da verba atribuída pelo Plano Estadual de Estímulo ao Teatro, da Secretaria de Estado da Cultura. Com o dinheiro, o gestor ergueu a Casa de Cultura e providenciou os alicerces do palco do teatro, cuja construção prosseguiu com verba municipal na gestão de Adail Vetorazzo.

Contar com um teatro era reivindicação da classe artística de São José do Rio Preto. Havia carência de um local adequado para abrigar peças, musicais, shows musicais e todo encontro de ordem cultural. Esse objetivo, no entanto, é mais antigo do que se pensa. É o que revelou Dinorath do Valle no programa do Festival de 1985.

– Cremos que São José do Rio Preto é uma das

poucas cidades interioranas que pode se orgulhar de ter se preocupado com teatro quando ainda era quase vila. De fato, em 1910, nossa história cultural aponta Alexandre Polari e Alarico Lex como os primeiros amadores de teatro a apresentar pecinhas de autores portugueses em salões locais. Polari, apaixonado pela arte teatral, sonhou alto: organizou uma Sociedade Anônima e vendeu ações para construir um Teatro Público. Comprou o terreno e chegou a erguer suas paredes. Em 1912, o teatro estava em construção “defronte ao cemitério” na Praça Barão Rio Branco (onde é hoje a Telesp).

O projeto pode até ter falhado no passado, mas o sonho jamais caiu em esquecimento. A classe artística não deixou isso acontecer. Mas apenas na década de 1970 é que se materializou. Na reta final da obra, a expectativa atingiu níveis estratosféricos. A estreia do teatro ocorreu, mesmo sem cadeiras e cortina, com total informalidade, em 20 de outubro de 1972. As atrações foram ‘Capa Verde e o Natal’, do Grupo Paulo Eiró, e recital de piano de Aracelis Chacon. Somente no dia 30 de janeiro do ano seguinte, deu-se a inauguração oficial da casa, composta por 415 poltronas e 180 holofotes. Para marcar a ocasião, foi promovido um concerto de piano. Dessa vez, Aracelis Chacon teve a companhia de Kalia Geromel e Ieda Beolchi. O coral da Igreja Presbiteriana se apresentou também.

Com o Festival Nacional de Teatro prestes a ser realizado, Humberto Sinibaldi Neto destaca que somen-

te as paredes, o contrapiso, o telhado e o palco estavam prontos. Lembra-se da ‘Casa’, de Vinicius de Moraes? Mais ou menos assim. Foi oferecido algo entre o básico e o suficiente. A produção, sempre ela, teve que correr para buscar alternativas e oferecer a mínima condição técnica.

– A gente comprou uns refletores mequetrefes e pegou as cadeiras de palha emprestadas do auditório da Basílica. Um grupo do Paraná estava em cena na mesma hora em que os funcionários terminavam de colocar as últimas tábuas que separavam o palco da coxia, destaca Humberto, que emprestou seu nome a partir de novembro de 1981 para batizar o teatro - hoje equipado com 390 assentos, palco com 12,5 metros de largura, sete metros de altura e 15,6 metros de profundidade. Como atenuante à precariedade, o governador Laudo Natel veio entregar os prêmios da disputa. São José do Rio Preto, cidade pequena, de interior, longe dos grandes centros, havia conquistado um ambiente adequado para levar ao público importantes trabalhos produzidos no cenário amador. Mas, por mais irônico que pareça, o evento parou de 1973 em diante. O elo se quebrou e a Prefeitura não pôde mais arcar com as despesas.

Para o Festival, o restante da década foi perdido. Mas, na outra ponta da cadeia, a produção teatral não parou. Bem diferente disso. Grandes espetáculos foram montados, como ‘The Zoo History’ e ‘O Choque das Raças’. Em 1973, o Teatro Comunicação trabalhou texto de Martins Pena com os

atores Márcia Vescovi, Batista de Oliveira, Luís Carlos Bardari, Derli Brianezi e Maria Luísa Pessin, que nasceu e começou sua profícua carreira em São José do Rio Preto. Malu Pessin, como ficou conhecida, atuou no teatro, com Antunes Filho, na televisão e no cinema.

Destacaram-se também produções como ‘A Turma’, ‘A Exceção da Regra’ e ‘A Megera Domada’, do Teatro Jovem da Casa de Cultura, ‘Piquenique no Front’, do Teatro Comunicação, e ‘O Guardador de Rebanhos’, do TUF.

Se tivesse avançado de forma ininterrupta pela década de 1970, certamente parte desses exemplos entraria na grade oficial. Mas não aconteceu assim, paciência. Se por um lado havia produções interessantes, por outro existia uma lacuna. O desejo de reativar o Festival de Teatro nunca parou de pulsar.

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



O diretor Haroldo Serra, do Grupo Grute, do Ceará, recebe premiação das mãos do prefeito Adail Vetorazzo no encerramento do Festival de 1971

“ São José do Rio Preto venceu a temida barreira da estreia e começou um evento com abrangência nacional ”

## ENTREVISTA

## DNA DO FESTIVAL

Arquivo pessoal



Romildo Sant'anna

Quase no mesmo período de seu despertar crítico e artístico, o professor, escritor, jornalista e diretor Romildo Sant'Anna começou a participar ativamente dos movimentos culturais de São José do Rio Preto.

A década de 1960 estava em curso. O teatro amador local se organizou e conquistou destaque além dos limites reais do município.

Romildo se formou professor de História da Arte, Literatura Hispano-americana e de Teoria da Literatura na

Unesp. E se tornou mestre, doutor e livre-docente nessas áreas. Escreveu livros, roteiros, fez televisão e dirigiu filmes.

Em toda sua produção na área cultural e trabalho acadêmico, ressalta que existe o DNA do Festival. Os motivos? A qualidade artística das peças, a variedade das produções de todo o país, as linguagens, os estilos, os estudos teóricos, os debates e as provocações deixaram marcas.

O Festival influenciou, de maneira decisiva, as artes nas terras de São José.

**Como foi seu primeiro relacionamento com o Festival?**

*Romildo Sant'Anna* – Em 1969, eu cursava o primeiro ano do curso Letras na FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Unesp de Rio Preto. Mantinha uma coluna cultural no Diário da Região, chamada 'Roda Viva' e meu interesse pelo teatro se despertou com as peças dirigidas por José Eduardo Vendramini, no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, especialmente 'O Terrível Capitão do Mato' (1964). Waldner Lui atuou nessa peça. Dinorath do Valle foi importante porque era uma professora tipo 'revolucionária' naquele colégio. Eu mesmo, inspirado em peças de circo, escrevi e montei um espetáculo de esquetes exibido na antiga Sede Pio XII. Havia também um teatro de bolso, na Rua Jorge Tibiriçá e ali Plínio Marcos apresentou 'Dois Perdidos Numa Noite Suja'. No antes e no depois, permeavam neste ambiente as peças do Grupo Teatral Rio-pretense, dirigido por Nelson Castro, numerosas em termos de público, apresentadas no Cine Ipiranga, um cineteatro de mais de mil lugares. O GTR remontava peças em cartaz na capital, principalmente do TBC – Teatro Brasileiro de Comédia. Dinorath, Vendramini, Nelson Castro formavam uma situação propícia ao nascimento do primeiro Festival Nacional de Teatro Amador. Assisti a algumas peças da primeira edição.

**Qual foi o impacto do Festival?**

*Romildo* – O Festival despertou na moçada uma febre pelo teatro. Já havia sido criada a Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense. Naquele mesmo ano, a Comissão Estadual de Teatro mandou para cidades do interior paulista diretores profissionais de teatro para o fomento, realização de cursos e montagens teatrais. Coube a Rio Preto a vinda do diretor português recém-chegado Fernando Muralha. Criou-se a companhia Teatro de Grupo, com a união de atores e técnicos dos vários grupos que havia na cidade. E se montou a peça 'A Muralha da Chi-

na', do dramaturgo suíço Max Frish. Eu, que participava do TUF (Teatro Universitário Filosofia, da FAFI), fui ator nesta peça. Ela recebeu vários prêmios em Festivais Nacionais dentro e fora do estado de São Paulo. Recebi o prêmio de Ator Revelação do Ano (1970), no Festival Nacional de São Carlos e Festival Nacional do Sesc São Paulo. Nesse mesmo ano, José Eduardo Vendramini montou a comédia musical 'A Sagrada Família', de Paulo Afonso Grizolli, também pelo TUF, e montei 'O Troco', de Domingos Pelegrini Jr. Foi a estreia do ator Antonio Pompeo (que fez cinema, teatro e televisão). Mas a peça foi proibida em todo o território nacional pela censura.

**E, nesse contexto, como se insere 'The Zoo Story'?**

*Romildo* – Iniciei a montagem de 'The Zoo Story', de Edward Albee, que o José Carlos Serroni atribui como seu primeiro cenário. Foi uma peça bastante premiada (cenário, ator, sonoplastia e direção). Outras peças foram montadas concomitantemente à 'A Muralha da China'; surgiram excelentes atores, autores, cenógrafos, cartazes e diretores (Ewerton de Castro, Humberto Sinibaldi Neto, Reni Cardoso, José Roberto Arduin, Luis Carlos Rossi, Miguel Ângelo Fortunato, que recebeu o Prêmio Governador do Estado com a peça 'O Choque das Raças', de Hamilton Saraiva, Pedro Ganga, Jayme de Souza Filho, Antônio Pompeo, Márcia Vescovi, Leopoldo Micelli, Ataíde Farias, João Donda, Hudson Buck, José Eduardo Vendramini, que foi lecionar na Escola de Comunicação e Artes, e se tornou Professor Emérito da USP, escreveu e dirigiu ótimas peças, e alguns seguiram carreira no teatro e televisão). Tudo se deveu ao nascimento do Festival Nacional de Teatro.

**Como o público reagiu a essa movimentação cultural?**

*Romildo* – O Festival manteve muita interação com o público da cidade, e também com as autoridades locais da época. Nas edições posteriores, o Festival mapeava o que



de melhor e mais interessante se produzia em teatro em todos os quadrantes do Brasil. Foram marcantes os espetáculos de Santos (diretor Carlos Pinto), de Caruaru (diretor Vital Santos), de Londrina (diretora Nitz Jacon), espetáculos de Manaus, João Pessoa, Goiânia e muitos outros. Vivíamos uma época de espetáculos bastante identificados com as culturas locais ('A Feira de Caruaru', de Vital Santos, ganhou o Festival, assim como 'Bodas de Café', de Londrina, dirigida por Nitz Jacon).

#### **A diversidade cultural influenciou o teatro rio-pretense?**

*Romildo* – Isso incrementou a diversificação no teatro rio-pretense, desde a concepção de obras clássicas (Humberto Sinibaldi montou 'Antígona', de Sófocles, e 'A Megera Domada', de Shakespeare, comédias e espetáculos infantis dirigidos por Pedro Ganga). José Eduardo Vendramini comandou os primeiros laboratórios para a montagem de 'Os Cegos', de Michel de Ghelderode, uma peça que valorizava as raízes culturais brasileiras, e experimentava técnicas inovadoras na aplicação do método do polonês Jerzi Grotowski (cultuávamos principalmente as técnicas do russo Constantin Stanislavski e do alemão Bertolt Brecht). O Festival despertou também as vontades dos estudos teóricos, além da crítica das artes. O diretório acadêmico da FAFI e a Casa de Cultura (leia-se Dinorath do Valle) promoviam seminários, incentivava o Cineclub, com exibições e debates sobre cinema, e um curso de um ano de História do Teatro Universal. Em tudo isso se sente o dedo mágico do Festival.

#### **Por quais motivos, o Festival parou durante nove anos?**

*Romildo* – Desapreço das autoridades locais pelas artes. Outra razão é que muitos da minha geração se mudaram para São Paulo, para cursos de pós-graduação ou para o desenvolvimento no teatro profissional. A grande persistência foi a Casa de Cultura (leia-se outra vez Dinorath do Valle), para a formação de uma nova geração.

#### **Qual a contribuição de nomes como Humberto Sinibaldi Neto, Dinorath do Valle e José Eduardo Vendramini para a história do Festival?**

*Romildo* – Essas são as figuras mais importantes para o desenvolvimento das artes, muito efetivamente por quase três décadas. A eles, principalmente, deve-se não só o Festival, mas a construção do Teatro Municipal de Rio Preto. Lembro-me desse trio mexendo com barro, tijolo e madeira, fomentando o Festival e arrancando a fórceps o Teatro Municipal. A Dinorath levava a Casa de Cultura nas costas, com um salário irrisório para a sua qualificação. Mas, teimosa, não se deixou abater, e foi assim até o fim da sua vida.

#### **Qual influência recebeu do Festival?**

*Romildo* – Transformei-me em professor de História da Arte, Literatura Hispano-americana e de Teoria da Literatura da Unesp. Fiz mestrado, doutorado e livre-docência nessas áreas. Escrevi livros, roteiros, fiz televisão e dirigi filmes de cinema. Fui diretor-fundador do Museu de Arte Primitivista 'José Antônio da Silva', em 1980, e cuido da obra do Silva há mais de 40 anos. Em todo o meu trabalho existe o DNA do Festival, por bem mais da metade da minha vida.



Geni Satomi, Romildo Sant'Anna e Pedro Ganga ensaiando O Visitante de Cabiria

Arquivo Romildo Sant'Anna



Fotos: Arquivo Secretaria Municipal de Cultura

Festival de 1972, já no Teatro Municipal; em destaque, prefeito Adail Vetorazzo, com Dorival Mussi, Paulo Norberto e Carmem Nelita



Encerramento do Festival em 1971, no Auditório da Basílica

## ENTREVISTA

## ESCOLA DE TALENTOS

Giovani Sacrini

**Luis Carlos Rossi**

Com apenas 14 anos, o rio-pretense Luis Carlos Rossi começou a frequentar o Festival de Teatro de São José do Rio Preto como espectador. As montagens chamavam sua atenção de forma especial.

Depois passou a assistir as peças e as oficinas em busca de conhecimento técnico e teórico. E, finalmente, passou para o outro lado do tablado, como jurado, debatedor e orientador de cursos.

Com talento e dedicação, tornou-se diretor de

arte, cenógrafo, figurinista, ator, carnavalesco e aderecista premiado e com reconhecimento. Construiu uma sólida carreira no teatro, na televisão, no cinema, na moda, na propaganda e no carnaval.

Sabe onde tudo isso começou? Sim, no Festival de Rio Preto! Não foi apenas Rossi que o evento revelou ao longo de sua longa trajetória de meio século. A lista é imensa e diversificada. O Festival foi uma escola de talentos.

**Como conheceu o Festival de São José do Rio Preto?**

*Luis Carlos Rossi* – Foi em 1969. Eu tinha 14 anos incompletos. Estudava na escola José Felício Miziara, onde, por iniciativa dos professores, os alunos eram estimulados a participar de feiras de ciências, coral, declamação de poesia e gincanas. Os professores criaram o Grutepe – Grupo de Teatro Paulo Eiró. Após sua formação, montamos o espetáculo ‘O Julgamento de Peter Zenger’, com direção de Miguel Ângelo Fortunato. Os participantes do grupo tinham entre 13 e 16 anos. A gente frequentava o Festival com interesse na formação e no conhecimento.

**Além de espectador, de quais formas participou?**

*Rossi* – Com a interrupção na década de 1970, voltei depois como jurado, debatedor ou orientador de cursos. Acredito que as dificuldades para realizar o evento sempre foram patrocínio, acomodação e alimentação. O Festival foi importante para São José do Rio Preto, tanto para a gente do teatro quanto para o público. A cidade passou a fazer parte da cultura nacional.

**O município abraçou o Festival?**

*Rossi* – A cidade esperava para ver os espetáculos, principalmente as atrações de rua. O auditório da Basílica e o Teatro Municipal sempre foram pequenos para a quantidade de público interessado em participar. A troca de informação e de experiências se estendia até fora do palco, com cursos, rodas de conversas noturnas e bares culturais. O entrosamento dos grupos visitantes e do público em geral era interessante, pois cada um demonstrava seus costumes e hábitos regionais. Isso só tem a acrescentar a todos e em todos os sentidos sociológicos.

**Ao resignificar, qual é o balanço?**

*Rossi* – Para minha carreira, o Festival teve um impacto grande, pois foi ali que minha profissão nasceu e se fortaleceu. Depois, mudei-me para São Paulo com objetivo de estudar na Escola de Artes Cênicas da USP. Rodei o

mundo com a minha profissão, orgulhosamente, e ganhei prêmios. Hoje vivo da minha arte. A cada ano, o Festival se modificou, sempre em busca da excelência artística.

**Que pontos dessa caminhada se destacam?**

*Rossi* – O Festival teve vários formatos e objetivos desde o seu início. No começo, creio que a meta foi trazer um movimento cultural novo para uma cidade que crescia dia a dia, com foco no público em geral. No seu decorrer, tornou-se um polo cultural nacional. Os grupos vinham e ficavam em parte ou durante todo o Festival em busca de cursos, palestras e debates. Nesse momento, a classe artística teve maior participação, inclusive na plateia das peças. Com isso, a organização criou espaços alternativos, como circo, buscou outros teatros e ofereceu mais apresentações do mesmo espetáculo, proporcionando mais espaço para o público em geral.

**Como vê o evento hoje?**

*Rossi* – Hoje sinto que o Festival é direcionado bem mais para o público geral, em razão de seus participantes não permanecerem mais tempo na cidade. Portanto, tivemos parte do Festival com maior formação de atores e hoje foca a formação de público, o que não o torna indigno de aplausos e de elogios. Muito pelo contrário.

**Nas reminiscências, quais passagens se destacam?**

*Rossi* – São muitos momentos a partir da década de 1970. Tudo era novo. Os olhos e os ouvidos estavam atentos a todos os cursos e às orientações de mestres e participantes. De tudo aconteceu nesse Festival. Já teve grupo que chegou de ônibus do Nordeste e não tinha gasolina para voltar. A produção, então, conseguiu doações. Picar legumes para as refeições ou mesmo preparar o café da manhã. As rodas em volta de fogueira com músicas e danças regionais diferentes. Cada espetáculo era e é uma surpresa e a ansiedade para vê-lo é grande, pois sempre se espera uma novidade. Participar de um Festival, como o de São José do Rio Preto, deixa marcas para a vida toda.

## ENTREVISTA

# SONHO CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE

Arquivo pessoal



**Waldner Lui**

O Festival de Teatro de São José do Rio Preto só aconteceu graças ao empenho, sonho e desejo da classe artística, de formadores de opinião e de intelectuais.

Nessa comunidade, insere-se o jornalista, advogado e decorador Waldner Lui.

Ele construiu sólida carreira no jornalismo, depois de uma curta passagem em duas peças teatrais.

Foi colunista social de jornais como Correio da Araraquarense, A Notícia, Diário da Região, Última Hora e

também Diário Popular.

Em razão do conhecimento de diversas camadas da sociedade, sabia exatamente a quem procurar para obter doações – dos mais variados itens – para o evento.

Muito tempo depois, no final da década de 1990, também participou do Festival, mas em outra frente. Foi Secretário Municipal de Cultura de 1997 a 2000.

Nos dois momentos em épocas distintas, uma coincidência: entregou o seu melhor.

## Quais suas lembranças mais remotas do Festival?

*Waldner Lui* – Queríamos fazer um festival com musculatura, grande, que chamasse a atenção de todos aqueles que lidavam com teatro. Também havia o sonho de que nossa cidade fosse uma vitrine do que estivesse sendo feito no país, em termos de teatro. Começamos humildemente porque não havia dinheiro. Mas sabíamos que, com a ajuda de cada um, a gente iria conseguir. E essa preciosa ajuda foi oferecida com intensidade. Demos o que tínhamos de melhor. Até buscamos na rodoviária grupos que vinham se apresentar aqui e os acomodamos – nosso hotel era a Casa de Cultura.

## Qual foi sua participação?

*Lui* – Como eu já era colunista social e tinha acesso a muita gente de boa condição financeira, conseguia colchões e travesseiros emprestados, além de gêneros alimentícios para que fizéssemos os cafés da manhã, os almoços e os jantares, ali mesmo naquela parca cozinha da Casa de Cultura. Montamos uma cozinha improvisada atrás do prédio, onde as cozinheiras preparavam arroz, feijão, carne, frango, batata, mandioca. Enfim, era o que tínhamos para oferecer. Todos colaboravam com o maior prazer, com a alma, sem vergonha de pedir porque acreditávamos na nossa causa e íamos em frente.

## Como as companhias reagiam ao perceber essa união?

*Lui* – Os grupos, maravilhosos, que tinham utopia na alma, não exigiam nada, apenas agradeciam o empenho de todos nós. Colávamos cartazes e íamos às emissoras de rádio dar entrevista e chamar o público para os espetáculos. Julho é período de férias e a maioria de nós tinha disponibilidade para ficar por lá, o tempo todo, recebendo os elencos, nos relacionando com os atores e os diretores e atendendo às necessidades de produção. Pedíamos de tudo: patrocínio para os cartazes, dinheiro para passagens, comida e refrigerantes produzidos na

cidade. Não imaginávamos naquela época que o evento poderia conseguir uma dimensão internacional.

## Sua carreira foi construída no jornalismo. Como foi sua passagem pelo teatro?

*Lui* – Eu estive apenas em dois espetáculos. Um foi ‘O Terrível Capitão do Mato’, de Martins Pena, sob a direção de José Eduardo Vendramini, no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, ao lado do saudoso Leopoldo Miceli e de Cláudio Luchesi. Depois, o Éwerton Castro me convidou para fazer ‘A Moratória’, de Jorge Andrade, mas eu fui expulso dos ensaios porque eu sou brincalhão e, de vez em quando, soltava ‘caco’ no meio do ensaio e desconcentrava o elenco, que caía na gargalhada e precisava depois de um tempo para se concentrar novamente. Eu e o saudoso Leopoldo Miceli recebemos, juntos, o Prêmio Governador do Estado de figurino e cenografia pelo espetáculo ‘A Megera Domada’, dirigido por Humberto Sini-baldi Neto.

## Ao olhar hoje para o Festival, que sentimento você tem?

*Lui* – De alegria e felicidade por ter ajudado a plantar uma semente que floresceu exuberante. A minha participação foi dupla porque também, nos quatro anos em que servi como Secretário Municipal de Cultura, entre 1997 e 2000, tirei os espetáculos dos palcos tradicionais e os levei para praças e logradouros da periferia.

## ENTREVISTA

# DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO PARA O MUNDO

Ana Paula Aquino



**José Carlos Serroni**

Nos Festivais de Teatro de São José do Rio Preto, ele esteve sempre por perto. Como voluntário nas primeiras edições, ajudou no refeitório e até serviu refeições aos artistas-visitantes. Também atuou como ator e colaborou com grupos locais. Depois, bem mais tarde, ministrou oficinas e participou de mesas redondas.

Com formação em Arquitetura, trabalho diferenciado, dedicação à causa teatral, grandes projetos bem executados e talento genuíno, o rio-pretense José Carlos Serroni, ou apenas J.C. Serroni, tornou-se um cenógrafo reconhecido mundialmente. Também é escritor e figurinista

de teatro, TV e cinema.

Ao longo de 40 anos de carreira, J.C.Serroni trabalhou em mais de 200 espetáculos (adultos, infantis e musicais) e conquistou dezenas de prêmios no Brasil e também no exterior, entre os quais quatro vezes o Molière e a Golden Triga, em 1995, o maior prêmio cenográfico do mundo.

Sim, essa trajetória começou aqui, a partir dos primeiros festivais. O teatro, com seus encantos e desafios, transformou a vida de J.C.Serroni e mostrou a ele qual caminho seguir para a realização artística e profissional.

**Como foi sua entrada na área cultural?**

*J.C. Serroni* – Havia acabado de terminar o científico (ensino médio) no Colégio Alberto Andaló. Na época, eu pintava. Participava de salões de artes, sempre estimulado pela professora Dinorath do Valle. Ela disponibilizou uma sala na Casa de Cultura para que eu, Hudson Buck, Jaime de Souza Filho e João Donda tivéssemos um ateliê. Chegamos a expor na própria Casa de Cultura e na praça ao lado da Catedral. Participamos de concursos para a decoração de Natal de Rio Preto.

**Como o teatro chamou sua atenção?**

*J.C. Serroni* – Eu e o Hudson Buck fomos convidados a pintar uns telões para um espetáculo dirigido por José Eduardo Vendramini, 'A Sagrada Família'. Acabei me envolvendo com a arte cênica e participei como ator. Um desastre! No grupo, viajamos e participamos de festivais, inclusive do Sesc, onde ficamos em segundo lugar. Também chegamos a fazer um fim de semana no Teatro Paiol, em São Paulo.

**A carreira como ator não vingou. Mas o teatro tinha um lugar especial à sua espera...**

*J.C. Serroni* – Nesse tempo, final dos anos 1960, eu fiz a cenografia para dois espetáculos dirigidos pelo Romildo Sant'Anna: 'O Troco', que não chegou a ser encenado, e 'The Zoo Story'. Criei outros cenários para o Vendramini, para um grupo de sindicato e para o Pedro Ganga, em uma peça infantil dirigida por ele. Cheguei a fazer uma 'ponta' na 'A Muralha da China', uma bela produção dirigida pelo Fernando Muralha. Também criei cartazes.

**Teve um marco zero para direcionar o olhar ao mundo da cenografia?**

*J.C. Serroni* – Acompanhei de perto a construção do Teatro Municipal. Ficava fascinado ao ver o Juraci Ferreira, o Jura, carpinteiro da Prefeitura, construir o urdimento (traves cruzadas no teto para fixação dos cenários suspensos)

do teatro, todo de madeira. Enfim, esse foi o meu começo. Todo esse envolvimento acabou me levando a seguir no teatro, mais especificamente na cenografia.

**Quase a Matemática tirou da cenografia um grande profissional...**

*J.C. Serroni* – Em 1969, prestei vestibular, apenas como experiência, para o recém-criado curso de Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – hoje a Unesp de Rio Preto. Mas passei e quis cursar, só para estar no grupo de Teatro Universitário ali alocado. Cursei apenas um ano e mudei para São Paulo, onde prestei dois vestibulares: para Artes Plásticas na Faap e Arquitetura na USP. Fui aprovado nos dois, mas escolhi a segunda opção, que tinha mais proximidade com a cenografia. Mesmo em São Paulo, participava todo ano do Festival de Rio Preto, onde colaborei criando cartazes, na cozinha e até servindo refeições. Mesmo morando em São Paulo, estive em várias edições. Dei oficina de cenografia e participei de mesas redondas.

**E o público: como reagia a essa movimentação?**

*J.C. Serroni* – O teatro nunca foi uma atividade passiva. Ele é sempre provocador. Dessa forma, certamente incomodava alguns segmentos da sociedade. Mas nada que pudesse ser grave. Existia um conflito com a política, com os gestores da Cultura, especialmente em razão dos recursos financeiros. Eu não participava nem da gestão política e nem financeira dos festivais, mas acompanhava a árdua batalha para mantê-los. Se pensarmos que o Festival resiste, ainda hoje, podemos afirmar que ele vem vencendo a batalha. Os festivais foram sempre uma escola, com importante troca de informação. É um polo irradiador que rende muitos frutos.

**O Festival divulgou o município além da região?**

*J.C. Serroni* – No âmbito cultural, projetou o nome da cidade. O Festival de Rio Preto formou e estimulou os artistas

a buscarem o mundo profissional. Os grupos rio-pretenses de teatro sempre se destacavam por onde passavam. Vários se apresentaram em São Paulo, em teatros como Anchieta, Sesc Consolação, Paiol e Oficina.

**Quais momentos vividos no Festival jamais foram apagados da memória?**

*J.C. Serroni* – Tive muitas passagens importantes. Ver das coxias meus telões pintados, até de forma naif, em cena. Assistir à encenação dirigida pelo Celso Nunes, nas obras do teatro em construção. E, sem dúvida, quando completei 30 anos de carreira, em 2005, fui homenageado com uma grande exposição introspectiva da minha trajetória na cenografia. Como reflexo do Festival de Rio Preto, fui ao Festival de Arcozelo, com 'O Choque das Raças'. Viajamos de ônibus de Rio Preto até Paty do Alferes (RJ) e dormimos ao relento, já que não havia espaço nos alojamentos.

**O Festival de São José do Rio Preto mudou sua vida de qual forma?**

*J.C. Serroni* – O teatro plantou em mim uma sementinha, que até hoje me alimenta. Mostrou caminhos e abriu portas. Também ajudou a me desenvolver como artista, ver como a arte cênica pode ser transformadora. Ter contato com a dramaturgia, a música e grandes profissionais de teatro me possibilitou ser hoje um cenógrafo reconhecido mundialmente. Só tenho a agradecer. O teatro, certamente, me tirou do futebol (onde dizem que eu teria grandes chances) e me levou para esse universo maravilhoso.

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Cerimônia de premiação no Festival de 1972, no Teatro Municipal

# A VOLTA

Mesmo com empenho e insistência da classe artística, o Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto não foi realizado entre 1973 e 1981 – um doloroso hiato de nove anos. Nesse período, o investimento público não se manteve. Também estava em curso um período de transição, uma vez que diversos rio-pretenses dessa geração se mudaram para São Paulo em busca de formação teórica em avançados cursos ou de desenvolvimento profissional. Quando o evento parecia definitivamente sepultado, ressurgiu das cinzas com força em 1982, como a Fênix. Sim, a quinta edição foi realizada entre 16 e 28 de julho. Justamente no mesmo dia da abertura, Romildo Sant’Anna declarou ao jornal Diário da Região.

– Há algo de transcendente no teatro amador de Rio Preto, que supera a simples competição. Algo maior a conquistar pela autêntica comunhão de vivências e espontâneas tendências através dos tempos. Os festivais

nasceram e se tornaram uma espécie de nação hiperbólica, continental, dotada de importância política como exercício prático de liberdade. O incentivo às artes persegue a democracia como opção viável. Nos festivais não há pessoas importantes, há pessoas úteis.

Apesar da prolongada parada, o interesse das companhias teatrais não se alterou. A organização recebeu a inscrição de 64 trabalhos, dos quais 33 paulistas. Uma criteriosa seleção resultou na escolha de 20 espetáculos de dez estados. Depois de tanto tempo, uma faísca foi suficiente para acender a centelha na classe que produzia teatro amador e no público. Pela primeira vez, o Teatro Municipal foi usado de forma mais estruturada.

Houve, é verdade, uma importante mudança. A abertura (a cargo do Ballet Stagium) e o encerramento (Grupo de Teatro Mambembe) contaram com companhias profissionais. O Festival proporcionou ainda transporte e

hospedagem em hotel ao corpo de jurados – em torno de 15 pessoas. Dinheiro, mesmo, foi colocado pela Prefeitura de São José do Rio Preto. Mas o Governo do Estado, por meio da Secretaria da Cultura, também colaborou com a contratação de profissionais alocados em diversos campos. Ofereceu mão de obra qualificada, o que trouxe economia.

As atividades paralelas foram incrementadas, com o oferecimento de curso de dança, show de música popular e lançamento de livro. Três montagens direcionadas para o público infantil foram apresentadas na Praça do Centro. Tratou-se de um teste para verificar a possibilidade de descentralizar os espetáculos do Teatro Municipal. Uma atitude inesperada fortaleceu a resposta a essa dúvida e mostrou um cenário inevitável para proporcionar cultura à cidade de forma mais ampliada.

Os integrantes de dois grupos teatrais que integravam o Festival - um de Goiás e outro da Paraíba - ameaçaram publicamente promover uma greve de fome coletiva. O motivo? Não tinham dinheiro suficiente para retornar às suas cidades de origem, após cumprir agenda em São José do Rio Preto. Em entrevista concedida ao jornal Diário da Região, um dos atores (que resguardou a identidade) declarou que seu grupo “não aceitaria esmola”. Queria, na verdade, ser recompensado pelo trabalho. Assim, encontraram uma saída criativa para amenizar a questão. Em parceria, eles produziram uma cena de suposta briga, com bastante humor, na área central, coração do município. Os esquetes reuniram boa quantidade de público e fizeram algum sucesso. Ao final, as companhias passaram o chapéu e foram gratificadas.

A organização, por sua vez, ficou atenta a essa movimentação fora do cronograma oficial e percebeu que realmente havia um campo disponível para promover apresentações em lugares além do próprio teatro, equipado com iluminação, poltronas e palco italiano. O Festival

# 1980

não parou de mirar o desenvolvimento, mesmo com as limitações no campo financeiro. O panorama de continuidade esperado para o ano seguinte, no entanto, foi substituído por incerteza nos meses seguintes. Até que a notícia se tornou pública. O que ninguém queria aconteceu. Em 1983, mais uma vez o evento não saiu do papel. O motivo não variou. Sobrava vontade e faltava verba.

# O AMADURECIMENTO

Após mais um ano de silêncio, a classe artística temia a repetição de 1970, a década quase perdida para o Festival. O cenário inicial não animou os criativos artistas e os apreensivos espectadores. Apesar do coro dos pessimistas, não aconteceu assim. O Festival de Teatro de São José do Rio Preto retornou em 1984 e prosseguiu por seis edições seguidas, a maior sequência até então.

A década de 1980 pode ser lida como um período de mudança no conceito, na filosofia e na maneira na organização, cuja Secretaria-Geral contou com a participação efetiva de Ameir Barbosa e Maria Alice de Lima. No período, ocorreu um indiscutível desenvolvimento, que consolidou de uma vez por todas o respeito da classe artística nacional pelo evento realizado no noroeste paulista.

Na edição de 1984, houve um claro investimento na formação do ator e das pessoas envolvidas com a produção teatral. Foram oferecidas oficinas com profissionais

gabaritados nacionalmente, como Denise Stoklos (mímica), José Carlos Serroni (cenografia e figurinos), Luís Otávio Burnier (treinamento do ator), Eudôsia Acuña (expressão vocal), José Eduardo Vendramini (direção) e Cláudio Lucchesi (interpretação e criatividade). Na realidade, a iniciativa pode ser entendida como um ‘chamariz’.

O Teatro Municipal recebeu duas apresentações por noite do mesmo espetáculo. A primeira encenação tinha como foco a classe teatral e os convidados, enquanto que a segunda se dirigia ao público. O Rio Preto Automóvel Clube abrigou peças infantis e as que estavam fora do concurso. No total, participaram 17 montagens de 12 estados. Destaque para ‘Romeu e Julieta’, do Centro de Pesquisa Teatral (CPT)/Sesc, do diretor Antunes Filho. Antes de seguir para temporada nos Estados Unidos, o grupo desembarcou em São José do Rio Preto com Giulia Gam e a rio-pretense Malu Pessin no elenco. Não parou por aí. Antunes Filho ministrou

palestra na Casa de Cultura sobre o teatro brasileiro.

Pela primeira vez, uma peça de São José do Rio Preto entrou na fase competitiva – até então, o entendimento da federação era que, por questão de isenção, os espetáculos locais não poderiam competir, apenas participar. A honraria coube a ‘Nó Cego’, do Grupo Teatro Viência, com direção de Paulo César Casanova.

A notícia mais importante do ano, porém, foi oficializada bem depois que o Festival cerrou as cortinas. No dia 14 dezembro de 1984, o secretário de Estado da Cultura, Jorge Cunha Lima, publicou a resolução número 35 e incluiu o Festival de Teatro Amador de São José do Rio Preto no calendário cultural estadual. Dessa forma, a pasta iria participar ativamente do evento rio-pretense, com patrocínio, premiação ou outra modalidade de apoio, trazendo segurança para realizar as próximas edições.

Além da Prefeitura e do Estado, o Festival de 1985 contou com participação do Ministério da Cultura. Chegou à sétima edição e promoveu, paralelamente, uma mostra para crianças. No total, 22 montagens integraram a mostra.

Em 1986, o Festival seguiu com programações separadas para os públicos adulto e infantil. O presidente do Festival, Humberto Sinibaldi Neto, declarou ao jornal Diário da Região, em reportagem publicada em 31 de julho, que aquele fora o melhor Festival realizado até o momento, entre os oito entregues ao público. Como diferenciais, elencou a qualidade das obras (29 espetáculos, no total), os debates e as oficinas, sempre com representativa quantidade de participantes. O encerramento coube à montagem ‘A Hora e Vez de Augusto Matraga’, com o ator Raul Cortez no papel principal e direção de Antunes Filho.

Um grande momento foi proporcionado por ‘Caminho Suave’, do diretor Jary Mércio. Encenada pelo grupo intitulado Meninos Passageiros, de São José do Rio Preto, a peça tinha duração prevista de 90 minutos, mas durou

quase cinco horas. Foi ensaiada por núcleos separados, que se encontraram pela primeira vez no palco. O resultado final agradou alguns e não empolgou outros – o que, em se tratando de arte, é perfeitamente normal. Um festival de teatro é feito de passagens controversas também.

No ano seguinte, um fato importante. A abertura do 9º Festival Nacional de Teatro Amador, em 16 de julho de 1987, foi tomada de apreensão. Afinal, no dia anterior, estourara uma rebelião no antigo Cadeião, no bairro Eldorado. Por esse motivo, foi suspensa a participação da Banda Musical da Polícia Militar. Os policiais não pegaram em instrumentos musicais, pois foram convocados para ajudar na resolução do problema. Mesmo com receio, a organização promoveu uma solenidade singela, com anuência do prefeito Manoel Antunes, e manteve ‘Joana D’água’, do grupo Origem, de Manaus (AM). Além das categorias nacional e infantil, fora criada uma mostra para abrigar as peças das escolas de teatro.

O nível artístico se mostrou elevado, com dois espetáculos de Molière (‘O Doente Imaginário’ e ‘O Burguês Fidalgo’), dois de Martins Pena (‘O Noviço’ e ‘Os Ciúmes de um Pedestre’) e um de Bertold Brecht (‘Os Fuzis da Senhora Carrar’), Albert Camus (‘A Peste’), Nikolai Gogol (‘O Inspetor Geral’) e Frank Wedekind (‘O Despertar da Primavera’). Vinte pessoas trabalharam na produção de 48 apresentações. Depois, 43 servidores se ocuparam na instalação da infraestrutura. Uma tenda de circo, doada à Prefeitura, foi erguida ao lado da Casa de Cultura para abrigar as montagens infantis.

Havia grande movimentação de público, aliás, na Praça Cacilda Becker. A programação estava centralizada nesse setor, com o Teatro Municipal, o circo e a Casa de Cultura. Nos intervalos entre uma sessão e outra, a classe artística tomava chocolate quente, que ganhou fama, ou comia arroz doce, que se tornou indispensável, prepara-

do por Margarida de Oliveira, funcionária pública que se notabilizou entre os atores por sua elevada capacidade de produzir iguarias. A proximidade de visitantes com origens distintas do público local estreitava os laços em amizades duradouras.

O nível evolutivo se manteve no mesmo patamar em 1988. Uma das atrações mais aguardadas foi 'Teledeum', comédia do diretor Cacá Rosset, do grupo Onitorrinco, com presença marcante em vários palcos ao redor do mundo. Foi um ano de intenso trabalho da Comissão de Seleção, que recebeu 145 inscrições de 23 estados. O Festival havia atingido representatividade em todo o Brasil. O evento se tornou sinônimo de um lugar, conforme escreveu Dinorath do Valle, "para ensinar e aprender, trocar ideias e debater, sugerir e criticar, aplaudir e questionar em mútuo reconhecimento. Intercâmbio e fraternal convivência".

Em 1989, a primeira edição do Festival completou duas décadas e 11 edições realizadas. Foi elaborado um programa com importantes montagens que circulavam pelo país. Detalhe: três peças de São José do Rio Preto participaram da mostra principal: 'Beijo no Asfalto', do Clube Monte Líbano; 'Ritos de Infância', da Cia. Palhaços Noturnos; e 'A Noite em que a Menina de Vestido Azul Celeste Decidiu Ser Bailarina', da Cia. Azul Celeste. Foram oferecidas nove oficinas.

Uma mudança conceitual relevante: a palavra 'Amador' foi retirada do título do Festival, que é um organismo vivo e em constante mutação.



Arquivo Secretaria Municipal de Cultura

Humberto Sinibaldi Neto conversa com o público no Teatro Municipal lotado, em 1986



## ENTREVISTA

# OS ESPETÁCULOS LOCAIS EM DESTAQUE

Arquivo pessoal



**Paulo César Casanova**

No começo de 1980, o rio-pretense Paulo César Casanova iniciou sua trajetória artística. Primeiro como ator de teatro e de cinema – participou do filme ‘Abrassas’, de Reinaldo Volpato. Depois, tornou-se diretor. Foi justamente na segunda função que se encontrou, trabalhou durante uma década e registrou seu nome na história do Festival de São José do Rio Preto.

Coube a Paulo César Casanova a honra de dirigir o primeiro espetáculo da cidade na mostra competitiva, na edição de 1984. A peça ‘Nó Cego’, de Carlos Vereza,

foi encenada pelo Grupo Teatro Vivência e rendeu prêmio de diretor revelação.

Guarda lembranças da convivência com artistas de diversas partes do país. Tinha um costume peculiar para ciceronear os visitantes: na garupa de sua moto, mostrava as belezas locais em animados passeios.

Fez amizades, conheceu outras culturas e aprofundou seu conhecimento sobre os diversos brasis que existem no Brasil.

Do teatro, carrega lições para a vida inteira!

## Como foi sua entrada na área teatral?

*Paulo César Casanova* – No começo da década de 1980, eu comecei a fazer teatro na Faculdade Dom Pedro 2º, onde cursava Engenharia. Particpei como ator de uma peça, ‘Processo de Ser’, escrita pelo médico Wilson Daher, e de um filme, o ‘Abrassas’, dirigido por Reinaldo Volpato. Na faculdade, montamos um musical. Daí em diante eu me interessei pela direção. Criamos o Grupo Teatro Vivência e passamos a ensaiar no diretório acadêmico do curso de Medicina da Famerp. Montamos ‘Nó Cego’, um texto de Carlos Vereza. Participamos de diversos eventos, entre os quais o antigo Festival de Teatro do Sesc. Fomos indicados a diversos prêmios, mas não ganhamos nada, o que não importou, pois conquistamos algum reconhecimento. Em 1984, o espetáculo foi selecionado para participar do Festival de Teatro de Rio Preto na mostra principal, ao lado de grandes nomes do cenário nacional. Foi uma surpresa para nós.

## O caminho foi tranquilo até o grande dia?

*Paulo César* – Além da ansiedade que é normal antes de entrar no palco, algo nos deixou apreensivos: o debate. Ao final de cada peça, críticos, classe artística, apaixonados por teatro e o público participavam de uma discussão sobre o que tinham acabado de assistir. Apontavam qualidades e defeitos, pontos altos e negativos. Nessa edição, o diretor Ulysses Cruz, que trabalhava com Antunes Filho, participou da nossa avaliação. Ficamos preocupados de verdade. Mas, no final, foi à toa. Recebemos elogios e, a partir de então, passamos a ser um grupo mais conhecido e respeitado. Foi gratificante representar a cidade e, acima de tudo, fazer um bom papel.

## No ano seguinte, esteve no Festival com a mesma peça. Por quê?

*Paulo César* – O então diretor cultural do Clube Monte Líbano, Wilson Daher, nos convidou para fazer parte da agremiação. Mudamos o nome da companhia para Grupo

Teatral Monte Líbano e passamos a ensaiar na sede social do Centro – particularmente, o melhor lugar em que trabalhamos. Na nova casa, montamos novamente ‘Nó Cego’. O clube nos apoiava com estrutura e pagava o cenário e o figurino. Contar com esse apoio foi fundamental. Afinal, a gente fazia teatro amador. Muitas vezes, colocava dinheiro do próprio bolso para custear as montagens.

## Participar do Festival de Rio Preto abriu portas para os grupos locais?

*Paulo César* – O Festival tinha muita repercussão em São Paulo. Críticos, diretores e atores vinham a Rio Preto assistir aos espetáculos. Muita gente boa foi revelada aqui. Depois do Festival de Rio Preto, levamos ‘Nó Cego’ para muitas cidades da região e do próprio Estado. Até no Paraná a gente foi. Eu me dividia entre o teatro e a carreira de bancário. Em 1986, participamos do Festival de Rio Preto, dessa vez com ‘Doente Imaginário’, de Molière.

## A convivência era aproximada com os artistas de fora da cidade?

*Paulo César* – Durante o Festival, você conhecia diferentes formas de fazer teatro e diversas culturas. Eu adorava ir até a Casa de Cultura com objetivo de interagir com os atores e os diretores de fora. Esse intercâmbio cultural era importante porque trazia muita informação. De vez em quando, eu convidava alguém para passear pela cidade de moto e conhecer nossos pontos turísticos. Os grupos ficavam em Rio Preto durante todo o evento. Essa época foi marcante.

## O que leva do Festival ainda hoje?

*Paulo César* – Tudo o que eu aprendi no Festival carrego comigo até hoje, e provavelmente vou levar para sempre. Mas chegou um momento, no começo da década de 1990, em que tive de escolher entre viver de arte e seguir concursado como bancário. Fiz a minha escolha, mas o teatro representa uma paixão em minha vida.

## ENTREVISTA

## A MECA DO TEATRO



Cláudio Lucchesi

Cláudio Lucchesi nasceu em Monte Aprazível e cresceu em São José do Rio Preto, cidades localizadas na mesma região administrativa. Mas foi na Universidade de São Paulo (USP) que construiu uma sólida carreira artística. Foi ator, diretor, cenógrafo e professor universitário.

No mesmo momento em que se estabeleceu profissionalmente na Capital, Cláudio Lucchesi passou a frequentar o Festival de Teatro de São José do Rio Preto como convidado, devido ao seu saber profissional. Ministrou cursos forma-

tivos para diversas gerações e foi jurado das mostras oficiais.

Na década de 1980, o Festival conquistou credibilidade com o público, com a crítica e com os artistas. Participar do evento rio-pretense trazia exposição ao trabalho e oferecia um enriquecedor intercâmbio cultural, em razão da presença de diversificados grupos.

Todo mundo queria estar em São José do Rio Preto, mesmo sem pagamento de cachê, por um simples motivo: o prazer de fazer teatro!

### Como foi sua participação no Festival de São José do Rio Preto?

*Cláudio Lucchesi* – A partir do momento em que minha carreira se consolidou na Capital, entre 1970 e 1980, passei a ser convidado para ministrar cursos e ser jurado da mostra competitiva. Estive em diversas edições. Quando as inscrições eram abertas para as companhias teatrais, os atores e os diretores da Capital ficavam empolgados com a possibilidade de expor seus trabalhos. Havia grande interesse dos grupos. Afinal, o Festival de Rio Preto conquistou credibilidade em todo o estado de São Paulo.

### Quais os diferenciais?

*Lucchesi* – Tem vários pontos importantes, mas não posso deixar de destacar a convivência. Os atores, os diretores e os técnicos ficavam hospedados no mesmo lugar. A gente fazia tudo junto: comia e dormia no alojamento. Durante o dia, participávamos de cursos e de oficinas na Casa de Cultura ou no Teatro Municipal. À noite, era o momento de assistir aos espetáculos. Os grupos normalmente permaneciam na cidade durante todo o Festival ou por vários dias.

### Em qual medida esta proximidade era produtiva?

*Lucchesi* – Havia importante troca de informações. A partir de Rio Preto era possível conhecer o que o Brasil produzia no teatro, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, passando pelo Norte e Nordeste. As companhias traziam novas leituras e outras dramaturgias. Você encontrava pessoas de estados que, muitas vezes, tinham pouca produção teatral em relação aos outros lugares, o que não era problema. Mesmo assim, produziam seus textos e cenários com grande competência.

### O Festival de Rio Preto revelava outros horizontes?

*Lucchesi* – Com certeza, sim. Tanto para quem era estudante de teatro como para quem trabalhava na área. A experiência obtida em dez dias era significativa. Depois de

assistir às atividades, o participante voltava para casa com a visão mais ampla do que era o teatro no Brasil. Não havia melhor forma para conhecer tantas culturas diferentes, a não ser que você tivesse a possibilidade de viajar pelo país.

### Críticos, diretores e donos de teatro também ficavam atentos a essa movimentação?

*Lucchesi* – Assistiam aos espetáculos e, assim, informavam-se sobre o que estava acontecendo na área. O Festival de Rio Preto contribuiu bastante para o teatro brasileiro. Muita gente, inclusive com formação na USP, foi revelada aqui ao apresentar bons trabalhos. Na época, os grupos não recebiam pagamento. O teatro amador se fazia com investimento do próprio bolso. Mas sabe por que as pessoas se dedicavam a algo que não trazia dinheiro? É simples. Pelo prazer de fazer teatro.

### Como era o interesse do público?

*Lucchesi* – A televisão não tinha a mesma influência de hoje. As pessoas buscavam qualidade teatral, não a estrela da novela. Havia uma cultura teatral forte, cujo público sabia o nome dos diretores, dos autores dos textos e dos principais profissionais envolvidos na produção. O interesse era maior. Muitos rio-pretenses tinham o costume de pegar o ônibus no final de semana e ir até São Paulo com objetivo de assistir aos grandes espetáculos teatrais.

### Fez carreira na USP como professor. Onde sua trajetória com teatro começou?

*Lucchesi* – Meu primeiro contato com o teatro ocorreu com o grupo criado no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, em São José do Rio Preto, onde eu estudava. Comecei como ator. Em 1964, montamos ‘Os Cíumes de um Pedestre ou o Terrível Capitão do Mato’, de Martins Pena. A direção foi de José Eduardo Vendramini. Participamos do Festival Estadual de Teatro e conquistamos prêmios de melhor ator, direção e figurino. Ganhei uma bolsa de estudo para a Escola de Arte Dramática (antes

mesmo de a instituição fazer parte da USP). Eu fiz o curso de três meses e depois voltei para terminar o segundo ano do colegial.

**Nesse momento começou sua carreira na USP?**

*Lucchesi* – Passei no vestibular, mas, como estava no colegial, tranquei o curso. Em 1966, comecei a cursar interpretação. Foram três anos de estudo. Entre 1968 e 1981, atuei, dirigi e fiz cenografia. Tive um grupo, o Teatro da Ilha, morei na Itália quase três anos e trabalhei em Portugal. Em 1982, prestei concurso e me tornei professor da USP. Lecionei até 2013, quando me aposentei. Foram quase 50 anos de carreira.

**Deixou o teatro, mas o teatro o deixou?**

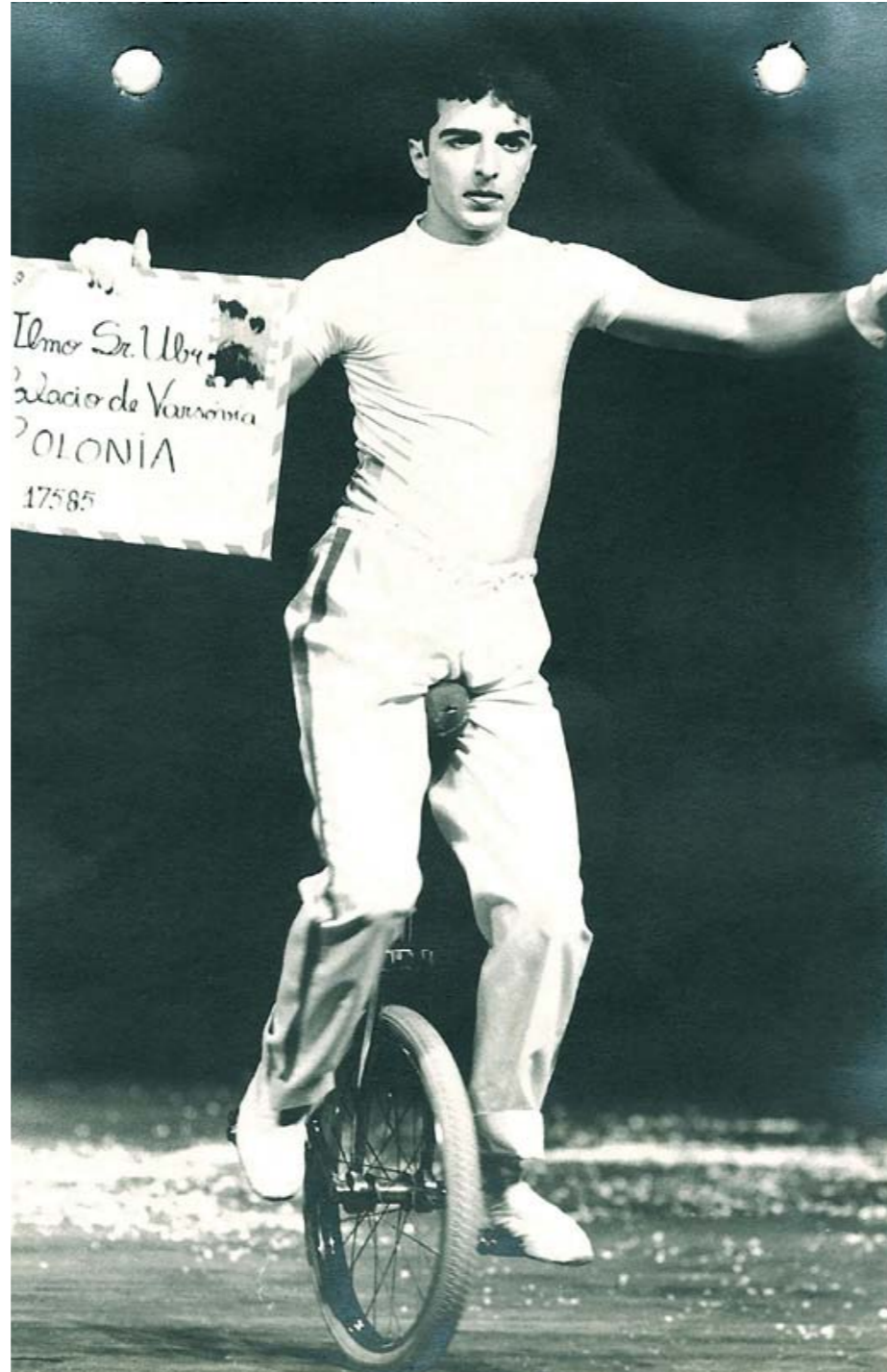
*Lucchesi* – Eu continuo apaixonado por arte cênica. Acho muito bonita a relação do público com os artistas no palco. O teatro é uma maravilha.

Fotos: Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



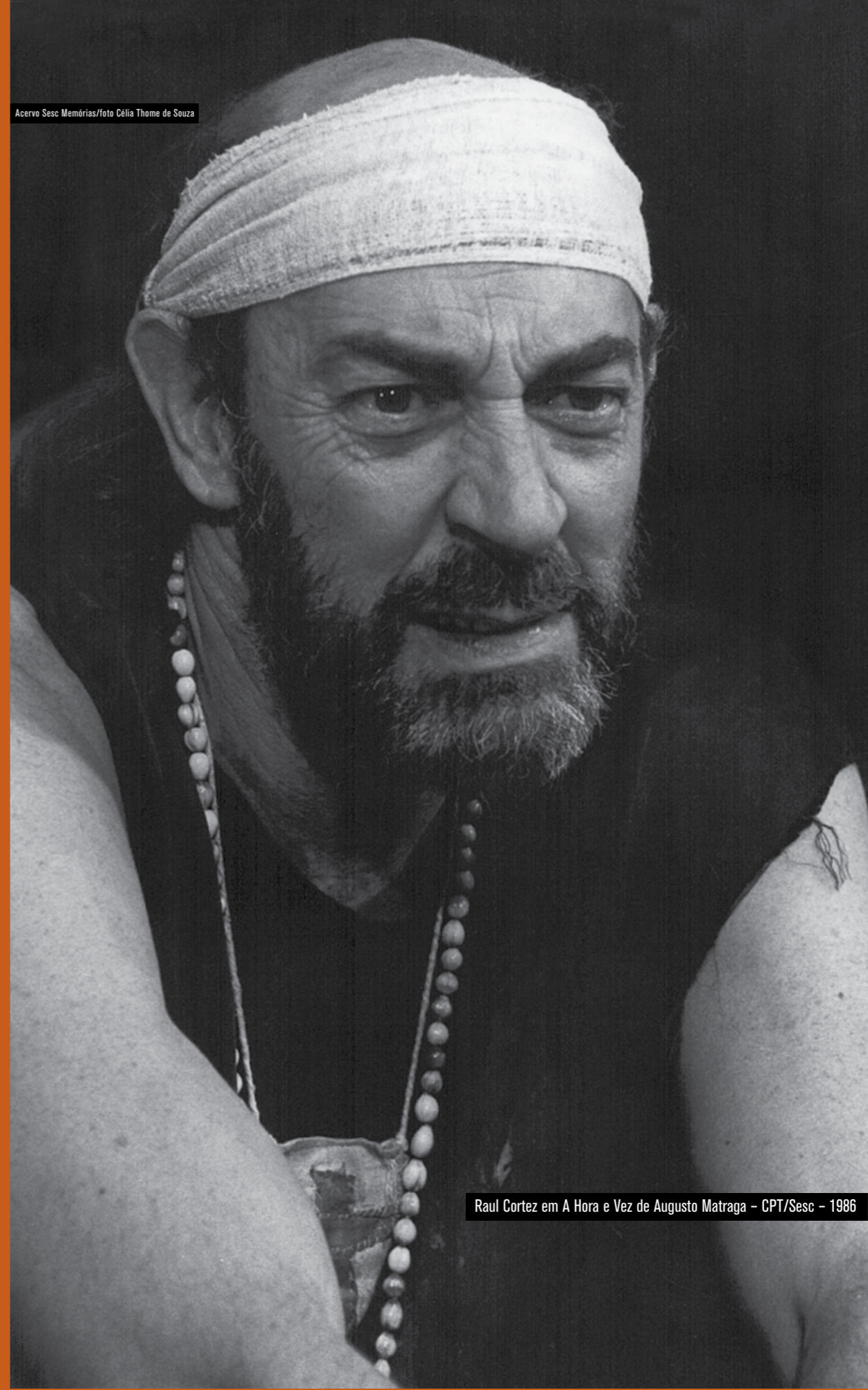
Exemplos históricos: ingresso e vale refeição que era distribuído aos participantes

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Ubu - Teatro de Ornitorrinco - 1985

Acervo Sesc Memórias/foto Célia Thome de Souza



Raul Cortez em A Hora e Vez de Augusto Matraga - CPT/Sesc - 1986

## ENTREVISTA

## A ETERNA LUTA DA ARTE

Arquivo pessoal

**Maria José Aziz**

Para entregar ao público um Festival de Teatro representativo do ponto de vista artístico, é fundamental a Comissão Organizadora trabalhar com segurança financeira. Sem verba garantida, é impossível colocar em prática o planejamento, as ideias transcendentais e os detalhes que fazem a diferença.

Maria José Aziz, a Zezé Aziz, conhece bem essas dificuldades no campo organizacional. Professora de português e de inglês da rede pública, ela ocupou a função

de vice-presidente do Festival de Teatro de São José do Rio Preto entre 1984 e 1989 – período em que também foi designada Delegada Regional de Cultura do Estado.

Sua missão no Festival consistia em viabilizar verba pública nas esferas estadual e federal. Também atuava como interlocutora com as empresas da cidade – buscava tanto patrocínio como doações. A principal ferramenta de trabalho para convencer o empresário a patrocinar o evento cultural: o verbo. Só ele.

**Quais suas atribuições no Festival?**

*Zezé Aziz* – Entre 1984 e 1989, eu integrei a Comissão Organizadora do Festival de Teatro de São José do Rio Preto como vice-presidente. Enquanto o presidente Humberto Sinibaldi Neto se ocupava da parte artística, eu ficava responsável, principalmente, por buscar verba e doações para prover a edição. Eu solicitava verba governamental e pedia ao empresário desde colchão para o alojamento dos artistas até alimentos. Tinha que conquistar tudo na base do convencimento. Não havia outra ferramenta. Como o público comparecia em peso para assistir às apresentações, a bilheteria também gerava receita.

**Qual contrapartida recebia o empresário parceiro?**

*Zezé Aziz* – A empresa tinha o nome incluído e divulgado em todos os materiais de comunicação, como catálogo, folhetos e convites. Importante salientar: sempre foi difícil conseguir esse apoio. As pessoas precisam entender que um evento desse porte movimenta, além da própria cultura, diversos setores importantes da economia local. Em 1989, por exemplo, um patrocinador não cumpriu a palavra e anunciou o cancelamento de sua participação perto do início das apresentações. A atitude gerou o maior transtorno para a Comissão Organizadora. Por caminhos paralelos, porém, resolvi a questão em cima da hora.

**A organização experimentava momentos de remanso?**

*Zezé Aziz* – A gente trabalhava, de forma voluntária, quase o ano inteiro para que o Festival de Teatro de Rio Preto acontecesse. Em janeiro, a Comissão Organizadora se reunia para estabelecer o planejamento da edição. Para mim, a tensão só terminava quando o evento começava. Isso em julho! O orçamento sempre foi enxuto, medido cuidadosamente com régua. Quando a mostra acabava, a gente elaborava uma prestação de contas completa.

**Mesmo com dificuldades, o evento se estabeleceu...**

*Zezé Aziz* – O Festival fazia sucesso e chamou a atenção

de artistas de todo o país. O pessoal envolvido com teatro sentia verdadeira necessidade de estar em Rio Preto e participar de todas as atividades ofertadas. A cada ano, chegavam mais de 120 inscrições de diversos pontos do Brasil. Havia mais interessados do que vagas disponíveis.

**A qualidade sempre se manteve elevada?**

*Zezé Aziz* – Não valia a pena promover um Festival de Teatro se ele não tivesse a capacidade de causar impacto na vida das pessoas. A meta não era só um ator subir no palco e ler um texto bonitinho. O teatro apresenta ao público muitas questões ao mesmo tempo, em áreas como filosofia, literatura, psicologia e sociologia. O espectador recebe uma importante carga de informações. O que interessa, no Festival, é levar uma mensagem e, assim, promover a reflexão.

**Quais momentos sobrevivem em sua memória?**

*Zezé Aziz* – A partir de meados da década de 1980, adotamos como norma trazer espetáculos profissionais para abrir e encerrar o Festival. Assim, aconteceram passagens memoráveis. O diretor Antunes Filho trouxe, em 1984, ‘Romeu e Julieta’, que foi interpretada pela atriz Giulia Gam. Uma escada representava a sacada do castelo. As pessoas precisavam imaginar a cena. Elas ficaram enlouquecidas. Em 1985, o Teatro do Ornitórrinco apresentou ‘UBU’, com direção de Cacá Rosset. Eram espetáculos perfeitos, que mostravam qualidade técnica e maravilhavam o público.

**O que a movia a integrar o Festival?**

*Zezé Aziz* – Os integrantes da Comissão Organizadora eram voluntários. Todos trabalhavam movidos pela paixão ao teatro, pela vontade de realizar algo importante, pela necessidade de chacoalhar a cidade e pela oportunidade de plantar sementes que ajudassem a mudar a cabeça e o comportamento das pessoas. Desse modo, quando olho para trás, tenho o sentimento de ter colaborado para que algo importante acontecesse em Rio Preto.

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Oficina de jogos dramáticos e origem do teatro, ministrada por Joana Lopes, em 1982, no lado de fora do Teatro Municipal

Álbum de Família



A diretora Nitis Jacon, do grupo Proteu, da UEL-Londrina (PR), trouxe espetáculos marcantes ao Festival de Rio Preto

## ENTREVISTA

## HORA DE EVOLUIR

Arnaldo Mussi

**Wander Ferreira Junnior**

Durante 15 anos, Wander Ferreira Junnior passou por diversas funções no Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Ingressou em 1984, como auxiliar, e saiu em 1999 após ser diretor-geral por duas edições.

Participou ativamente de um período marcante, na década de 1980, quando aconteceram importantes transformações que, basicamente, giraram em torno da

busca por profissionalização - da produção, da infraestrutura e dos espetáculos.

Por outro lado, Wander também foi diretor teatral e esteve no palco de maneira relevante. Em 1994, 'Medeia-Material' proporcionou a ele o prêmio de melhor diretor.

Para Wander, o Festival ofereceu uma experiência única.

**Sua história com o Festival começou na década de 1980. De que forma?**

*Wander Ferreira Junnior* – Eu entrei como assistente de produção. Era responsável pelo alojamento. Por falta de dinheiro, não se pagava hotel para os atores e os técnicos. A gente montava um alojamento, que era subsidiado com a verba da Prefeitura. O Poder Público assumia exclusivamente o evento, com a colocação de dinheiro, de mão de obra, de infraestrutura e de serviço. Trabalhei de 1984 a 1999. Nesse período, fui galgando todas as funções e terminei como diretor-geral.

**Quais maiores dificuldades para produzir teatro?**

*Wander* – Quando eu entrei era tudo muito diferente do que é feito hoje, inclusive o conceito de teatro. Para falar de teatro e da produção, primeiro é preciso entender o contexto artístico. Então, naquela época, não tinha o poder da televisão como hoje. O ator que faz novela hoje, independentemente de sua qualidade artística, tem mais visibilidade e público do que um colega do passado, que só se valia da própria capacidade. As pessoas iam ao teatro assistir a uma produção artística de qualidade.

**Sem dinheiro, como criar uma mostra relevante?**

*Wander* – Quem atuava no teatro fazia questão de estar no Festival de São José do Rio Preto que, na década de 1980, era consagrado no país. Apresentar-se aqui representava sinal de status dentro do mercado nacional. Era curricular. Tinha exposição do trabalho. Incontáveis artistas que passaram ou iniciaram suas carreiras pela cidade hoje são consagrados no teatro ou na televisão.

**E como convencer os grupos a participar?**

*Wander* – As companhias teatrais não vinham pelo cachê, que é importante por um lado. Mas, por outro, dependendo do objetivo pessoal, participar bastava. O Festival só se comprometia a pagar a despesa local, ou seja, hospedagem, alimentação e condição técnica. A partir da década

de 1980, alterou-se o perfil com a vinda de espetáculos profissionais. A maneira de pensar mudou.

**Como foi esse processo?**

*Wander* – Foi um período de mudança e de transição. Começamos a trazer espetáculos profissionais, que recebiam cachê, para abertura e fechamento do Festival. Depois, aumentamos, paulatinamente, a vinda de peças com esse perfil. Deixamos de usar a palavra Amador no nome do Festival, que foi dividido em categorias. Havia mostras infantis e de escolas de teatro.

**A profissionalização da produção refletiu diretamente na qualidade?**

*Wander* – Quando você melhora a produção, isso reflete diretamente na parte artística. Com organização, pessoas mais exigentes começaram a oferecer credibilidade e participar. Depois, aperfeiçoamos a estrutura oferecida aos artistas que, historicamente, são maltratados. Durante milênios, a arte foi subsidiada pela elite. Nos palácios, os dramaturgos eram pagos pelos reis. Os artistas, muitas vezes, recebiam comida e pouso como pagamento. As pessoas acham que arte se recompensa assim.

**Esse conceito persiste...**

*Wander* – Ainda vivemos isso. Muita gente acha que arte não é profissão, portanto não tem valor profissional. Nesse tempo de transição, a tentativa foi mostrar que não é bem assim. Melhoramos a hospedagem. Transferimos os artistas de um alojamento, com banheiro coletivo, vestiário e beliches com dez pessoas dormindo no mesmo quarto, para hotel.

**Quais outras mudanças?**

*Wander* – Foram criadas equipes de produção. Cada produtor individual, chamado de anjo, cuidava de um espetáculo. Fazia a ponte do grupo com a cidade. Trazia os problemas, as necessidades, as sugestões e as reivindicações. Antes disso, a companhia de teatro tinha que ir

até a secretaria e conversar com quem estivesse lá. Bar cultural, montagem de tenda de circo, performances, inclusive com convidados de fora, surgiram nessa época. Mais para frente foi criada uma mostra de teatro para selecionar as peças de São José do Rio Preto que representariam a cidade no Festival, que se aprimorou ano após ano.

#### Quais os ganhos com a descentralização?

*Wander* – Na década de 1980, a organização tirou alguns espetáculos do Teatro Municipal. A meta foi levá-los a vários pontos, como bairros periféricos, praças e shoppings. O Festival foi encontrar aquele público que não frequenta o teatro. Com o tempo, o evento passou a ocupar todos os lugares possíveis: marquise de prédio, escolas, praça e bar. Mostramos que teatro não é uma arte de eli-

te que precisa ocorrer dentro de um espaço específico.

#### Uma mudança conceitual...

*Wander* – Criamos uma modalidade que se chamava: espetáculos para espaços não convencionais. Mostramos que o teatro não precisa de uma casa preparada, com aura elitista, para se efetivar. Pode ser feito em qualquer local. Com isso, abriram-se os horizontes. Essa é uma grande etapa de transição para a chegada do FIT.

#### Além da produção, sua participação ocorreu no palco.

*Wander* – Em 1992, apresentamos 'O Sétimo Dia' e ganhei o prêmio de diretor revelação. Em 1994, 'Medeia-Material' venceu como melhor espetáculo e diretor. O Festival de Teatro foi uma grande escola profissional para mim.

Rafael Pagliuso



Medeia-Material – Augusta Não Deu Conta – 1994

Joaquim Vigiano



Cia Etceteratral de Porto Alegre (RS) em 1986. Da direita para a esquerda: Luciana Monteiro, Guto Greco, Bia Job, Néstor Monasterio, Sandra Loureiro e Heloisa Palaoro

## ENTREVISTA

TERRITÓRIO DE  
EXPERIÊNCIAS

Arquivo pessoal

**Manoel Neves Filho**

Manoel Neves Filho tem destreza para se envolver com setores opostos. Afinal, divide-se entre o Direito (sua profissão), a filantropia em importantes projetos sociais (sua missão) e a arte (sua paixão), em áreas como teatro e música.

Nesse último campo, aliás, contabiliza, ao longo de três décadas, experiências - as mais ricas - como ator, diretor, curador e até como organizador do Bar Cultural 'Não Lugar', no Festival de Teatro de São José de Rio Preto.

A presença de grupos teatrais de espaços va-

riados do Brasil e até de outros países causou, em sua concepção, a expansão no conhecimento, na atitude e na produção da classe teatral rio-pretense. O evento também colocou São José do Rio Preto no calendário mundial de eventos culturais.

Tanto na questão doméstica quanto internacional, Manoel chama a atenção para dois pilares de sustentação do Festival: a inovação e a capacidade de provocar o espectador a olhar para si mesmo, sem filtro, e refletir.

**Como foi sua primeira participação no Festival?**

*Manoel Neves Filho* – Foi na edição de 1988, com 'Viúva, porém honesta', de Nelson Rodrigues, com o Grupo Teatral Rio-pretense (GTR). O espetáculo venceu a 1ª Mostra da Federação de Teatro Amador de Rio Preto (Fetarrp), no dia 10 de maio do mesmo ano, tanto do júri especializado quanto do popular. Desse modo, fomos convidados a representar a cidade no Festival, que completava sua 10ª edição. Foi a terceira peça que eu dirigi. Eu também participei como ator.

**Para o grupo, qual o ganho de estar no Festival?**

*Manoel* – Foi marcante participar do Festival, quando eu ainda iniciava na direção teatral. Representou um divisor na estrutura do grupo GTR e nas minhas buscas do universo teatral.

**Com quais pessoas compartilhou essa experiência?**

*Manoel* – Professor Nelson Castro, Ronaldo Jacinto da Silva, Renê Farina, Simone Ponce, Paulo Eduardo de Freitas Silva, Gislaíne Montanari, Rosângela das Graças Cesar, Fran Peres, Mauro Senna, Luiz Carlos Viveiros, Edma de Sene Gomes, Aroldo Luiz Arruda, José Anésio de Oliveira, Roselaine Bueno, Eduardo Cezar de Abreu, Alessandra Fabricia Longo, Shislaine Aparecida Scriverante, Marcos Pereira Lelis, Valéria Ponce e Luiz Antônio Castro.

**De que maneiras o Festival chamava a atenção da população?**

*Manoel* – O Festival de São José do Rio Preto representava a grande luta de um grupo de abnegados rio-pretenses, capitaneados por Humberto Sinibaldi Neto. O público vivia intensamente cada movimento do evento com receptividade, harmonia e orgulho.

**Também incomodava?**

*Manoel* – Havia divergências no campo sociológico e concepcional, porém o relacionamento era bom e as discordâncias não extrapolavam para o campo pessoal. Isso

acrescentava muito no crescimento dos grupos, já que existia boa troca de experiências. O Festival sempre teve um viés provocativo e mexia com alguns setores mais conservadores da cidade.

**Quais foram as suas contribuições para o evento?**

*Manoel* – Eu participei como diretor em outros momentos, como a cabine 1,20 X 2,00 X R\$ 0,50, a performance do GTR 'On Jacks Tall Artaud' (2002) e 'Burundanga' (2008). Em 2014, houve um momento importante. Fui curador do Festival. Por fim, em 2015, o GTR foi responsável pela viabilização dos espetáculos internacionais e realizamos o Bar Cultural 'Não lugar'. Sinto que o Festival, principalmente após se internacionalizar, sempre buscou provocações e inovações acompanhando a evolução no cenário mundial e de grandes festivais do Brasil.

**Qual o ganho que o Festival traz para São José do Rio Preto?**

*Manoel* – Proporciona à classe teatral a oportunidade de expandir seus conhecimentos no universo do teatro e coloca São José do Rio Preto no calendário mundial de importantes eventos culturais. Eu vivenciei grandes momentos, como a primeira participação e a curadoria, com nomes representativos do teatro nacional. Foi uma experiência riquíssima.



## ENTREVISTA

## A ARTE ALIMENTA A ARTE

Arquivo pessoal

**Moema Kuyumjian**

Moema Kuyumjian acompanhou de forma privilegiada a criação, o desenvolvimento e os primeiros Festivais de Teatro de São José do Rio Preto. Sim, ela é filha da escritora Dinorath do Valle, um dos pilares da classe artística que sustentou a ideia de promover na cidade um evento de arte cênica, com âmbito nacional.

Artista gráfica e chef de cozinha, Moema tem saborosas lembranças dos bastidores, da movimentação e do ambiente mágico que se criava ao redor do Teatro Mu-

nicipal e da Casa de Cultura.

Moema também teve importante participação profissional no Festival, pois criou o material gráfico em 1986 e 1987. Ela reconhece: a arte alimenta a arte. Em outras palavras, o Festival trouxe emoção e autoconhecimento para sua vida.

As reminiscências das primeiras agitações, assim como as particularidades de São José do Rio Preto, estão mais vivas do que nunca.

**Você conheceu o Festival de São José do Rio Preto na infância. O que guardou desse tempo?**

*Moema* – Eu era uma criança de 11 anos em 1969. Por isso, o que ficou na lembrança foi mais a agitação que se dava fora do palco, durante as primeiras edições do Festival de Teatro de São José do Rio Preto, do que as apresentações em si. Eu me lembro de ver a Casa de Cultura fervilhando de gente. Os artistas estavam alojados ali, onde tudo acontecia e me fascinava. As salas ficavam repletas de colchonetes, roupas, malas... O refeitório improvisado em uma tenda montada do lado de fora, e as filas para as refeições servidas em bandejas. Alguns encontros também aconteciam ao ar livre.

**A Casa de Cultura era um território da arte...**

*Moema* – Dia e noite circulava uma multidão por ali. Gente de roupa colorida e, para os meus olhos de menina, extravagante. Fazia frio, o que não impedia que as pessoas se sentassem na grama da praça para trocar ideias e experiências. Tudo isso devia ser muito excitante para a cidade e mais ainda para uma garota do interior (São José do Rio Preto era quase um buraco no meio do nada). Tanta gente nova, diferente, reunida, e falando e fazendo arte.

**Qual foi o seu vínculo profissional com o Festival?**

*Moema* – Minha contribuição aconteceu mais tarde, em 1986 e 1987, quando eu já morava e trabalhava com artes gráficas em São Paulo. Eu criei o layout, diagramei e fiz a montagem dos cartazes e programas daqueles anos. A arte alimenta a arte. O Festival trouxe emoção e autoconhecimento para a minha vida.

**Com quem compartilhou essa experiência?**

*Moema* – O Humberto (Sinibaldi) editou junto comigo as imagens e os textos publicados nas edições. Tudo muito simples com uma produção barata, em preto e branco. As ilustrações das capas foram escolhidas entre o material que já estava pronto. Atendemos à proposta e dentro do orçamento disponível.

**Do ponto de vista da recepção, a cidade de São José do Rio Preto, os munícipes e o público tinham uma convivência harmoniosa com o Festival?**

*Moema* – A chegada do Festival movimentou a cidade. Como tudo que é novo, no princípio causou estranhamento entre aqueles que não entenderam seu valor ou não conseguiram ver a importância. Depois de realizado e da boa repercussão resultante, essas pessoas foram mudando de opinião.

**De que forma o Festival provocou a quebra de paradigmas?**

*Moema* – A cidade mudou certamente. O Festival colocou São José do Rio Preto no mapa do Brasil. Desde o início, houve a participação dos grupos de teatro amador do interior seguida por grupos de outros estados. E o alcance seria ampliado. Em 1972, houve a primeira tentativa de participação de um grupo da França, um indicativo da repercussão mundial. O Festival de Teatro Amador cresceu e transformou-se em FIT, quando chegaram definitivamente os grupos internacionais.

**Como enxerga a evolução do Festival?**

*Moema* – Sempre foi e será impactante. A semente plantada era poderosa e mesmo nos momentos mais críticos nunca perdeu o status de o maior evento cultural de São José do Rio Preto. Tem a necessidade de um sólido apoio financeiro e de organizadores inspirados, com a coragem e o empreendedorismo dos criadores das suas primeiras edições. O compromisso original de trazer novas ideias e emoções que toquem o coração do público é um legado que deve ser honrado pelos organizadores futuros.

# TEMPO DE INCERTEZA

Os movimentos iniciais da década de 1990 ganharam a feição da agitação no cenário teatral de São José do Rio Preto. Afinal, logo no primeiro ano do novo período não houve Festival, apesar do empenho da classe – foi a décima primeira ocasião em que falhou, desde 1969. A organização esbarrou no campo financeiro.

A 12ª edição foi realizada em 1991 – desde então, o Festival não parou mais, embora tenha se transformado, modificado e atingido outras superfícies. Participaram nada menos que 32 peças originárias de nove estados e do Distrito Federal – o Acre mandou representantes para contar ‘Histórias de Quirá’, com o grupo Adsada Núcleo de Pesquisa Teatral, de Rio Branco. O diálogo com diferentes culturas se ampliou.

A grande polêmica do ano aconteceu antes mesmo de as cortinas serem abertas. O primitivista Daniel Firmino foi convidado e elaborou uma obra para ser utiliza-

da pelo Festival no material de divulgação. Detalhe: sem receber cachê. Ele desenvolveu uma pintura que acabou parcialmente modificada pela organização por conter, ao lado do Bar do Mané, uma frase com viés político.

As duas palavras – Liberato 90 (em alusão a um candidato a deputado) - foram apagadas do cartaz. Mas, por um lapso de edição, elas permaneceram na íntegra na capa do programa que enumerava as atrações, o que evidenciou a reprovável iniciativa. O pintor reclamou e o jornal criticou a modificação da arte. Daniel Firmino declarou que iria processar os responsáveis, mas desistiu da empreitada.

Em 1992, a organização recebeu 191 inscrições, das quais 27 foram selecionadas. O destaque, sem pestanejar, foi ‘Vau da Sarapalha’, do Teatro Piollin, de João Pessoa (PB), que acabara de estreiar. O espetáculo dirigido por Luiz Carlos Vasconcelos aproximou o universo de

Guimarães Rosa da cena contemporânea. Em São José do Rio Preto, ganhou os principais prêmios. Na sequência, percorreu todo o país e fez carreira internacional. Vários críticos enxergaram neste trabalho um marco de linguagem no teatro brasileiro.

A organização trouxe um time de peso para compor o júri, com figuras como a atriz Cleide Yáconis, os diretores Ademar Guerra, Ricardo Kosovski e Cláudio Lucchesi, o crítico Clóvis Garcia e o jornalista Sebastião Milaré. Pedro Ganga representou a cidade. O Governo do Estado colaborou com a contratação de vários profissionais. Os premiados foram agraciados com o troféu São José Risonho, criado por Dinorath do Valle.

O ritmo de crescimento do Festival, porém, não se manteve em 1993. A Prefeitura não disponibilizou verba para pagar os custos essenciais, em razão da crise financeira que assolou o Brasil e reverberou aqui em tons dramáticos. Em cima da hora, no entanto, foi obtida com a Secretaria de Estado da Cultura uma verba que se enquadrava na categoria do insuficiente. E o dinheiro chegou apenas no final do ano.

Não foi possível manter o padrão quantitativo e qualitativo ao qual a cidade havia se acostumado a assistir. Dessa forma, foi entregue ao público um evento enxuto.

Inicialmente, a comissão organizadora não contabilizou a edição oficialmente como parte do Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto. Ocorreu, assim, a primeira e única Mostra Nacional de Teatro. Dez peças de seis estados foram escaladas, das quais três locais: ‘Auto da Compadecida’, da Cia Vírus da Arte; ‘Toda Nudez será Castigada’, com a Cia. Azul Celeste; e ‘O Despertar da Primavera’, da Cia. Palhaços Noturnos. Participaram ainda duas montagens dirigidas por Néstor Monastério, com larga passagem pelo teatro rio-pretense.

O Festival renasceu mais uma vez em 1994, com a

# 1990

14ª edição. No total, foram trazidos 16 espetáculos. ‘Eu sei que vou te amar’, com Júlia Lemmertz e Alexandre Borges, chamou a atenção em razão da presença dos reconhecidos atores. No final, ocorreu um fato importante que se tornou mais tarde um marco na história do teatro rio-pretense. Pela primeira vez, um nativo ganhou o prêmio de melhor diretor na categoria principal. A honraria ficou com Wander Ferreira Junnior, do grupo Augusta Não Deu Conta, com ‘Medeia-Material. Nunca ninguém repetiu esse feito.

Em 1995, a organização trouxe 18 peças. No ano

seguinte, 27. Também incluiu no roteiro performances inspiradas nas obras de nomes como Shakespeare e Nelson Rodrigues em lugares como praça, Terminal Rodoviário Urbano e em bares. Em paralelo aos espetáculos, foi realizado um fórum no auditório da Casa de Cultura para discutir temas caros, como dramaturgia e encenação, formação do ator, o universo infanto-juvenil e dramaturgia. No cronograma, Dinorath do Valle escreveu um trecho, que trouxe, sabiamente, um apanhado do atual momento do Festival revelando um panorama que, anos depois, mostrou-se inevitável.

– Estamos formando plateias, o que não significa que os festivais não possuam defeitos que devam ser discutidos, corrigidos. Reformulação é sinal de vida. O certo é que em Rio Preto brigamos por causa de teatro, o que não é defeito nem erro. Brigar por causa de teatro é amar o teatro...

Em 1997, também houve investimento na formação, com a realização de um seminário sobre teatro contemporâneo. Nomes como Amir Haddad, Neyde Veneziano, Hamilton Figueiredo Saraiva, Ulysses Cruz, Vladimir Capela e Sebastião Milaré trouxeram valiosas informações aos participantes sobre suas respectivas áreas de atuação. No total, 25 peças foram apresentadas ao público. A qualidade se manteve no mesmo nível, com destaque para as participações de companhias, como o Núcleo de Pesquisa Teatral (direção de Cibele Forjaz) e os Parlapatões, Patifes & Paspalhões.

Ao longo da década de 1990, o Festival contou com o apoio da Prefeitura de São José do Rio Preto, sobretudo com a Secretaria Municipal de Cultura e Casa de Cultura, além de outras pastas. Firmou parcerias ocasionais com Governo do Estado, Ministério da Cultura, Sesc Rio Preto e a iniciativa privada.

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Os três criadores do Festival de Teatro de Rio Preto juntos, em 1995: José Eduardo Vendramini, Dinorath do Valle e Humberto Sinibaldi Neto; ao lado deles, está o crítico Clóvis Garcia

Jorge Etecheber



Imagem do troféu São José Risonho, criado por Dinorath do Valle, que é entregue a cada grupo que participa do Festival

## ENTREVISTA

## CONEXÃO COM O BRASIL

João Ricardo

**Néstor Monastério**

Entre 1986 e 2000, 14 espetáculos teatrais dirigidos por Néstor Monastério, argentino de nascimento e porto-alegrense de coração, participaram do Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto.

Os números são irrefutáveis, mas não são capazes de explicar as minúcias.

A primeira participação do grupo de Néstor, a Cia. Etceteratral, de Porto Alegre (RS), ocorreu em 1986 e re-

presentou um marco na história do grupo. E não foi só porque 'O Enigma de Cid' foi laureado com o prêmio de melhor espetáculo. A vinda da Etceteratral a São José do Rio Preto foi decisiva, nas palavras do próprio Néstor, para o entendimento artístico do trabalho e também para a definição dos rumos futuros da companhia.

O Festival sempre foi um terreno propício para (re) descobertas.

**Como começou sua carreira?**

*Néstor Monastério* – Como diretor, em 1980, com a montagem de 'O Rei da Vela'. Não fazia ideia da importância histórica desse texto. Nos anos seguintes, me destaquei com outras montagens, o que me fez pensar que eu podia ser um diretor de grande talento. Em função desse disparo do ego, tive atritos com elencos e decidi me recolher para repensar tudo. Surgiu, então, a oportunidade de montar um grupo para teatro infanto-juvenil. A ideia inicial era termos um espetáculo para circular por escolas e municípios do interior.

**Qual foi sua primeira participação no Festival de São José do Rio Preto?**

*Néstor* – Decidimos pela montagem de 'O Enigma de Cid', texto de Guto Greco, um dos integrantes da recém-formada Cia. Etceteratral. O texto falava sobre uma criança agressiva, briguenta, que maltratava os amigos. Ao dormir, depois de ser castigado pela mãe com uma série de tarefas domésticas, sonha com os 12 trabalhos de Hércules e suas façanhas. Isto foi feito como um musical-rock e com linguagem direta, juvenil. A inscrição no Festival de Rio Preto me surpreendeu porque na mesma data eu tinha sido convidado como debatedor no Festival da Confenata, em Ouro Preto (MG). O espetáculo participou do Festival de Rio Preto, em 1986, sem minha presença. Na volta a Porto Alegre, a notícia: "ganhamos tudo". Exagero para dizer que tinham vencido vários prêmios.

**Quais outras pessoas integravam a companhia?**

*Néstor* – O grupo inicial tinha Guto Greco, Heloísa Palao-ro, Luciana Monteiro, Bia Job, Sandra Loureiro e eu. Nos anos seguintes, teve uma infinidade de colaboradores: Mário de Ballenti, Heitor Schmidt, Fernando Waschburger, Evelise Machado, Fernando Góes, e muitos outros.

**Havia sinergia dos artistas com o público rio-pretense?**

*Néstor* – Desde a primeira vez em que participei me senti

em casa. Encontrávamos grupos do Brasil todo, experiências de todo tipo, artistas de todas as vertentes. Sempre nos sentimos acolhidos, tanto pela organização, que o Humberto Sinibaldi comandava, como pelo público. Nunca desfrutei a ideia de ser um festival competitivo. Para mim o importante sempre foi a troca, os debates, o olhar dos outros. Mas sempre senti que o fato de ser uma competição não alterava a relação com as pessoas.

**Um festival plural, como é o de São José do Rio Preto, tem muitas facetas...**

*Néstor* – Um festival de teatro tem dois lados, duas caras. Uma para o público, a comunidade que recebe e usufrui (ou sofre) dos espetáculos aos quais, se não fosse dessa maneira, dificilmente teria acesso. A outra interna, das trocas, dos debates, da criação de circuitos, do enriquecimento artístico. As duas faces alteram seu entorno. A comunidade foi tendo o Festival como um filho pródigo que aportava experiências artísticas.

**Seu distanciamento do Festival ocorreu por qual motivo?**

*Néstor* – A partir do falecimento do Guto Greco, em 1995, perdi um pouco da força que me levava até a cidade. O Guto era o maior fã. Eu me sentia estranho estando lá sem ele. Continuei por um tempo levando meus espetáculos, depois acompanhando a distância a evolução do Festival por mais um tempo.

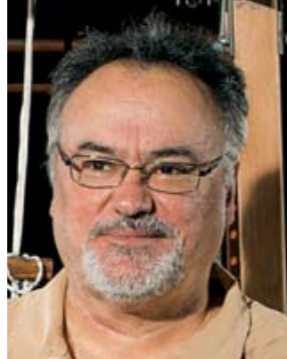
**As lembranças nunca se apagaram...**

*Néstor* – O Festival me conectou com o Brasil. Sempre pensei nesse evento como uma enorme família de ciganos que, uma vez por ano, se reúne, monta suas barracas e grita "meuquiriduu" cada vez que encontra um rosto conhecido. E isso deixa marcas indelévels. A primeira participação em 1986 com 'Enigma de Cid' teve uma influência decisiva nos rumos da nossa companhia. Percebemos que o que estávamos fazendo era algo diferente, importante para nós e para nossa comunidade.

## ENTREVISTA

## MERGULHO EM UM PAÍS REAL

João Caldas Filho

**Gabriel Villela**

Mineiro de Carmo do Rio Claro, Gabriel Villela construiu uma representativa carreira artística no Brasil como diretor, cenógrafo e figurinista.

Com inventividade, dirigiu mais de 40 espetáculos adultos e infantis, participou de eventos internacionais e ganhou dezenas de prêmios nacionais de relevo. Sabe onde sua trajetória começou a ganhar musculatura? Sim, no Festival de São José do Rio Preto.

Em meados da década de 1980, Villela passou a frequentar o evento rio-pretense, onde apresentou sua

teatralidade que, mais tarde, conquistou reconhecimento público. Dirigiu espetáculos do Grupo Galpão e fez releitura da obra de Chico Buarque.

Villela aprendeu as principais técnicas de direção na USP, é fato, mas se graduou em Brasil, na cultura diversificada do país, em São José do Rio Preto, ao conviver com grupos e pessoas oriundas de diversos estados. Por esse motivo, conforme suas próprias palavras, participar do Festival despertava em atores e diretores paulistanos 'um ânimo pagão'.

**O teatro brasileiro se encontra em São José do Rio Preto no Festival. Qual seu olhar sobre essa oportunidade para trocar experiências?**

*Gabriel Villela* – A gente tinha uma febre, uma loucura, um ânimo pagão de estarmos em torno do Festival de Teatro de Rio Preto. A convivência era uma delícia. O evento sempre envolveu gente do Brasil inteiro. Os diretores e os atores almoçavam juntos, assistiam à palestra sobre o espetáculo da noite anterior e dormiam no mesmo espaço. Eu me lembro de um prêmio maravilhoso que existia para o grupo que percorria a maior distância para se apresentar na cidade. Essa pequena estatística aponta para a penetrabilidade e grande eficiência do evento.

**Havia uma importante amostragem do país no mesmo lugar...**

*Villela* – Era possível estabelecer diálogo com gente e grupos do Brasil inteiro. Em Rio Preto, a grande experiência foi usar esse canal de acesso a estados, os mais distantes possíveis, que a maioria (do eixo Rio/São Paulo) desconhecia. Esses encontros com todas essas companhias teatrais me fizeram conhecer mais de Norte a Sul, de Leste a Oeste, desse Brasil deslumbrante, real, com suas dificuldades. Entendi o tamanho da nossa grandeza e de nossos problemas.

**Como se dava a convivência com os jurados do Festival?**

*Villela* – Era muito bom estar com essas pessoas. Eu sentava para escutar as histórias de Lélia Abramo (atriz, militante política e sindicalista). Conversava bastante com o José Carlos Serroni, figurinista, e com o Alberto Guzik, crítico respeitado. Não havia obstrução ou divisão fria entre os jurados e os partícipes. Era um tempo em que o teatro era defendido com palavras, ideias e convicções de cada grupo. Ocorriam debates acalorados, mas depois todo mundo saía abraçado e com fome. Sempre venciam primeiro o estômago e depois a moral - para repetir Brecht.

**Como foi sua primeira participação em São José do Rio Preto?**

*Villela* – Em 1986, eu montei na USP, no curso de Direção de Teatro, o espetáculo 'Vem Buscar-me que Ainda Sou Teu', em parceria com alunos da EAD. Uma história muito bonita. Essa experiência funcionou muito bem dentro da academia (enquanto que na USP o curso era superior, na EAD tinha caráter profissionalizante). Primeiro, a peça participou do Festival de Teatro Amador do Sesc. Ganhamos alguns prêmios. Esse reconhecimento nos ajudou na ida a Rio Preto, onde fizemos uma participação bonita.

**Depois dessa passagem, qual caminho seguiu?**

*Villela* – No ano seguinte, fui contratado para montar um espetáculo para o Clube Pinheiros, de São Paulo. Foi o primeiro momento em que eu ganhei uns trocadinhos fazendo uma peça fora da ECA. Montamos 'A falecida', de Nelson Rodrigues. Foi bem aceita no Festival do Sesc e, assim, pulou direto, em 1988, para o Festival de Rio Preto. Ganhamos alguns troféus, que foram criados pela Dinorath do Valle. Ela foi uma pessoa importante para o Festival. Afinal, sempre injetava ideias abusadas e tinha uma presença crítica muito forte.

**Mais que reconhecimento, esses troféus são lembranças de uma época fundamental na formação de grandes profissionais...**

*Villela* – Eu trago comigo os troféus que ganhamos em Rio Preto, que não são poucos. São os mais lindos e de grandes recordações. Envolvem um momento de juventude no trabalho e a transferência do teatro amador para o teatro universitário e profissional. Depois, participei do Festival com algumas montagens como 'Você Vai Ver o que Você Vai Ver', 'Romeu e Julieta', 'O Gigante da Montanha' e 'Sua Incelença, Ricardo III'. Foram grandes momentos, com apresentações para públicos de 3 a 4 mil pessoas.

**Ao longo de sua história, o Festival de Rio Preto passou por diversas modificações. Qual seu olhar sobre essas rupturas?**

*Villela* – O Festival de Rio Preto cresceu. O Brasil também evoluiu nesse período e estimulou a formação de companhias teatrais. A partir do final da década de 1980, da Capital até Presidente Prudente, o Sesc colocou teatro itinerante, proveu as cidades de eventos culturais com potência e visibilidade. Também aumentou o mercado de trabalho para os jovens atores e os grupos independentes, dos quais eu fazia parte. Desse modo, o Festival de Rio Preto precisou evoluir. A meu ver, com a internacionalização, aumentaram as responsabilidades curatorial e financeira. O evento se tornou um investimento grande. Eu tenho impressão de que houve um alargamento das ideias e uma percepção em mudar para outros universos.

**O que carrega do Festival de São José do Rio Preto?**

*Villela* – As marcas são indeléveis e não são poucas. Dinorath do Valle, José Eduardo Vendramini, Luis Carlos Rossi, Carlos Gardin, Humberto Sinibaldi Neto, José Carlos Serro-ni, entre outros nomes, criaram uma teia, uma rede de circo, onde a gente, na juventude, saltava de um trapézio de dez metros e era amparado por mãos, braços e músculos, que nos seguravam e não nos deixaram arrebentar no chão. Essa rede foi a mais gostosa que eu conheci. Melhor que as redes nordestinas à beira de praia. Essas pessoas são responsáveis pela nossa formação estética.

Jorge Etecheber



Aquele Que Diz Sim Aquele Que Diz Não - Cia. Azul Celeste - 1995

Jorge Etecheber



Esperando Godot - Olga Maria Silva Gutierrez e Luiz Carlos dos Santos - 1997

Jorge Etecheber



A Barca do Inferno - Cia. Teatral Cadê Otelo - 1998

Luiz Daroneto



PPP@WLLMSHKSPR.BR - Parlapatões, Patifes &amp; Paspalhões - 1998

Jorge Etecheber



Fim de Jogo - Cia. Palhaços Noturnos - 1995

Joaquim Vigiato



Bella Ciao - Cia. Etceteratral - 1989

## ENTREVISTA

## DESCOBERTAS TEATRAIS

Silvana Marques



Luiz Carlos Vasconcelos

A brilhante carreira do ator e diretor Luiz Carlos Vasconcelos tem capítulos fundamentais no Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Suas quatro participações aconteceram em décadas diferentes.

Em 1972, veio como técnico de som. A ocasião marcou a primeira vez que deixou João Pessoa (PB) para imergir em outros mundos teatrais. Assistiu a peças que deixaram marcas profundas e estão presentes em sua formação.

Em 1986, acompanhou um grupo de sua terra e viveu experiências marcantes. Na época, Luiz e seus ami-

gos, fora da programação oficial, fizeram diversas intervenções pela cidade. Não passaram incólumes.

Em 1992, dirigiu 'Vau da Sarapalha', inspirado em Guimarães Rosa. A repercussão foi estrondosa. Ganhou os principais prêmios, percorreu todo o país e fez carreira internacional. Críticos enxergaram um marco de linguagem no teatro brasileiro.

Em 2017, trouxe 'Suassuna – O Auto do Reino do Sol'. Hoje, ao ressignificar, essas passagens mostram-se basilares em sua trajetória.

**'Vau da Sarapalha' começou sua trajetória de sucesso em 1992, após participar do Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Quais suas lembranças?**

*Luiz Carlos Vasconcelos* – Estreamos a peça em março daquele ano em João Pessoa (PB), sem estar pronta. A gente se inscreveu no Festival de São José do Rio Preto e foi selecionado. Em julho, apresentamos uma obra mais concluída. A participação foi incrível para nós. Levamos 11 prêmios. Também gerou uma repercussão estrondosa, que reverberou profundamente na história da montagem. Apresentar 'Vau da Sarapalha' em São José do Rio Preto foi importante. Afinal, o Festival apontou qualidades no trabalho e anunciou, um pouco, o rumo de quase 20 anos de sucesso que o espetáculo teve.

**Sua história com São José do Rio Preto começou antes...**

*Vasconcelos* – Em 1972, com apenas 18 anos, estive no Festival de São José do Rio Preto pela primeira vez. Fui na condição de técnico de som do espetáculo 'O Porão', do Grupo Momento de Cultura Artística. Na verdade, minha participação foi uma forma de incentivo. Nunca havia participado de um festival. Foi a grande experiência que tive fora de casa. Aconteceram coisas que foram fundamentais em minha vida. Eu assisti à peça 'O Verdugo', texto da Hilda Hilst e direção de Nitis Jacon. A encenação me marcou muito pela beleza do texto e pela altura da atriz que fazia a mulher do Verdugo. Lembro-me de um grupo que usou ossos, caveira e fogo. O Teatro Municipal não estava concluído, mas recebeu todas as apresentações. Foi também meu primeiro contato com frio intenso. Meu corpo descamou. Sofri muito com as baixas temperaturas.

**Quais aprendizados o Festival trouxe?**

*Vasconcelos* - Foi a primeira vez que estive fora de João Pessoa para fazer algo mais profundo com o teatro e ver espetáculos, principalmente. No Festival, conheci um casal simpático, a Carmem e o Almério Belém, do antigo Ser-

viço Nacional de Teatro. Eles ficaram fascinados comigo tão jovem e interessado em teatro. Foi incrível conversar sobre as oficinas e os espetáculos. Depois, nós nos encontramos no Rio de Janeiro, onde eu fui morar. O Festival de Teatro de São José do Rio Preto trouxe grandes contribuições para a minha vida.

**Como foi seu retorno ao Festival?**

*Vasconcelos* – Em 1986, levei ao Festival o Grupo Terra, da Paraíba, formado por crianças e por adolescentes. Atores do Grupo Piolin também participaram. Foi marcante. A gente viajou de ônibus. Passamos diversos perrengues. A gente era inquieto, rebelde e queria subverter a ordem natural das coisas. Realizamos intervenções cênicas, que batizamos de experimentos dramáticos, em diversos lugares. Entramos em conflito com a organização do Festival. Foi uma vivência única. O Festival me deu essa oportunidade.

**Exemplifique essas intervenções...**

*Vasconcelos* – Na época, fazíamos experimentos teatrais na Paraíba. Fomos ao Festival de São José do Rio Preto com essa tônica. Um desses momentos ocorreu no refeitório. Na hora do almoço, apresentamos a cena de uma mãe dando comida ao filho. Sofremos críticas e ouvimos comentários. Antes da apresentação de um espetáculo, fizemos uma intervenção inspirada em 'Cem Anos de Solidão'. Meu personagem vomitava enquanto os espectadores entravam no teatro, o que gerou queixas. Também fizemos uma no Centro da cidade. Deitamos no chão. Causou tumulto e estardalhaço.

**Bem mais tarde, em 2017, uma peça com sua direção, 'Suassuna – O Auto do Reino do Sol', abriu a edição de forma brilhante...**

*Vasconcelos* – Foi lindo fazer a apresentação ao ar livre, nas margens da Represa Municipal, com a participação de milhares de pessoas. Ficamos felizes de mostrar nosso Suassuna em São José do Rio Preto.

**Qual papel o Festival de Teatro de São José do Rio Preto tem em sua trajetória?**

*Vasconcelos* – O que foi para esse menino da Paraíba ver espetáculos de todo o Brasil e de grupos tão importantes? Ao rememorar minhas passagens, percebo como o Festival de São José do Rio Preto foi importante para

mim. Ele ajudou a desenvolver minha vivência estética, meu gosto e minha formação mesmo. Sua permanência ao longo dos anos foi fundamental para muitas pessoas. Eu sempre achei que os festivais de teatro são escolas de arte. Agradeço ao Festival e a todos que o mantiveram vivo até hoje.

Adalberto Lima



Vau da Sarapalha foi apresentado no Festival de Teatro de Rio Preto, em 1992, e conquistou a maioria dos prêmios do júri oficial e do júri popular

Fotos: Adalberto Lima



Depois de passar por Rio Preto, Vau da Sarapalha fez sucesso nacionalmente por 20 anos





# ENQUANTO HOVER TEATRO, HAVERÁ ESPERANÇA!

Arquivo pessoal



**Amir Haddad**

*É ator e diretor teatral*

Meu contato com o Festival de Teatro de São José do Rio Preto se deu nas suas primeiras edições. Nem lembro qual, nem me lembro também o que fizemos aí, se foram oficinas, espetáculos ou os dois. Tantos anos se passaram...

Mas isso não diminui nem um pouco a importância de um evento artístico desta natureza. Só revela sua longevidade, permanência e relevância.

Um festival que comemora meio século de existência é por si mesmo a prova de sua contribuição à vida

cultural do país e a medida do grande respeito adquirido por ele ao longo destas cinco décadas.

Um verdadeiro milagre de sobrevivência cultural na vida brasileira!!!

Que o Festival continue por mais 50 anos.

Que seja centenário.

Que sobreviva à anunciada morte cultural do país para ajudá-la a renascer.

Enquanto houver teatro...

Haverá esperança!!!

# FIM OU RECOMEÇO? OU NADA DISSO!

Os números são parecidos. No último respirar do século 20, foi realizada a 20ª edição do Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto. Em qual ano? Sim, 2000. Foram convidadas 23 companhias, entre as quais a Cenas In Canto, de São Paulo. O grupo dirigido por Iacov Hillel foi encarregado de fechar os trabalhos, no Teatro Municipal, com 'Na Roça – Um Musical Caipira'. O espetáculo profissional convidado pela organização entrou para a história também por outro motivo igualmente relevante: marcou o fim de uma era.

O Festival ingressou em transição no primeiro ano do século 21 – um momento, sem dúvida, ideal para avançar. Como organismo vivo e em constante transformação, não ficou parado, estático.

A partir de 2001, o foco foi direcionado para frente, sem, é claro, ignorar o caminho percorrido até então e as conquistas obtidas, com esforço e dedicação de diversos rio-pretenses apaixonados pela arte e pelo teatro. Não se constrói nada se as bases não forem seguras. O evento teve conceito redefinido, foi rebatizado e conquistou novo parceiro.

O tempo era de transformação, de buscar distintos objetivos, de explorar terrenos inabitados, de firmar parcerias, de levar o nome da cidade para o exterior, de crescer e despertar mais sentidos. A trajetória de conquis-

tas, de luta, de inovações, de dificuldades, de experimentação, de resistência e de revolução, no entanto, não foi esquecida. Nem será. É inegável: o Festival de Teatro de São José do Rio Preto ofereceu relevante contribuição à cultura do Brasil.

Humberto Sinibaldi Neto se recorda de que o Festival de São José do Rio Preto proporcionou ou fortaleceu o aparecimento de grandes nomes, como Denise Stoklos, Elba Ramalho, Gabriel Villela (hoje um consagrado diretor que estreou no final em 1986), Marcela Cartaxo, William Pereira, Ulisses Cruz e Neyde Veneziano. Passaram por aqui os mais importantes grupos do país.

A cidade também formou uma constelação de importantes profissionais para o cenário nacional, como José Eduardo Vendramini (professor titular da USP), Carlos Gardin (professor da PUC-SP), José Carlos Serroni (um dos mais importantes cenógrafos e figurinistas), Cláudio Luchessi (professor e diretor), Antônio Pompeu (grandes papéis na televisão, no teatro e no cinema), além de José Roberto Arduim, Carlos Capeletti, Malu Pessin e Ewerton de Castro, todos atores. A lista é mais extensa. Que todos que tiverem trajetória igual ou similar, sem exceção, sintam-se representados.

As novidades chegaram ao Festival, que oscilou na década de 1990.

Cenas do último Festival Nacional de Teatro, em 2000



Jequiticanta - Grupo Vozes Cia. de Teatro



Missa Leiga - Cia. de Teatro Dharma



Estação Pic Pam Pum - Cia. Pic & Nic

Fotos: Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Chá de Cogumelo - Dimenti



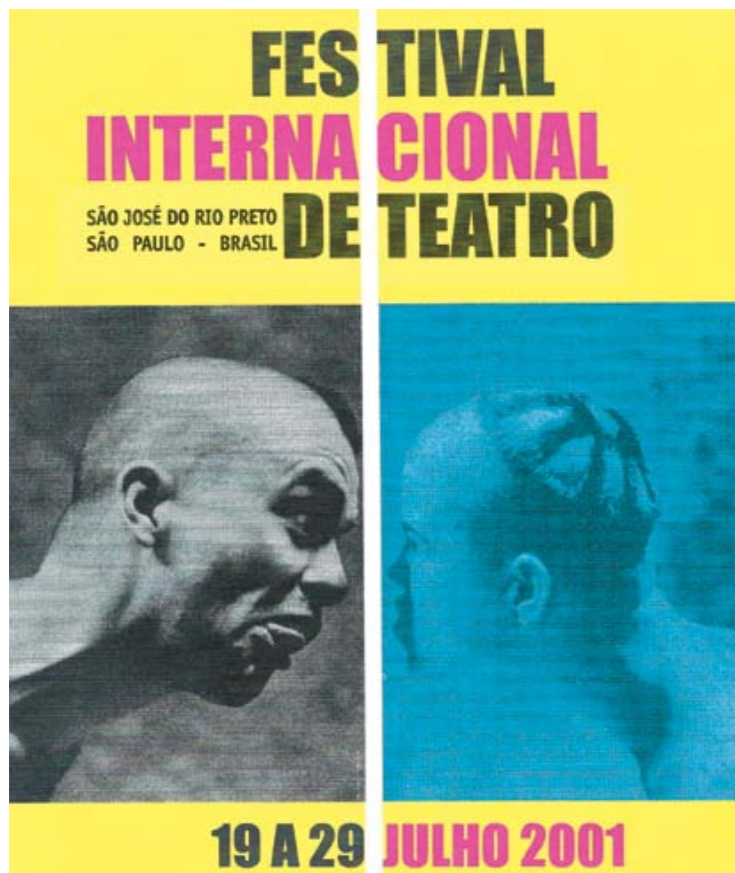
Orpheu - O Guardador de Rebanhos - Cia. Azul Celeste



Deus e o Diabo na Terra da Miséria - Oigalé Cooperativa de Artistas Teatrais

Esperando Godot -  
A Lírico Cia. Paulista

# DIÁLOGO COM A CENA CONTEMPORÂNEA



Cartaz do primeiro FIT

O ano de 2001 registra uma mudança importante de paradigma no entendimento do Festival de Teatro de São José do Rio Preto. O primeiro passo, nesse sentido transformador, ocorreu no campo organizacional que, por consequência, expandiu-se e, mais tarde, atingiu toda a estrutura. No primeiro ano de sua gestão à frente da Prefeitura, o prefeito Edinho Araújo, acompanhado do Secretário de Cultura, Ruy Sampaio, e do Diretor do Teatro Municipal, Jorge Vermelho, reuniu-se na Capital com o diretor do Departamento Regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, e convidou oficialmente a instituição a se tornar parceira da Prefeitura na realização do Festival.

Com a sinalização positiva do Sesc, iniciou-se outra etapa. Como a nova proposta concebia a participação de artistas do exterior, a denominação Nacional perdeu o sentido e acabou suprimida. A partir de então, surgiu o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto – ou apenas o FIT. As alterações, no entanto, não se restringiram à nomenclatura e à vinda de estrangeiros. Foram mais profundas.

Na época, havia uma corrente que discutia a necessidade de retirar dos festivais o caráter competitivo, o

que, convenhamos, era totalmente subjetivo. Afinal, em se tratando de arte, quais parâmetros justos para avaliar por que uma comédia pode ser considerada melhor que um drama? Um musical é superior a um solo? E assim por diante. Um festival é construído com linguagens variadas.

De certo modo, São José do Rio Preto trouxe esse avanço ao encerrar a competição, comum em todo lugar. Por outro lado, manteve uma tradição local: continua a entregar aos participantes o troféu São José Risonho, uma criação de Dinorath do Valle. Esse importante símbolo é um reconhecimento à história construída no passado e também uma lembrança do presente.

Outra alteração significativa: a instituição da função de curador. Antes do FIT, o evento sempre contou com uma comissão de seleção, cuja função era a de escolher os espetáculos. O papel do curador é outro, mais amplo e complexo. Ele desenha um projeto e define recortes e ganchos. O trabalho consiste não apenas em juntar as melhores peças em uma mostra, mas também o de oferecer um olhar sobre aquele momento, com a definição do conceito e de seus desdobramentos.

O curador, que mantém relação estreita com a coordenação, também provoca o público ao oferecer um programa estético, bem pensado. A escolha de uma linha de trabalho cristalina traz coerência e um amplo roteiro que termina no mesmo objetivo. Em São José do Rio Preto, a cada ano é escolhido um profissional para ocupar esse posto, o que proporciona frescor de ideias, mas sem perder a essência.

O FIT investiu na descentralização dos espetáculos para democratizar a cultura. O teatro passou a ir ao encontro das pessoas. Assim, foi desmitificado qualquer pensamento elitista. Nessa mesma esteira, ampliou-se o bloco de ações formativas. Com a internacionalização, a formação ganhou outra dimensão - é, portanto, tão importante quanto os trabalhos apresentados nos palcos.

# 2001

Com essas alterações, o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto encontrou o equilíbrio necessário para colocar em prática, possivelmente, a maior alteração em sua estrutura, ao se comparar com a fase nacional, ao mostrar para a comunidade a cena contemporânea das artes cênicas. Sim, passou a se preocupar em trazer para o noroeste paulista montagens atuais e modernas do Brasil e do exterior.

O Festival é um campo propício à abertura de novas experiências. A coordenação está sempre atenta ao

que existe de mais instigante, desafiador e atualizado em um incansável trabalho de investigação, sem limite geográfico. Interessa saber como o teatro se manifesta pelo mundo, com suas influências locais, alicerçadas em temas muitas vezes caros, como guerra civil, governo despótico, problemas políticos, limitações de liberdade e questões de raça, gênero ou etnia.

- O Festival foi se modificando ao longo do tempo até se transformar no modelo contemporâneo de Festival Internacional. Acredito que a cena rio-pretense acompanhou a evolução do mundo. Minha posição é que transformações são necessárias para ativar o diálogo com o público jovem, destaca Carlos Gardin.

Para receber as grandes montagens, a equipe do Festival foi ampliada e buscou conhecimento teórico e prático com objetivo de formar produtores, coordenadores e técnicos qualificados para atender às demandas. Com a vinda de grandes grupos, o grau de exigência subiu de forma considerável. E o trabalho aumentou. Isso é indiscutível. Mas os grandes momentos proporcionados por essas peças, esses sim, muito além dos obstáculos, entraram para o imaginário coletivo. Exemplos não faltam.

Em 2003, o Teatro da Vertigem, dirigido por Antônio Araújo, apresentou sua trilogia bíblica 'O Livro de Jó', 'O Paraíso Perdido' e 'Apocalipse 1.11'. Para receber as obras, foi necessário encontrar três locações pouco usuais na seara teatral: um hospital, um presídio e uma igreja. Com hercúleo esforço, a questão se resolveu. O mesmo nível de produção foi exigido no ano seguinte. O grupo Teatro Oficina Uzyna Uzona, de José Celso Martinez Corrêa, apresentou os Sertões, de Euclides da Cunha. O público rio-pretense assistiu nada menos que 'A terra', 'O Homem I', 'O Homem II' e a 'Luta I'.

Em 2005, o diretor Jorge Vermelho preparou, durante três meses, internos do antigo Instituto Penal Agrícola

(IPA), dentro da unidade prisional, para que eles participassem de 'Padox Le Jeu Dans Le Jeu', da França. O Festival começa muito tempo antes de o primeiro espetáculo principiar.

Já em 2007, a Cie Transe Express, também da França, apresentou 'Mobile Homme'. Para executar ao vivo seus temas musicais, os franceses contaram com o apoio de 50 estudantes da fanfara da escola municipal Darcy Ribeiro. Detalhe: não houve tempo para promover um ensaio entre atores e os alunos. Eles se encontraram pela primeira vez na Represa Municipal. Mas tudo funcionou como esperado. Com apoio dos músicos Mestre Boca, Rafael Macedo de Souza e Marcos Mourão, a produção orientou os jovens corretamente.

Nesse período da internacionalização, o Sesc São Paulo participou de quase todas as edições do Festival, com exceção de 2014, 2015 e 2016. A parceria Sesc/Prefeitura foi retomada em 2017 se mantém firme e repleta de projetos. Ministério da Cultura e empresas governamentais, como Petrobras e Caixa Econômica Federal, estiverem presentes em diversos momentos do FIT, que segue forte com o nobre propósito de ampliar suas fronteiras nos palcos, ruas e espaços alternativos e oferecer diferentes possibilidades de diálogo com o presente.

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



Les Bonnes - Ismael Ivo, Koffi Kôkô e Ziya Azazi (França) - 2001; primeira peça internacional do FIT



The Field - Strange Fruit (Austrália) - 2002

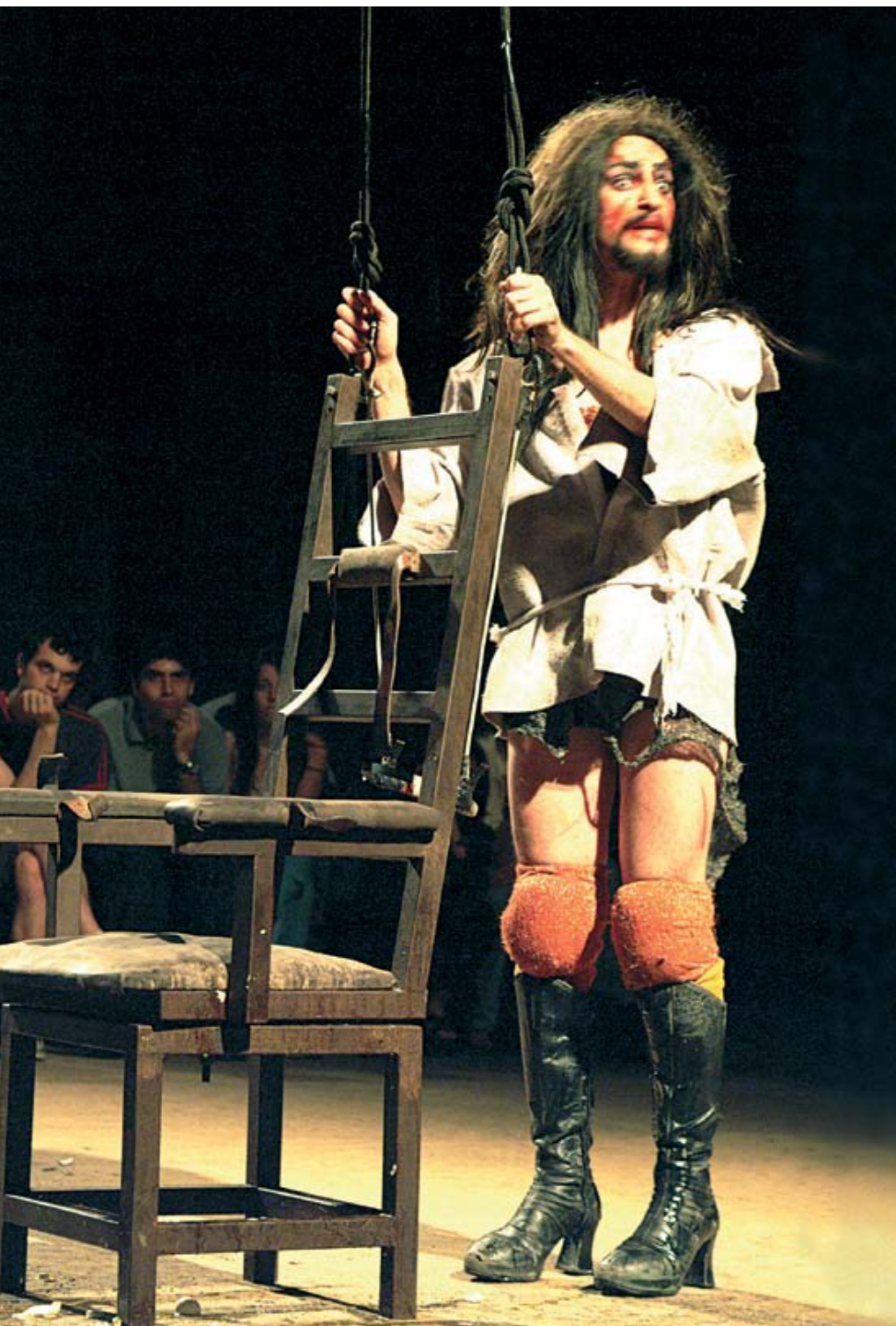
Fabrice Obono



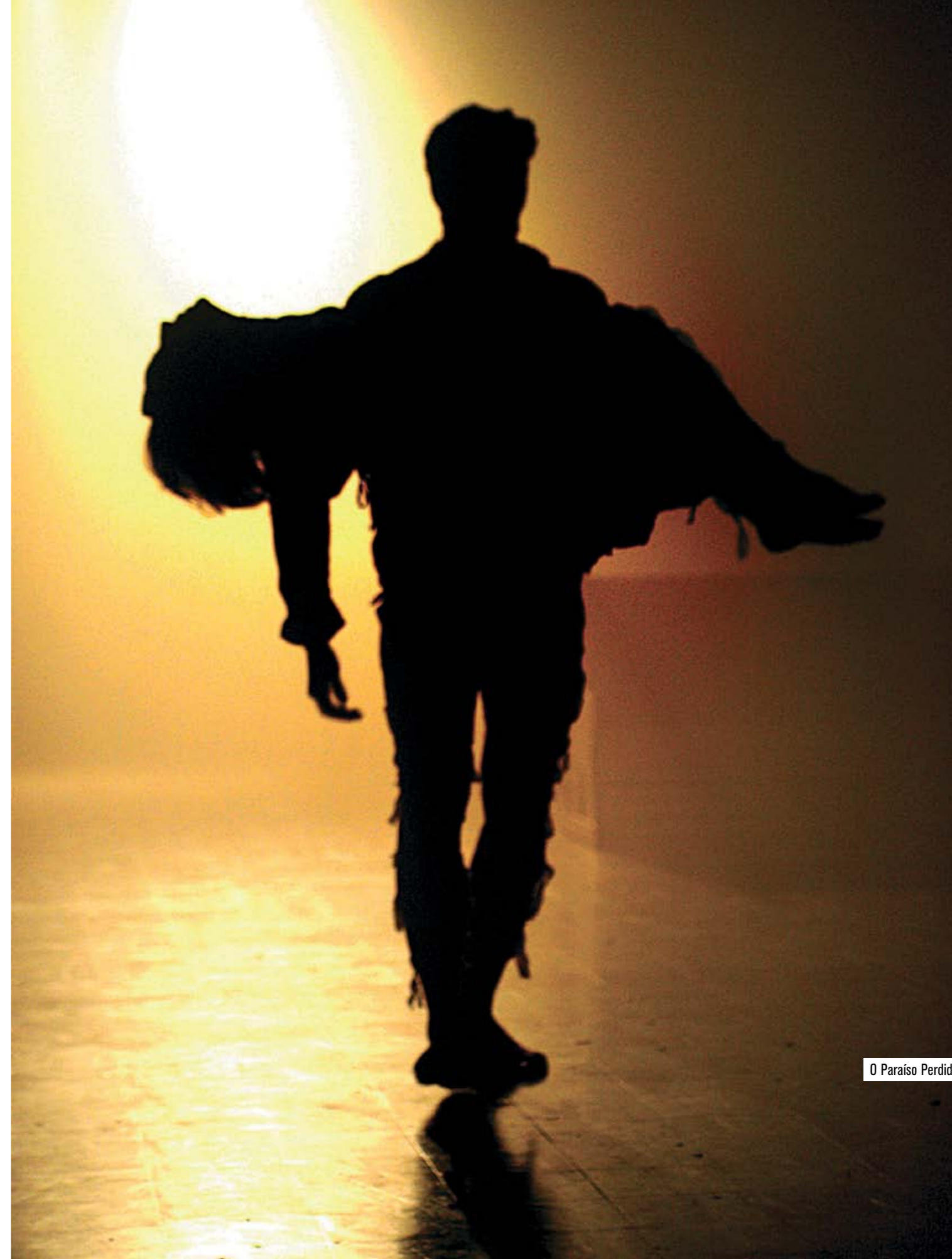
La Danza de Los Voladores - Cia. Los Voladores de Papantla (México) - 2001



Esperando Beckett - Marília Gabriela - 2001



Trilogia Bíblica do Teatro de Vertigem: O Livro de Jó, O Paraíso Perdido e Apocalipse 1.11 foram apresentados no FIT, em 2003

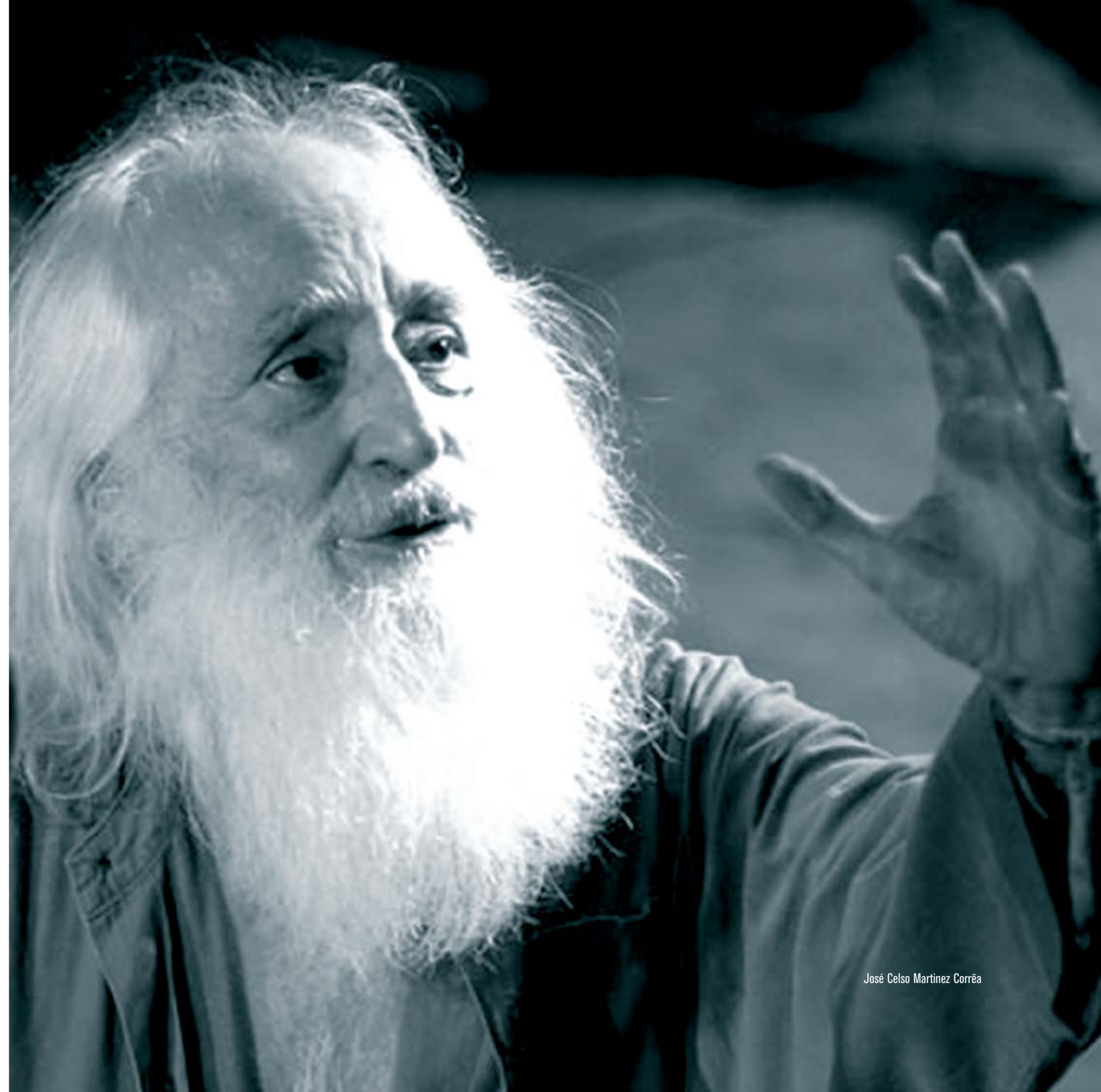


O Paraíso Perdido

Arquivo Secretaria Municipal de Cultura



O grupo Teatro Oficial Uzyna Uzona, de José Celso Martinez Corrêa, apresentou Os Sertões, em 2002, no FIT. O público rio-pretense assistiu A Terra, O Homem I, O Homem II e a Luta I



José Celso Martinez Corrêa

# TERRITÓRIO GLOBALIZADO

São José do Rio Preto se converte em território globalizado durante a realização do Festival Internacional de Teatro. A cada edição, a cidade abriga espetáculos de grupos ou artistas solos de diversas partes do mundo. Com exceção da Antártida, todos os continentes marcaram presença desde 2001: América, Europa, Ásia, Oceania e África. Com a internacionalização, o evento, portanto, ampliou o diálogo do público rio-pretense com as principais produções em âmbito mundial.

A primeira peça estrangeira a se apresentar no Festival foi 'Les Bonnes', da Alemanha, no Teatro Municipal. Yoshi Oida, Ismael Ivo, Koffi Kôko e Zya Azazi fizeram uma releitura do teatro de Jean Genet. A partir de 2002, as aberturas passaram a ser realizadas no Anfiteatro da Represa Municipal, a céu aberto, com a participação de milhares de pessoas.

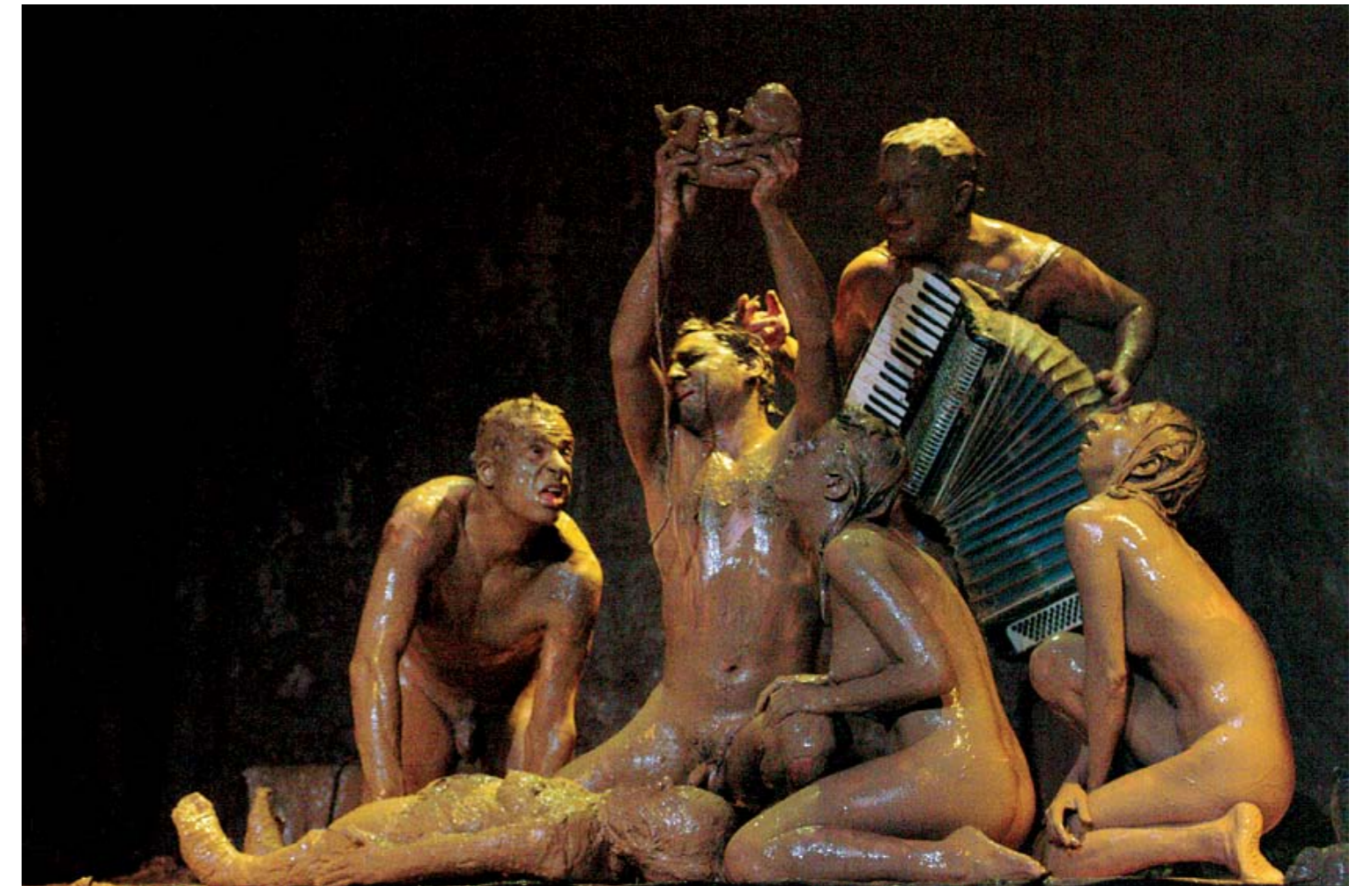
Nesse lugar, os trabalhos foram iniciados, de maneira magistral, com 'The Field', do grupo Strange Fruit, da Austrália, com seu balé aéreo. Os atores giraram sobre

mastros flexíveis em quase cinco metros do chão.

Verdadeiros momentos singulares aconteceram na cidade e entraram para o imaginário dos moradores. Angie Hiesl, da Alemanha, parou o centro 'nervoso' de São José do Rio Preto com a performance 'Gente-cadeira'. Os mexicanos da Cia Los Voladores de Papantla invocavam o Deus do Vento à margem da Represa Municipal, com uma cerimônia típica. A bailarina da Bélgica, Erna Omarsdottir, dividiu o palco com três corpos de cachorros. Os japoneses do grupo T Factory mostraram uma releitura de um clássico europeu: 'Hamlet'.

Mais de 30 países enviaram representantes ao Festival ao longo da história, com a encenação de cem espetáculos diferentes – uma marca difícil de ser alcançada por um evento brasileiro. A vantagem, por ora, é da França, com 13 participações. A Argentina vem logo depois, com 12 espetáculos apresentados.

Depois dos franceses, Itália, Espanha, Portugal e Alemanha são frequentadores contumazes. Escolas tea-



La Última Noche de La Humanidad - El Periférico de Objetos (Argentina) - 2003

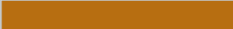
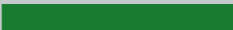

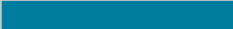


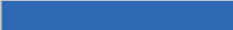

















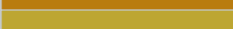





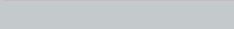
tras menos conhecidas também vieram. A busca da organização é sempre por novidade, independentemente da localização geográfica do grupo. Da Oceania, veio Austrália. Da África, Benin e África do Sul. No caso da Ásia, a lista é mais extensa: Irã (duas vezes), Líbano, Índia e Japão trouxeram suas leituras particulares de teatro para os palcos municipais.

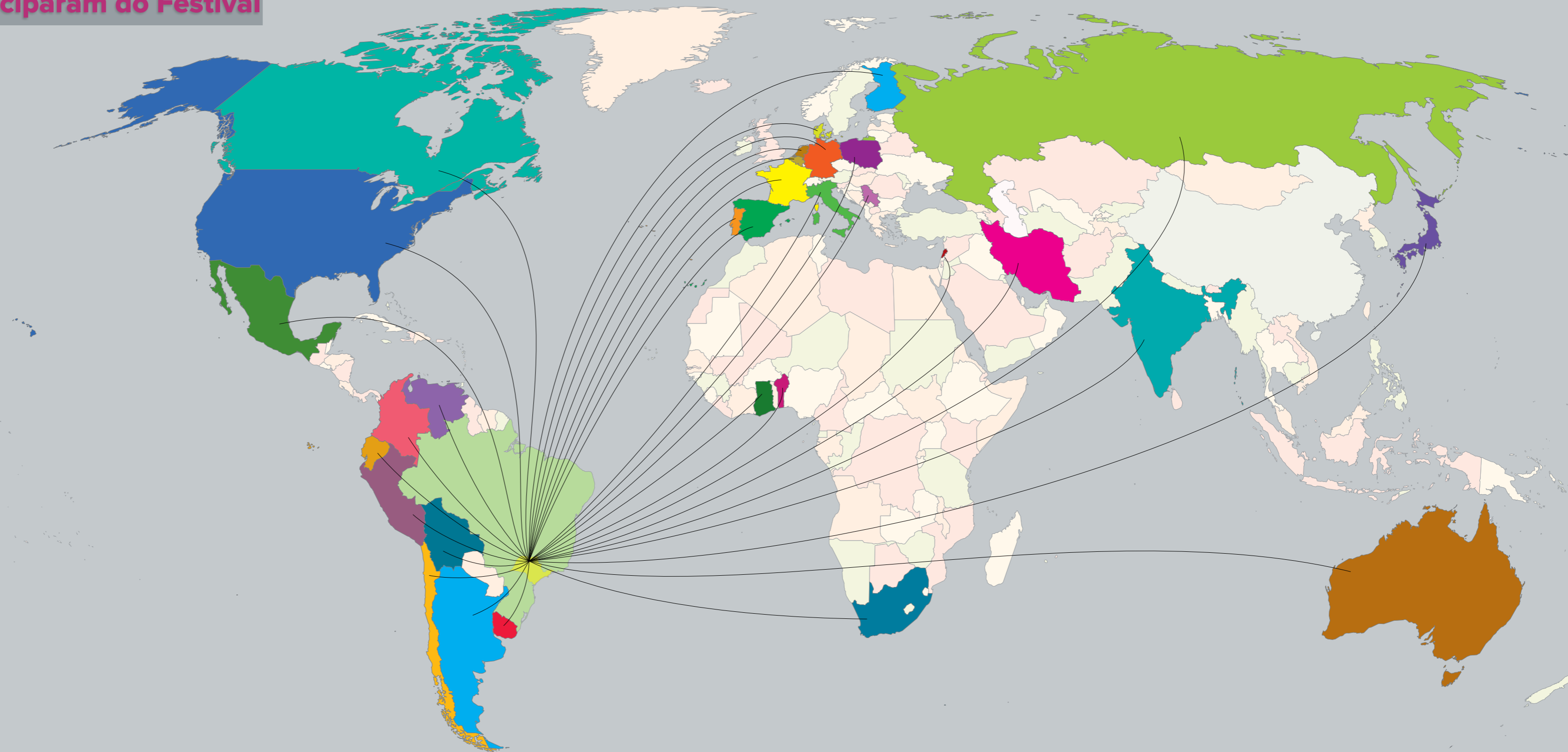
Além da Argentina, diversos vizinhos sul-

-americanos fortaleceram a programação. Chile tem grande papel nesse quesito, com nove participações. Peru, Colômbia, Uruguai e Equador, igualmente. Da América, só que do Norte, a lista inclui Estados Unidos, México e Canadá. Brasil, São Paulo, São José do Rio Preto, noroeste paulista. O FIT é um ponto de convergência para as mais variadas formas de produzir teatro no mundo.



## Países que participaram do Festival

<b>OCEANIA</b>	
AUSTRÁLIA	
<b>ÁFRICA</b>	
GANA	
BENIN	
ÁFRICA DO SUL	
<b>AMÉRICA</b>	
ARGENTINA	
CHILE	
EUA	
MÉXICO	
PERU	
COLÔMBIA	
URUGUAI	
EQUADOR	
VENEZUELA	
CANADÁ	
BOLÍVIA	
<b>ÁSIA</b>	
IRÃ	
LÍBANO	
ÍNDIA	
JAPÃO	
<b>EUROPA</b>	
FRANÇA	
ITÁLIA	
ESPANHA	
PORTUGAL	
ALEMANHA	
HOLANDA	
BÉLGICA	
POLÔNIA	
FINLÂNDIA	
RÚSSIA	
DINAMARCA	
SÉRVIA	





A Lavanderia - Cia. Palhaços Noturnos - 2003



Piratas do Tietê - O Filme - La Mínima - 2003

Babilônia - Folia D'Arte - 2003

Os Sete Afluentes do Rio Ota - 2003

ARTIGO

# ANDAMENTOS CÊNICOS

Dani Sandrini



**Danilo Santos de Miranda**

*Professor, sociólogo e Diretor Regional do Sesc São Paulo*

O teatro é uma arte fortemente relacionada ao tempo. Essa proposição pode sugerir várias coisas, a começar pela concepção clássica sobre a linguagem, que exigia, dentre outros aspectos, a unidade temporal. Segundo Aristóteles, os espetáculos teatrais deveriam desenvolver-se num curto espaço de tempo, aproximando-se de uma sensação próxima da realidade. Tais orientações foram progressivamente desrespeitadas posteriormente, mas permanece a questão: que tempo é esse, representado em cena?

Trata-se, isso é certo, de uma experiência temporal distinta daquela que temos em nossos cotidianos. O conjunto palco-plateia tem o potencial de fundar novas temporalidades, mesclando aspectos físicos e materiais – dentre os quais a presença dos atores é o mais contundente – com a dimensão imaginativa e simbólica, propondo novos arranjos que reconfiguram as percepções mais corriqueiras.

Há, ademais, a possibilidade de um segundo nível de aproximação a essa questão: considerar as cadências

e movimentações do teatro para além de sua potência artística ou estética, levando em conta sua dimensão socio-cultural. O Festival Internacional de Teatro de Rio Preto nos oferece, por ocasião da comemoração dos 50 anos de sua primeira edição, uma oportunidade de ler o tempo construído por uma ação cultural prolongada.

Talvez valha a pena pensar em tal cenário a partir da imagem de caminhos que serpenteiam paralelamente, próximos um do outro, por vezes se misturando. Se num deles figuramos a trajetória de um dos eventos de teatro mais relevantes do Brasil, o outro funcionará como metáfora das movimentações do Sesc no estado de São Paulo.

Voltemos então a 1969: os integrantes do Teatro Jovem da Casa de Cultura retornavam a São José de Rio Preto após terem vencido, com a peça 'A Mandrágora', o primeiro Festival Nacional de Teatro de São Carlos; o êxito estimulou o poder público da cidade a promover um festival análogo. No mesmo ano, o Sesc encontrava-se em pleno desenvolvimento de uma de suas estratégias de ação comunitária mais emblemática: as unidades móveis de orientação social, conhecidas como Unimos.

Cento e quinze cidades do interior acolheram, naquele período, ações culturais e esportivas, além de seminários e encontros formativos. Várias cidades da região, como Fernandópolis, Jales, Santa Fé do Sul, Mirasol e Votuporanga, receberam as camionetes da Unimos em 1969, bem como Rio Preto e Catanduva – cidade que, à época, já contava com uma instalação permanente, o Centro Social João di Pietro.

Entre 1969 e 1972, o Festival de Teatro obedeceu a uma configuração inicial na qual as trupes amadoras ocupavam espaços ainda não totalmente estruturados da cidade, como o Salão da Basílica e o Teatro Municipal antes mesmo de sua inauguração. Na mesma época, a experiência da Unimos se aprimorava, por meio de um

processo de regionalização. A partir de Catanduva e das demais unidades permanentes, as ações ocupavam lugares variados dos municípios; o teatro era elemento central em tais dinâmicas, na medida em que permitia a convergência entre animação cultural e organização comunitária. Vários grupos amadores dedicados às artes cênicas surgiram a partir do estímulo inicial das Unimos.

Mobilizar as memórias dessa circunstância histórica, tanto no que se refere aos primórdios do festival como no que diz respeito às estratégias do Sesc à época, faz maior sentido quando convocamos as reflexões que elas provocam para compreendermos o presente. Em que medida os valores inerentes à aproximação entre ação cultural e comunidade dão a pensar sobre o atual panorama?

A década de 1980 representou um momento de transformação no âmbito da cultura no país. Traços de profissionalização nesse campo ficaram mais visíveis, paralelamente ao desenvolvimento de um mercado cultural com maior grau de complexidade. Os desdobramentos de tal fenômeno puderam ser sentidos no Festival de Teatro de Rio Preto quando ele voltou a ser realizado, em 1982, após um período de inatividade: artistas profissionais passaram a ser o foco do evento, implicando mudanças em sua magnitude e na relação com os públicos.

Algo similar se passou no Sesc. A pauta cultural ocupou um espaço de destaque na ação institucional nos anos 80, a partir da convicção de seu potencial educativo. O crescimento da programação ligada a essa esfera colaborou para a qualificação e profissionalização das cadeias produtivas da cultura. Paralelamente, a expansão do Sesc, por meio de equipamentos construídos a partir de uma acepção renovada de sua missão, indicou este posicionamento: as arquiteturas das unidades passaram a contemplar espaços adequados para as diversas atividades desenvolvidas, dentre os quais teatros, auditórios e salas de espetáculos.

Nesse mesmo período, tem início na instituição uma longa experiência no campo das artes cênicas: o Centro de Pesquisa Teatral, implantado no Sesc Consolação e coordenado pelo encenador Antunes Filho, tornou-se uma referência na área, ao oferecer um rigoroso processo de formação de atores e outros profissionais do palco.

Tal estratégia ajudou a ampliar o entendimento acerca da profissionalização do teatro em São Paulo, ao levar a cabo metodologias alternativas aos formatos convencionais. Em 2001, ocorre um entrelaçamento decisivo dos caminhos: a internacionalização do Festival coincide com o estabelecimento de uma parceria formal com o Sesc, indicando mais uma vez uma sintonia que se manifestava para além do caso particular.

Afinal, é precisamente nesse início de milênio que a instituição intensifica ações inspiradas numa ideia expandida de “diplomacia cultural”: aumenta a proximidade com organismos de outros países, a presença de atrações internacionais é incrementada, assim como se intensifica a circulação de funcionários fora do país, em geral ligada a processos de formação continuada.

Rememorar as cinco décadas do Festival Internacional de Teatro de Rio Preto é um exercício complexo: permite vislumbrar como os movimentos do tempo impactam nosso juízo sobre iniciativas e escolhas feitas em outros cenários.

Revela, numa análise aprofundada, o caráter transitório das estratégias em face da permanência dos valores – e quando se fala em valores, cabe salientar que Sesc e FIT compartilham alguns dos mais inegociáveis, como os da cidadania e da diversidade. Tê-los como referência é o pressuposto para que um empenho continuado na esfera cultural possa ser, além de longo, socialmente relevante.



Pequeno Sonho em Vermelho - Companhia Linhas Aéreas - 2004



A Procissão - Gero Camilo - 2004



Hamlet Clone - The Factory (Japão) - 2004



Daqui a Duzentos Anos - ACT - 2005



Pouco Acima - Grupo Trampolim - 2005



O Valente Filho da Burra - Cia. Articularte Teatro de Bonecos - 2005



Padox Le Jeu Dans Le Jeu - Jeanne Houdart e Albine Sueur (França) - 2005



No FIT de 2005, a Armazém Companhia de Teatro apresentou os espetáculos Pessoas Invisíveis, Alice Através do Espelho e A Caminho de Casa



Pessoas Invisíveis



Alice Através do Espelho

ARTIGO

# EBULIÇÃO TEATRAL

Arquivo pessoal



**Ruy Sampaio**

*É jornalista, foi Secretário Municipal de Cultura, diretor e presidente do FIT Rio Preto de 2001 a 2004*

Rio Preto, primavera de 2000. Um pouco depois das eleições municipais daquele ano, que deu a vitória ao deputado federal Edinho Araújo, fui convidado a comparecer ao Edifício Nagib Gabriel. Era uma tarde de sábado, quando o futuro chefe de gabinete da Prefeitura Zeca Moreira me transmitiu o convite que o futuro prefeito estava fazendo para eu assumir a Secretaria de Cultura do município.

Levei um susto. Não sabia o que dizer. Pedi um prazo para pensar. Na época, trabalhava na editoria de Política do jornal Diário da Região. Estava na empresa há

10 anos e não fazia parte dos meus planos uma mudança. Quem diria tão radical. Fui para casa. Apresentei a proposta para a família e, depois de muito avaliar, decidi aceitar. Foi uma decisão difícil, deixar minha profissão, meu emprego, para assumir um cargo público.

Reuni-me com o prefeito eleito Edinho Araújo para dar a resposta, mas antes questionei o porquê da escolha. Na oportunidade, Edinho disse que pretendia fazer grandes mudanças na área cultural da cidade e que enxergava em mim a pessoa certa para conduzir a nova

política cultural de Rio Preto. Durante muitos anos, havia sido editor de Cultura, do Diário da Região. Ele me disse que eu tinha “um espírito guerreiro e uma visão holística”.

Nessa conversa, adiantou que entre os desafios a enfrentar estava a transformação do Festival Nacional de Teatro em internacional. A internacionalização do Festival fazia parte de seu Plano de Governo apresentado à sociedade durante a disputa eleitoral. A ideia era dar uma chacoalhada na área cultural, em todas as direções: teatro, dança, música, literatura, artes plásticas e visuais.

Desafio aceito. Em janeiro de 2001, assumi a Secretaria Municipal de Cultura. No início, enfrentamos uma série de dificuldades que iam desde infraestrutura ao baixíssimo orçamento da pasta, passando pela falta de pessoal. Nomeamos uma equipe de peso, com pessoas capacitadas para coordenar cada setor. Para o teatro, foi convidado o ator e diretor Jorge Vermelho. Uma pessoa dedicada à área teatral e com muita vontade de fazer acontecer.

Nas primeiras conversas com o prefeito sobre as mudanças do Festival de Teatro, ficou definido que faríamos um convite ao Sesc para entrar na parceria como realizador do evento. Inicialmente, reunimo-nos com o gerente do Sesc Rio Preto à época, Dinael Zanin de Freitas, que prontamente se mostrou favorável à parceria.

O próximo passo foi garantir o aval do diretor-regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda. Na sede da instituição, na Capital, apresentamos a proposta. O prefeito Edinho Araújo demonstrou a necessidade de mudança no nosso Festival e o ganho que traria para a cidade.

O Festival Nacional de Teatro de Rio Preto tinha 31 anos e enfrentava um momento de declínio. Havia sido um dos principais eventos teatrais do país, revelando grandes artistas e apresentando espetáculos que marcaram época. Mas passava por dificuldades e vinha perdendo importância. Entendíamos que um Festival de tamanha envergadura

dura no passado não poderia simplesmente sucumbir. Rio Preto era referência teatral.

Danilo, uma pessoa comprometida com a Cultura do nosso país, compreendeu a dimensão do nosso Festival e fechou a parceria. Fez apenas uma exigência: a curadoria ficaria a cargo do sociólogo Ricardo Muniz Fernandes. Assim, foi feito. Nos anos iniciais, Ricardo formatou o Festival e definiu os temas e o conjunto das obras de cada edição. Durante toda minha gestão (2001/2004), foi o curador. A sua atuação e o seu conhecimento de teatro deram um ganho enorme para o Festival, consolidando sua realização até os dias de hoje.

Fechada a parceria com o Sesc, era preciso ampliar o leque e atrair os órgãos governamentais. Nesse momento, entrava em ação o rio-pretense Aloysio Nunes Ferreira Filho, aliado e amigo do prefeito Edinho Araújo, ministro-chefe da Secretaria-geral da Presidência da República, no governo Fernando Henrique Cardoso, e posteriormente ministro da Justiça.

Aloysio viabilizou recursos do Governo Federal e do Governo Estadual, na época, comandado pelo governador Geraldo Alckmin, em seu primeiro mandato. Esses recursos foram importantes para fechar o orçamento da primeira edição do Festival, chamado, a partir de então, Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto ou, simplesmente, FIT Rio Preto. Edinho, Danilo e Aloysio formaram a trinca de sustentação que viabilizou a criação do modelo atual.

Equacionada a parte financeira, chegou-se o momento de montar o evento. Mãos à obra. Assumi a direção do FIT e, ao lado de Ricardo Fernandes, começamos a dar a nova formatação para o evento. Vitor Hugo Zenezi Longo (Sesc) foi nomeado coordenador-geral; Flávia Carvalho (Sesc), produtora-executiva; e Jorge Vermelho (Secretaria Municipal de Cultura), coordenador-técnico.

Assim que anunciamos o novo formato, as parcerias e a proposta de dar outra dimensão para o evento, a sociedade rio-pretense e a imprensa abraçaram a ideia. Compreenderam a importância da mudança e os novos rumos que o teatro iria trilhar a partir dali em Rio Preto. Mas nem tudo foram flores.

Alguns membros da classe teatral rio-pretense se posicionaram contra as mudanças. Tentaram impedir o novo formato. O tempo mostrou que estavam equivocados. Hoje, o FIT é unanimidade na classe artística rio-pretense.

Entre as mudanças, eliminamos o caráter competitivo do Festival até então. Entendíamos que a maior premiação era ser selecionado para participar do evento.

Depois de muito trabalho, no dia 19 de julho de 2001, com a presença dos ministros Francisco Weffort (Cultura), Aloysio Nunes (Secretaria-geral da Presidência), do Secretário de Estado da Cultura, Marcos Mendonça, do diretor-regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda, prefeito Edinho Araújo, secretário de Cultura, Ruy Sampaio, e o gerente do Sesc Rio Preto, Dinael Zanin, foi feita a abertura do FIT, no Teatro Municipal “Humberto Sinibaldi Neto”.

A Folha de São Paulo trouxe de manchete Teatro Transborda Rio Preto para falar do espetáculo de abertura ‘As Criadas’ (‘Les Bonnes’), de Jean Genet, com a presença do brasileiro radicado na Alemanha Ismael Ivo. O espetáculo, dirigido por Yoshi Oida, consagrado ator da companhia francesa de Peter Brook, também tinha no elenco o bailarino e coreógrafo africano Koffi KôKô e o dançarino turco Zya Azazi; para completar, o músico brasileiro João Bruçó, que à época morava na Áustria.

O Festival naquela estreia, em novo formato, invadiu a cidade. A proposta era ocupar os espaços públicos, fazer Rio Preto respirar teatro. O FIT “ocupou” até fachadas de prédios, onde a diretora teatral alemã Angie Hiesl criou uma instalação viva chamada “X-Vezes Gente Cadeira”,

protagonizada por pessoas com idade entre 60 e 80 anos.

Nessa primeira edição, tivemos apresentações de artistas consagrados, como Paulo José, Matheus Nachtergaele, Otávio Augusto, Marília Gabriela, Gerald Thomas, José Celso Martinez, Beth Goulart, Renato Borghi e tantos outros que se juntaram a grupos amadores e iniciantes para realizar o maior evento cultural da cidade até então.

‘As Lavadeiras’ e ‘O Palhaço Era Meu Tio’, espetáculos produzidos por grupos rio-pretenses, sensibilizaram o público e a crítica. O projeto de realizar teatro em cabines foi uma das sensações do Festival. “Como é possível fazer teatro num espaço tão pequeno?”, indagou um cidadão, diante de um espaço cênico de apenas 1,5 metro, apresentado para uma pessoa.

A cidade ganhou como um todo e a classe teatral rio-pretense, em especial. As atividades formativas foram reforçadas. Os artistas puderam participar de workshops com Yoshi Oida e Alessandro Soares. Tivemos oficinas de Fotografia da Cena, com Lenise Pinheiro; Figurino, com Heloisa Frederico; Contato e Improvisação, com Tica Lemos; e O Jogo, com Cristiane Paoli Quito. Mais demonstrações de trabalho, laboratórios de manipulação de bonecos, processos de montagens, num total de 19 ações.

Não podemos nos esquecer do Não Lugar, um bordel filosófico, à margem da Represa Municipal, no Clube do Lago. Com uma mistura de “lúdico e erudito”, transformou Rio Preto no umbigo do mundo das artes.

Foi um momento único em que pudemos abrir espaço para o novo, sem deixar de contar com a presença de artistas que fizeram a história do nosso Festival, como Dinorath do Valle, Humberto Sinibaldi Neto, Romildo Sant’Anna, José Eduardo Vendramini e Carlos Gardin.

Olhando para trás, reafirmo com segurança: o resultado foi extremamente positivo para Rio Preto, para a Cultura e para o país. Sérgio Salvia Coelho, crítico da Fo-

Iha de São Paulo, escreveu na época: “Quem acha que o teatro morreu venha a Rio Preto em época de Festival”.

Ganhamos as manchetes dos principais veículos de comunicação do Brasil e de jornais importantes do exterior. Em 2001 e nos anos seguintes, Rio Preto recebeu curadores de festivais de teatro de várias partes do mundo, artistas que, simplesmente, vieram se atualizar e se antenar com a cena teatral da vanguarda mundial, olheiros em busca de novos talentos, jornalistas e público, muito público. Todos os espetáculos com casa cheia. Espetáculos nas ruas, bairros e palcos alternativos. Uma verdadeira festa cultural.

Para mim, em especial, são muitas histórias e ótimas lembranças. Pude ver, por exemplo, meu filho Gerrah Tenfuss, ator e performer formado em artes cênicas, ser destaque em matérias dos principais jornais do país pelo espetáculo solo ‘Mel’. Também foi selecionado pelo Teatro da Vertigem, uma das mais importantes companhias do Brasil, comandada por Antônio Araújo (Tó Araújo), para participar do espetáculo ‘O Paraíso Perdido’, na Basílica Menor de Rio Preto. Nos anos seguintes – 2002, 2003 e 2004, em que estive como presidente do Festival, a efervescência, o experimentalismo e a inovação continuaram e se transformaram nas marcas do evento.

“**O Festival naquela estreia, em novo formato, invadiu a cidade. A proposta era ocupar os espaços públicos, fazer Rio Preto respirar teatro**”

Em 2002, Antonin Artaud (1896-1948) foi o patrono do Festival de Teatro de Rio Preto. Na sua segunda edição, como escreveu Sérgio Coelho, “o Festival prossegue com tripla ambição: à noite, faz dos teatros da cidade encruzilhada cultural do mundo; forma atores locais no projeto Preto Artaud, workshops coordenados por Márcia Abujamra, cujos resultados são apresentados de madrugada no LugarUMBIGO, ao lado de performances mais elaboradas, propostas por artistas convidados. De manhã e à tarde, o Preto Artaud vai aonde o povo está: praças, feiras e padarias, para ajudar a formar uma plateia que poderá se estimular a ver à noite tanto espetáculos consa-

grados como mostras de processos de um teatro que reinventa o possível.” Outro momento em que me emocionei. Pude ver minha filha Raisia Sampaio Parente participando desse projeto, na praça.

Naquele ano, tivemos o lírico balé aéreo do grupo australiano Strange Fruit, o ACT – Ateliê de Criação Teatral, de Luís Melo, que deu mostras da importância de seu processo de formação de atores no intrigante ‘O Homem e o Cão’, dirigido por Aderbal Freire-Filho. Em outras praças, Maria Paula Rego dançou a elegante e alva Praga do ‘Auto do Estudante’, de Suassuna, outro homenageado do Festival, e a ‘Navelouca’, da Cia. de Mistérios e Novida-



des, hasteou sua bandeira de utopias.

Foi uma edição pautada pela discussão sobre o surrealismo, que encontrou em José Celso Martinez Corrêa o seu duplo. No processo de montagem de ‘Os Sertões’ (que estrearia no Festival, em 2004), Zé Celso só precisava de um espaço vazio. Ele dizia que o universo de Euclides da Cunha já estava todo na fala de cada ator. Assim, seduziu a plateia a promover ela mesma a transgressão. Removeu para o saguão as poltronas do Teatro Municipal, transformando ali seu novo espaço cênico.

“Em mais uma noite mítica do Festival de Rio Preto, Zé Celso não só revitalizou o sonho de Artaud, mas coroou-o com a alegria.” 2002 também foi o ano do belga Jan Fabre e da sua musa Els Deceukelier, dos russos do Derevo, com o sensacional ‘Once’, da Cia. La Mínima e do grande Carnaval, promovido no LugarUMBIGO, onde hoje é a sede do Sema – Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto, com Monobloco e Pedro Luís e a Parede. O Preto Artaud levou performances de 14 grupos rio-pretenses a pontos diferentes, sempre encarando o teatro, segundo Artaud, que teve em Rubens Corrêa um praticante de suas ideias no país.

Em 2003, o discurso político impregnado nas artes cênicas ocupou boa parte da programação do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva havia acabado de chegar ao poder e a ideia da utopia norteava a curadoria, no discurso de integração dos povos latino-americanos. Dentro desse contexto, o Festival recebe, pela primeira vez, o patrocínio da Petrobras. Uma parceria que durou mais de uma década e foi fundamental para garantir recursos significativos ao longo dos anos. Para o segmento ‘Novos Mundos, Outros Lugares’, Rio Preto convidou o grupo argentino El Periferico de Objetos, que trouxe ‘La Última Noche de la Humanidad’, espetáculo no qual ato-

res e bonecos narram passagens de guerra e morte; e o equatoriano Malayerba, com ‘Nuestra Señora de Las Nubes’, sobre os moradores de um povoado submetidos às dores e delícias da existência. Em “Sistema de Trocas”, a curadoria investiu em projetos de intercâmbio com a encenadora francesa Lea Dante e o polonês Leszek Madzik, que apresentaram espetáculos com elencos brasileiros. O segmento LugarNenhum ocupou a Swift.

Também tivemos minifestivais dos grupos Teatro da Vertigem e Cemitério de Automóveis, de São Paulo. O primeiro, dirigido por Tó Araújo, trouxe sua trilogia bíblica a respectivos espaços não convencionais da cidade: na Basílica (‘O Paraíso Perdido’), No Hospital do Lago (‘O Livro de Jó’) e no antigo Cadeião (‘Apocalipse 1,11’). O Cemitério, do diretor Mário Bortolotto, ganhou um teatro, o Seta, no qual mostrou quatro peças do repertório, entre elas ‘Nossa Vida Não Vale um Chevrolet’ e ‘Felizes para Sempre’.

Também foram selecionados para o Festival 26 espetáculos entre os 277 inscritos de 16 estados. Participaram grupos, como Lume, de Campinas (‘Café com Queijo’); Cia. Brasileira de Teatro, de Curitiba (‘Volta ao Dia em 80 Mundos’, melhor espetáculo do Fringe 2003, em Curitiba, segundo a Folha de São Paulo) e Folias d’Arte, de SP (‘Babilônia’).

A nossa luta sempre foi para que o Festival fosse abraçado efetivamente pela cidade. Por isso, a ênfase nas ruas e nos espaços não convencionais. Em meu último ano à frente do Festival, 2004, conseguimos transformar a Swift no Teatro Oficina, para a apresentação do espetáculo ‘Os Sertões’, de Zé Celso Martinez. O Oficina Swift lotou as arquibancadas na sua estreia.

Nas palavras de Jackeline Seglin, na Folha de Londrina, é possível sentir o que foi aquela edição. “Mais de 350 pessoas se acomodaram em todos os cantos para embarcar na viagem de três horas e meia de ‘A Terra’. Antes, porém,

Zé Celso não poderia deixar de “modificar a paisagem”. Colocou todo mundo de pé e... aquela gente toda esticando o braço, pulando, dando voltas. Agora sim, o espetáculo vai começar. Uma grande celebração reuniu em cena quase 40 atores (adultos e crianças) para contar e cantar a primeira parte da saga de Canudos.

A música e a dança invadem o espaço. Os corpos desenham a história. Cores, luz, cheiros, sensações. O chão de terra batida em contraste com os efeitos tecnológicos. O cenário está armado. E o público está dentro dessa poderosa máquina que pulsa”.

O tema daquele ano foi Américas Disseminadas por Todos os Lados e Dentro de Cada Um. O FIT buscou mostrar os incontáveis pensamentos, paixões, idílios e an-

tagonismos. Colocou na disputa o centro e a periferia, as Américas tangenciais e as Américas divididas e conflituosas, as Américas centrais e aquelas periféricas. Em cena, as versões e inversões de tantas Américas existentes.

Eu me despedi do FIT Rio Preto na companhia de Os Sátyros, Oficina Uzina Uzona, Lume, Palhaços Noturnos, T Factory, Petra, Dr. Botica, Pat Oleszko e tantos outros. Foram quatro anos de muita produção cultural. Rio Preto foi içada ao cenário teatral mundial. Mudamos o paradigma do fazer teatral na cidade. As bases estavam sedimentadas para que o FIT tivesse vida longa. A visão do então prefeito Edinho Araújo foi fundamental. Ele nos deu liberdade para trabalhar e construir o FIT Rio Preto. Muito obrigado, a todos que tiveram participação nesta construção.

“ **O FIT buscou mostrar os incontáveis pensamentos, paixões, idílios e antagonismos. Colocou na disputa o centro e a periferia, as Américas tangenciais e as Américas divididas e conflituosas, as Américas centrais e aquelas periféricas. Em cena, as versões e inversões de tantas Américas existentes** ”



Una Madre Coraje Y Sus Hijos en El Purgatorio - Teatro Del Silencio & Karlik Danza (Chile/Espanha) - 2006



Uroburus - 2006



A Descoberta das Américas - Leões de Circo Pequenos Empreendimentos - 2006



Cuentos Pequeños - Teatro Hugo & Inês (Peru) - 2006



Fabrizio Spatti

Aberrations du Documentaliste - Théâtre de La Massue (França) - 2006



Les Squames - Kumulus (França) - 2007



Plan B - Cie 111 & Phil Soltanoff (França) - 2007



Pequenos Milagres - Grupo Galpão - 2007



Medea - La Extranjera - Grupo Atalaya (Espanha) - 2007



Mobile Homme - Cie Transe Express (França) - 2007



Vento Forte Para um Papagaio Subir - Teatro Oficina Uzyna Uzona - 2007

Evandro Rocha



Braakland - Compagnie Dakar (Holanda) - 2007



Aos Que Virão Depois de Nós - Kassandra in Process - Tribo de Atadores Oi Nós Aqui Traveiz - 2007



A Leitura Cênica de História de Amor - Teatro da Vertigem - 2007



Savina - Amok Teatro - 2007



As Três Velhas - Teatro Pândega Risco Cênico - 2008



La Oratoire D'Aurelia - Aurelia Thierrée (França) - 2008



Senhora dos Afogados - CPT/Sesc - 2008



Le Retour Au Désert - Compagnie Dramatique Parnas (França/Brasil) - 2008



Beatriz Segall em Retratos Falantes - Grupo Tapa - 2008



Avner, The Eccentric - Avner Eisenberg (EUA) - 2009



Cleide Yáconis em Caminho para Meca - Mesa 2 e Signorini MKT - 2009



In On It - Enrique Diaz, Fernando Eiras e Emilio de Mello - 2009

A Falecida Vapt-Vupt - CPT/Sesc - 2009

## ENTREVISTA

# ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO



Beta Cunha

A atriz, diretora, psicóloga e arte-educadora Beta Cunha contabiliza diversificadas e intensas experiências em quase 30 anos de participação no Festival de Teatro de Rio Preto, na produção, atuação, direção, Comissão de Seleção ou mesmo público.

Independentemente do lado em que esteve, Beta Cunha, que participou do grupo Veredas Veritas Vitae, GTR, Companhia Azul Celeste, Cia da Boca e hoje atriz da Cia. Cênica, extraiu o melhor que a mostra ofereceu desde a década de 1990.

Com reconhecidos diretores e atores, fundamentais espetáculos, convivência, palestras, cursos e oficinas, Beta Cunha buscou o estudo, o crescimento pessoal e o desenvolvimento artístico.

Com a internacionalização, avalia, o Festival criou a Curadoria e começou a pensar o evento de forma mais abrangente e inclusiva – tanto para o público quanto para as produções.

A partir dessa mudança em 2001, ampliou-se a voz das mulheres e das minorias.

## Como vê a participação feminina e das minorias no Festival?

*Beta Cunha* - O Festival de Teatro de Rio Preto, independentemente da época, acompanhou a evolução dessa questão no país. Assim, encontra-se em perfeita consonância com as necessidades da cultura e da arte. Com a criação da Curadoria em 2001, a coordenação passou a desenvolver a cada ano um norte bem definido para o evento, o que foi importante. Afinal, as mulheres e as minorias ganharam maior voz.

## Ao sondar o passado, é possível constatar que importantes diretoras, como Nitis Jacon, Neyde Veneziano e Cristina Mato Grosso trouxeram suas mensagens em épocas distintas e pavimentaram um importante caminho...

*Beta* - Grandes trabalhos femininos foram apresentados aqui em diversos momentos. A essa lista, acrescento Georgette Fadel, com belíssimos espetáculos, e Cristiane Paoli Quito, que trouxe, por exemplo, 'Esperando Godot', em 2000. Foi premiadíssima.

## Qual a função do Festival de Rio Preto?

*Beta* - A minha vida me mostra que a cultura tem um papel essencial na formação do homem social e político. Por que realizar uma mostra de teatro se a arte não for utilizada para propor reflexão ou provocar o ser humano a pensar? A arte tem esse poder de dar voz, de formar, de informar, de questionar. O Festival é um grande território para transformação. É atual e atuante.

## Essa característica elevou o status do Festival no Brasil?

*Beta* - Rio Preto sempre foi uma referência importante para o teatro brasileiro. Os artistas se esforçavam para estar aqui. Além de o evento ser um polo de ampliação e divulgação das produções, havia a possibilidade de aprendizado em razão do espaço reservado para estudo e ampliação do pensamento. Companhias da cidade, como Azul Celeste e Palhaços Noturnos, fizeram o caminho inverso ao participar de outros festivais e divulgar o nome de Rio Preto no Brasil.

## A internacionalização foi natural?

*Beta* - Acredito que a arte está sempre em movimento. Com o Festival de Rio Preto não foi diferente. A década de 1990, mais para o final, teve anos difíceis. Em algumas ocasiões, não conseguimos organizar o evento em julho. Na época, estava difícil fazer arte no país, assim como na atualidade. Tivemos edições pequenas ou fracas, mas o Festival de Rio Preto não parou. Na verdade, cresceu e está ampliado para a cidade toda.

## Quais suas lembranças mais saborosas?

*Beta* - Participei de diversas edições na produção, na Comissão de Seleção e como atriz. Foram momentos especiais. Na atuação, o espetáculo 'Trivial Simples', dirigido por Ricardo Matioli, em 1999, ganhou vários prêmios. O reconhecimento foi importante para minha carreira, para o grupo e para Rio Preto.

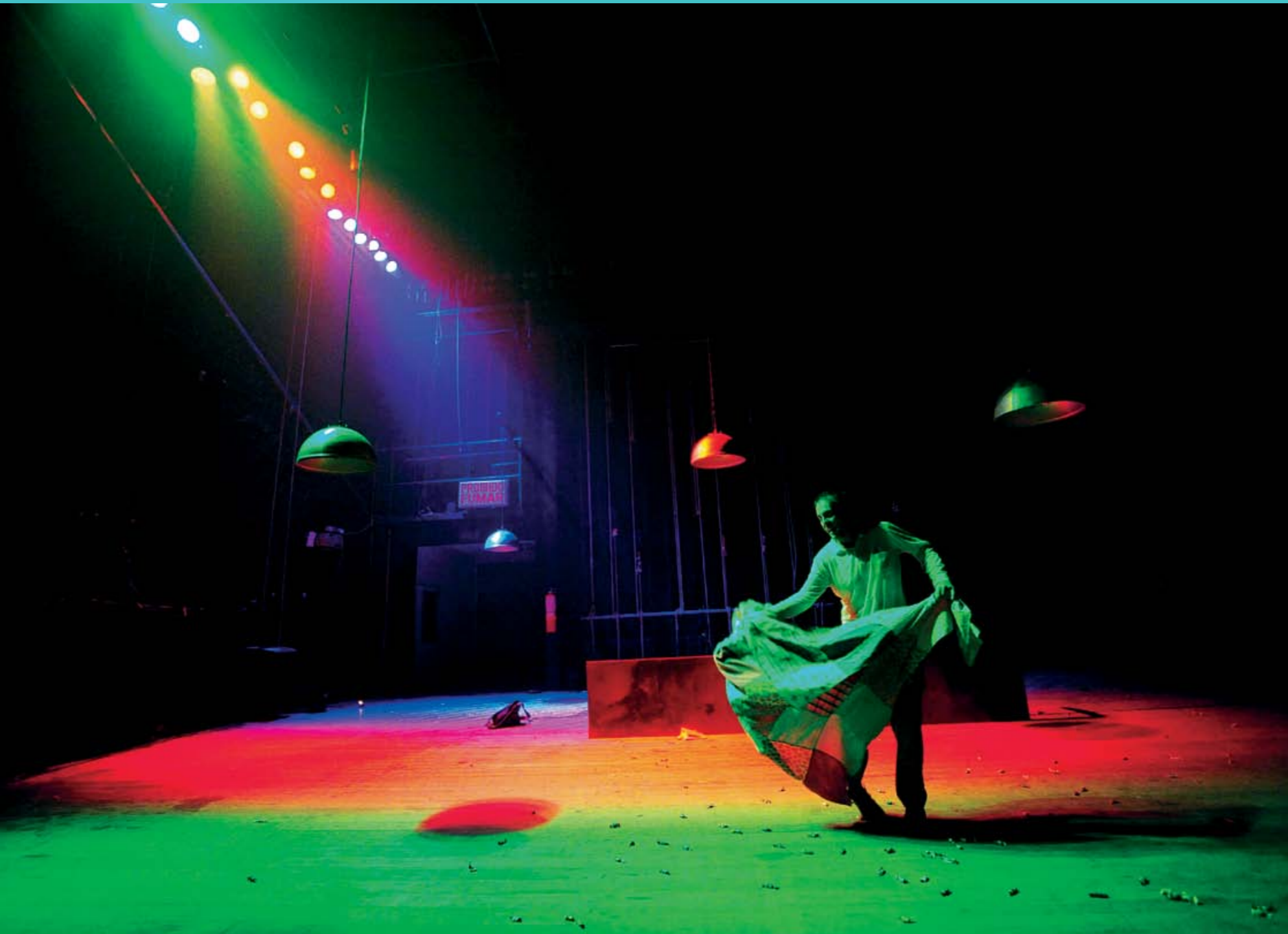
## E conviveu com grandes nomes...

*Beta* - Tive momentos belíssimos ao assistir espetáculos e estar com nomes como Luiz Carlos Vasconcelos, Gabriel Villela, Ulysses Cruz, Antunes Filho, Néstor Monastério, Ademar Guerra, Paulo de Moraes, Fernando Peixoto e José Celso Martinez Corrêa, além de debatedores, 'oficineiros' e jurados. Foram períodos de comunhão, de troca, de aprendizado que a arte proporciona.

## Qual contribuição do Festival em sua história?

*Beta* - Proporcionou aprendizado e crescimento. Mostrou que o teatro é o que eu sempre quis e quero para a minha vida. Quando eu comecei a atuar profissionalmente, tinha a vontade de mostrar que aqui, no interior, a arte não deixava a desejar em comparação com o que é feito no eixo Rio-São Paulo. O Festival me incentivou a melhorar, crescer e produzir com qualidade. Foi importante não só para mim, mas para diversas gerações de artistas. Rio Preto manteve um espaço fundamental para o desenvolvimento da arte e das pessoas.





Cem Gramas de Dentes - Cia. Azul Celeste - 2010



A Inquietude - Cia. Teatral do Movimento - 2010



Otro - Coletivo Improviso - 2010



Marcha Para Zenturo - Espanca! e XIX de Teatro - 2010



Comida Alemana - Cristián Plana (Chile) - 2010



Casca de Nós - Cia. dos Pés - 2011



A Criança Mais Velha do Mundo - Cia. Núcleo de Criação da Banda Mirim - 2011



Gardenia - Les Balletes C de la B (França) - 2011



Sua Incelença, Ricardo III - Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare - 2011

## ARTIGO

## RIO PRETO RESPIRA TEATRO

Arquivo pessoal

**Alair Ignácio dos Santos Júnior**

*É jornalista, publicitário, escritor, cronista e professor universitário com doutorado em Comunicação e Semiótica*

Foi como se Brecht soprasse sua ópera em plena Praça Dom José Marcondes, sorradeira e cochichada, nos ouvidos surdos do rio-pretense comum: - Acorda, mesquinho cristão! Começa a pecar, salafrário! Tu não passas de um charlatão: ganharás, do Senhor, teu salário.

Os conterrâneos assombrados, com um diabo de um maravilhamento um tanto embevecido outro perturbado, olharam espantados para “aquela coisa do teatro” que acontecia ali, mas que simultaneamente se passava também em vários pontos da cidade. Bonito, estranho, comovente, meio tonto. Aquilo era a ordem ou a desordem de como as

coisas deveriam acontecer? Era certo ou inexato? Erravam ou a perfeição que encenavam era apurada demais para a compreensão do juízo nativo? Seria pecado? Teria taradices ou tóxicos? Libertinagem, libidinagem, concupiscência, obscenidade e todas essas coisas do sexo? Era técnica, beleza, método, destreza, habilidade, e todas essas coisas da arte? Quão assim ou assado?

Como se cortinas se abrissem ao redor de todo o perímetro urbano de São José do Rio Preto, o Festival Nacional de Teatro, depois o Festival Internacional de Teatro (FIT), revelavam à população uma outra possibilidade de se com-

preender o mundo: inovadora e desconhecida para a maioria dos habitantes. Distinguia-se na paisagem quase monótona da mediana urbe um inaudito e notável evento, capaz de provocar reações distintas, sem passar despercebido jamais.

Naquele final dos anos 1960, pouco mais de 120 mil almas circulavam pelas ruas rio-pretenses, número que subiria para 460 mil, nesta segunda década do milênio atual. Exceto pelos palhaços e demais personagens das folias de reis e das encenações religiosas nas áreas rurais; por eventuais atores mambembes e camelôs artisticamente estimulados, nas praças; ou pela via de um incipiente e numericamente diminuto movimento de guetos sabidos e escolarizados, que produziam espetáculos amadores; os elementos do teatro absolutamente não figuravam entre as preferências culturais ou de lazer dos munícipes. Missa, televisão e um cinema eventual. Futebol, rodeio e comida (muito aquém também da gastronomia).

De repente, o embate entre Cronos e Dioniso. Ce-der-se-á o tempo ao teatro?

Do modesto e improvisado palco do salão da Basílica ao então recém-inaugurado Teatro Municipal, poderia se

pegar com a mão o sólido salto qualitativo e quantitativo daquilo que se passou a enxergar. E o público formador de opinião (expressão nefasta) logo reservou sua fileira e o número da poltrona. A irrupção de gente e sensação, num instigante desassossego, deu-se para valer com o FIT. A cidade passou a viver horas de catarse, de explosão de energia, a espargir teatro. Poemas declamados ao pé do ouvido dos passageiros dos ônibus ou do transeunte no banco da praça; “aquele velhinho louco”, sentado numa cadeira no primeiro andar da fachada de um prédio, lançando frases e incitações escritas; espetáculos memoráveis; performances provocadoras; atiçamento, assanhamento e surpresas amalgamaram-se nas retinas, ouvidos, paladar, cheiros e tatos da população. Já não havia mais sentidos indiferentes ou disponíveis a outros estímulos.

Festival e rio-pretenses já não precisavam mais de apresentação formal. A intimidade, agora, é tanta, que até discursos na abertura do evento foram banidos. A empatia começa à primeira ação no palco... na rua, na praça, no galpão abandonado ou sobre latões num pasto deserto! Rio Preto respira o festival!

“

**A irrupção de gente e sensação, num instigante desassossego, deu-se para valer com o FIT. A cidade passou a viver horas de catarse, de explosão de energia, a espargir teatro**

”



A Cor Silva - Cia. Cênica - 2012



Otra Frecuencia - Bineural Monokultur (Argentina) - 2012



Histórias Por Telefone - Cia. Delas de Teatro - 2012



Caipiras - Espetáculo de Tradição... - Cia. Fábrica de Sonhos - 2013



A Dama do Mar - Robert Wilson (EUA) - 2013



Cheiro de Carne - Cia. Hecatombe - 2013

## ARTIGO

## O FEMININO NO FIT

Malu Bezzola

**Angélica Zignani***É atriz, comunicóloga e diretora artística da Cia. dos Pés*

A história começa quando percebo o que passou. Começo a me entender pelos dias e momentos que vivi - sempre pelo que foi. Não tenho como falar do meu ofício sem contar como foi que necessitei dele ou como é que me realizo nele. Então, escolhi falar de minha atuação nas artes, fazendo um recorte do que foi que passou por mim.

Da capo, como em obras musicais, se nasce. Cheguei por ventres guerreiros. A luta alimentou os líquidos da gestação. Não escolho contar se é bom ou ruim; julgamento eu aprendi não pontuar. A luta está e ponto e vírgula. Sem saber o que de fato é essa tal luta, cresci lutan-

do a vida. Criando proteção de violências passadas. De angelical só o nome, o treinamento é diário. Quando se é mulher, o caminho é feito na sola do sapato. No fim, é que se percebe que a postura de força é vestimenta de base.

Da infância me lembro da rua e da TV que só existia na vizinha, e que era festa no final da tarde, com os tampões dos dedos levantados e o sangue já se encarregando de fazer o curativo. Na janela, grita a turma: Lela! Liga! Aquele mundo animado e quadrado fazia mágica na nossa frente!

Em casa, a reunião era na cama da mãe, ouvindo os causos do rádio, a cabeça fazia o mundo, e a alma se

alimentava fartamente. Quando um teatro chegou à escola, como um escape dos grandes centros, eu vejo naquilo um mundo, outro mundo, como se tivesse fugido daqueles causos do rádio ou rompido com a televisão da Lela.

Imagine sua imaginação tomar vida no pátio da sua escola, que palavras podiam dizer o que foi que aconteceu a uma criança, que ouve para formar a fila, tomar seu lugar no chão de cimento e logo percebe a poesia em carne e osso? Pronto, está o teatro em mim. Eu tinha na mente uma ideia do que aquilo causava.

Um dia, então, a vizinha chamou minha mãe para ir ao Teatro. Sei o que fiz até me levarem junto. Quando entrei naquele tapete vermelho, não sabia para onde olhar. Era tanto espaço na minha frente que aquela arquitetura imensa tomou conta do meu ar! Lembro-me do cheiro. Cheiro de teatro municipal fazendo semente na minha alma. Aquilo tudo era feito por pessoas que, com seus gestos, intensões e falas, rompiam a carne e conversavam com a minha alma. Falavam com o lá de dentro, com esse negócio de mim que eu nem sabia que tinha.

A gente vive de casco tanto que esquece que tem preenchimento. Foi assim que o teatro me disse que cada

um tem um propósito, sem nem saber a existência dessa palavra. 'Papai pirou nas ondas do rádio' escreveu em mim outra possibilidade de viver. Daí em diante, empurrada pelas mãos de minha mãe, fui tomando contato com o fazer, o circo, os desafios. Esses, os desafios, são meus fiéis companheiros. Eu sou teimosa. Isso também pode ser uma qualidade!

No Festival de Teatro de Rio Preto, cheguei antes de sua internacionalização. Como anjo, eu pude descobrir como atuavam os cirurgiões da alma. Ao lado de Felipe Hirsch, ouvindo o Alexandre Matte, querendo a amizade do Hugo Possolo, vi a luta dos bastidores, daqueles que colocam o tijolo na arquitetura. Mais um mundo.

Aquela menina da fila, ansiosa por saber o que se preparava no pátio, percebeu que ela é agora aquilo que ela tanto admirou. Minha vocação é levar mundos, sim. Talvez falte apenas perceber que o FIT é mulher, sem ventre estampado. Mas, ainda assim, gera 'universos'. É uma alegria reconhecer que sempre no começo de julho nasce outro universo nessa cidade. Em algum canto vai surgir mais uma reflexão dessas de dar sentido à vida. Eu ofereço o que aprendi receber.

“ Talvez falte apenas perceber que o FIT é mulher, sem ventre estampado. Mas, ainda assim, gera universos ”



Esta Criança - Renata Sorrah Produções e Companhia Brasileira de Teatro - 2014



Joelma - Território Sirius Teatro - 2014



Por quê - Cia. Cênica - 2014



Amarillo - Teatro Línea de Sombra (México) - 2015



Lovlovlov- Rumo Empreendimentos Culturais - 2016



Otelo - Viajeinmóvil - 2016



Guerrilheiras ou Para a Terra não Há Desaparecidas - Grande elenco - 2016



Mundomudo - Cia. Azul Celeste - 2015



War - Cia. Para Pessoas Solitárias - 2016



Un Poyo Rojo - Luciano Rosso & Alfonso Barón (Argentina) - 2016



Um Príncipe Exupéry - Cia. Mútua - 2016



ARTIGO

# A POVOAÇÃO DE SENTIDOS



**Valmir Santos**

*É jornalista, crítico e editor do site Teatrojornal – Leituras de Cena*

A história de um festival de artes cênicas é feita da memória do público, dos artistas e dos demais trabalhadores que o colocam de pé a cada edição. Agentes que realizam, organizam, produzem, curam, pesquisam, criam, criticam, reportam, recepcionam, transportam, e assim por diante. Isso fica mais patente quando se chega a meio século de experiência, caso da relação de São José do Rio Preto com seu Festival de Teatro.

Raros são os certames culturais brasileiros que alcançam o cinquentenário. Nascido Festival Nacional de Teatro Amador, em 1969, o atual Festival Internacional de Tea-

tro de São José do Rio Preto, o FIT Rio Preto, tem um ano a menos que o Festival Internacional de Londrina, o Filo. Este também perpassou múltiplas fases: amadora, universitária, regional, nacional, competitiva e finalmente internacional.

As cidades paulista e paranaense distinguem-se ainda por serem as únicas dentre os nove representantes do Núcleo de Festivais Internacionais de Artes Cênicas localizadas no interior. Criado em 2003 para articular a representatividade sociocultural e econômica da atividade, ele agrega ainda eventos de Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e Salvador.

Em certa medida, o FIT Rio Preto segue impregnado do espírito amador dos primeiros anos. Percepção saliente mesmo na travessia do milênio e transcorridos 19 anos da etapa internacional. Amador nas acepções progressistas de quem ama, dedica-se arduamente a um ofício. Combinação de diletantismo e profissionalismo que sedimenta o caráter convivial, a troca presencial inexorável — mirar a los ojos na contranarrativa da virtualização do cotidiano tornada hegemônica nas sociedades.

À maneira do repertório de uma obra artística, o festival fez desse corpus a sua valia anual. No território paulista, ele assumiu para si a premissa de forjar jornadas em que o pensamento crítico, a prática formativa e as proposições formais e temáticas virassem unha e carne. O público, por sua vez, habituou-se a fruir transgressões poéticas da paleta.

Desde 2000, a parceria Prefeitura de São José do Rio Preto + Sesc São Paulo fomentou uma visão laboratorial no modo de fazer, de pensar e de programar o festival. Na empreitada tocada a 435 quilômetros da capital, o caráter experimental sobrepujou convenções de formato. Às apresentações de espetáculos imprimiram-se dimensões filosófica e cidadã que tiraram o interlocutor da zona de conforto e estimularam a proatividade recíproca.

Tornar-se específico não era um processo artificial. Investia-se no pensamento adensado como meio de jogar, verbo seminal para as artes da cena. Na terceira edição internacional, em 2003, por exemplo, a bússola da curadoria foi o conceito de não-lugar. Inspirava-se tanto na definição do antropólogo Marc Augé, relativo ao transitório e sem significado suficiente para assim ser definido, como nas ilhas perseguidas pelo glutão e gigante Pantagruel, de François Rabelais, ou ainda na ilha não menos imaginária de Utopia, como batizou Thomas Morus.

Que isso se materializasse nas instalações da anti-

ga fábrica Swift, que selecionava e armazenava grãos ou obtinha óleo a partir de fornos de alta temperatura, constitui um achado sincrônico de arquitetura cênica em si mesma. Aqueles prédios de estilo inglês, de tijolos aparentes, erguidos na década de 1940 viram e deram a ver momentos memoráveis do que a arte do efêmero é capaz de instaurar fora dos edifícios teatrais.

Foi lá, precisamente na área externa, que o bailarino e coreógrafo africano Koffi Kôkô apresentou 'As Folhas que Resistem ao Vento' sob uma frondosa seringueira. Ele e os demais integrantes da companhia que leva seu nome e atua entre a República do Benin e a França apoiavam-se em bambus para expor os paradoxos da ascensão material na vida em detrimento do autoconhecimento humano.

O experimento perene (tanto nos espetáculos que acolhe como nas ações correlatas que elabora) é um dos traços da povoação de sentidos na trajetória do FIT. Vide o rumor das linguagens de artistas e agrupamentos vindos de diferentes quadrantes e gerações.

Numa retrospectiva breve, tivemos o equatoriano Malayerba; os colombianos Mapa Teatro e Teatro Petra; o chileno Guillermo Calderón; os peruanos Lot Teatro e Hugo & Inês; os argentinos El Periférico de Objetos e Timbre4; a sul-africana Robyn Orlin; os libaneses Rabih Mroué e Lina Saneh; o belga Jan Fabre; a holandesa Compagnie Dakar; o dinamarquês Odin Teatret; a russa Derevo; o japonês Yoshi Oida; os estadunidenses Bob Wilson e New York City Player; os italianos Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards e Compagnia Laboratorio di Pontedera; as francesas Compagnie Dominique Houdart; e Compagnie Transe Express, entre outros expoentes.

Abriu-se à cultura das artes cênicas de outras nações ou continentes é uma modalidade que remonta à Antiguidade, em datas e consagrações religiosas, tendo florescido, em nível ocidental, na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial

(1930-1945). O trauma do dissenso geopolítico deu espaço ao gesto fraterno expressado no campo da arte e da cultura.

Já no segmento nacional, tirante as obras da cidade anfitriã e as produções predominantes do sudeste do país, citamos Grupo Clowns de Shakespeare (RN), Grupo Grial de Dança (PE), Cia. Bagaceira (CE), Carroça de Mamulengos (CE), Teatro Máquina (CE), Dimenti (BA), Cia. Carona (SC), Erro Grupo (SC), Obragem (PR), Oigalê Cooperativa de Artistas Teatrais (RS) e Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz (RS).

Para simbolizar a cartografia afetiva que a história de um festival é capaz de desenhar, lembramos do vínculo do grupo potiguar Clowns de Shakespeare com São José do Rio Preto. Parte dos seus integrantes pisou na cidade em 2002 ávidos para conhecer a festa cênica de fôlego.

No ano seguinte, os jovens espectadores galgaram a condição de criadores (já contavam uma década de

teatro em Natal) e foram escalados para compor a programação com 'Muito Barulho por Nada'. Retornariam ainda com 'Fábulas', em 2006, e com 'Sua incelença, Ricardo III', em 2011, protagonizando a abertura daquele ano no anfiteatro da Represa Municipal.

Assim, a vocação continuada do FIT Rio Preto sedimentou sua própria vereda e preencheu significativamente o vácuo estadual na linha de tempo entre o fim do Festival Internacional de Artes Cênicas, o Fiac (1999), e as primeiras edições do Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas de Santos (2010) e da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, a MITsp (2014), congêneres à altura, considerando-se as respectivas naturezas e escalas.

Hoje, não lhe faltam personalidade e ímpeto nos saberes e fazeres da plataforma longeva que solidificou, contrariando as estatísticas da cultura da descontinuidade no cenário do país real.

Fabricio Spatti



Suassuna – O Auto do Reino do Sol - Barca dos Corações Partidos - 2017

Ferdinando Ramos



Terra Abaixo, Rio Acima - Cia. Cênica - 2017



Gritos - Dos à Deux - 2017



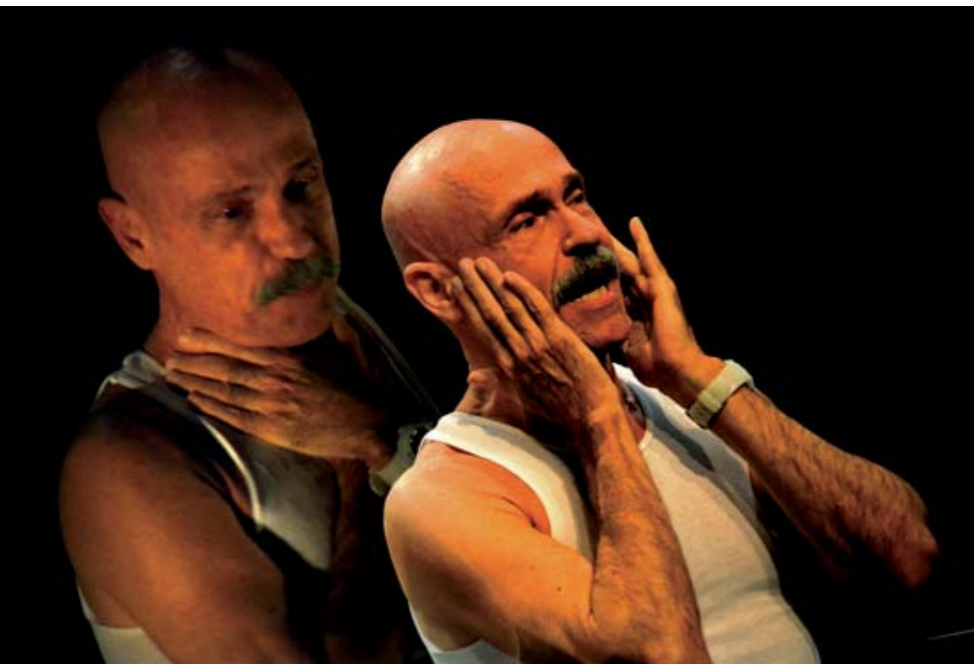
And So You See - Robyn Orlin (África do Sul) - 2017



Los Incontados - Mapa Teatro (Colômbia) - 2017



Blanche - CPT/Sesc - 2017



A Ira de Narciso - Gilberto Gawronski - 2018

Vivian Gradela



Caliban - A Tempestade de Augusto Boal - Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz - 2018



Cérebro de Elefante - Cia. Ir e Vir - 2018



Mortos-Vivos Uma Ex-Conferência - Foguetes Maravilha - 2018

Vivian Gradela



L'Après - Midi D'um Foehn Version 1 - Compagnie Non Nova (França) - 2018



O Ânus Solar - Maikon K - 2018



Isto é um Negro? - Chai-na - 2018



Adeus Palhaços Mortos - Academia de Palhaços - 2018

## ARTIGO

# EM JULHO, RIO PRETO ESTÁ ARTISTA!

Arquivo pessoal



**Jorge Vermelho**

*É ator e diretor teatral na Companhia Azul Celeste, gestor cultural, Coordenador Executivo do FIT Rio Preto e pai do Kaique*

Atualmente, quando ouço a vinheta nas caixas de som, antes do início dos espetáculos do festival, algo se mobiliza em mim. É uma espécie de preparação para o transe, para a experiência a ser vivida, a abertura do portal.

## DIONISO MANIFESTO

Esse portal, que foi aberto de outra forma quando tive o primeiro contato com o festival, em 1985, ao assistir ‘Toda Nudez Será Castigada’, do Grupo Delta, de Londri-

na/PR. Não imaginaria que, depois de 34 anos, escreveria um texto para o catálogo comemorativo dos 50 anos do Festival, na função de Coordenador Executivo. Vamos lá?

Em 1989, comecei a trabalhar no Festival com o mestre Humberto Sinibaldi Neto. Não tinha ideia do funcionamento, das demandas, dos desafios que se multiplicavam diante dos afazeres em uma época sem internet, e-mail, WhatsApp. Humberto me ensinava, mostrando as planilhas feitas em cartolinas, coladas à parede. Meu olhar fixava o mestre, absorvendo cada detalhe.

Uma era analógica.

Contatos por telegrama e impressões no velho mimeógrafo com álcool da Casa de Cultura, com “puxões de orelha” da sábia e saudosa Dinorath do Valle. Todo esse movimento me encantava e continua me encantando até os dias de hoje, já na esfera digital, num esforço coletivo para termos a festa de Dioniso derramando-se pela cidade, que sempre aguarda julho para embebedar-se de utopias e outros modos de ser.

## KOMBI, ADEREÇOS E VERBO

O desejo sempre foi nosso principal combustível, o que nos movia em direção ao encontro. A produção, na maioria das vezes, era realizada utilizando minha perua Kombi cabine dupla, carinhosamente batizada de “Clowndete”, que era o veículo para as viagens com a Companhia Azul Celeste; produção que também era compartilhada com familiares, pois conseguíamos vários itens emprestados com amigos e parentes, para que pudéssemos atender aos pedidos de ajuda na construção das cenografias.

## MEMÓRIAS EM EPIDERME PULSANTE

São memórias. Esse deve ser o objetivo deste livro-catálogo: registrar o que foi fundante, o embrionário, e traçar perspectivas para o futuro.

Nestas memórias, muitas delas registradas na retina, o exercício de resgate é automático. Não saí imune quando presenciei as apresentações de ‘A Falecida’ (Grupo do Esporte Clube Pinheiros e direção de Gabriel Villela - SP), ‘Maragato’ (Teatro Escola de Pelotas, direção de Valter Sobreiro Junior - RS), ‘Bella Ciao’ (Cia. Etcetera-tral, direção de Néstor Monastério - RS), ‘Você Vai Ver o Que Você Vai Ver’ (Circo Graffiti, com a direção de Gabriel

Villela - SP), ‘Histórias de Quirá’ (Núcleo Adsada, direção de Beto Rocha – AC), ‘Vau da Sarapalha’ (Grupo Piolin, com direção de Luiz Carlos Vasconcelos - PB), ‘Interior’ (Grupo Acontecendo por Aí, direção de Lourival Andrade – SC), ‘A Barca do Inferno’ (Cia. Cadê Otelo?, com direção de Marcelo Denny - SP), ‘Como Nasce um Cabra da Peste’ (Agitada Gang, direção de Eliézer Filho – PB), ‘Esperando Godot’ (Cia. Lírica, com direção de Cristiane Paoli-Quito – SP) e tantas outras obras que criaram em mim a suspensão necessária diante do ato teatral.

Para além das obras, os encontros com as pessoas de teatro me provocavam a descobrir cada vez mais, e o Festival Nacional tornava-se minha escola, uma roda de conversa que se estendia para o bar cultural, montado sempre ao lado do Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto.

Em noites gélidas e debates calorosos no auditório da Casa de Cultura, estava sempre atento aos ensinamentos e reflexões. São muitas pessoas que fizeram parte desta estrada de aprendizagem, mas impossível deixar de registrar a importância de ter conhecido e conversado com Clóvis Garcia, Chico de Assis, Sebastião Milaré, Cleyde Yáconis, Lélia Abramo, Ademar Guerra, Gabriel Villela, Ulisses Cruz, Toninho do Vale, José Eduardo Vendramini, Carlos Gardin, Luis Carlos Vasconcelos, Néstor Monastério, Luis Carlos Rossi, JC Serroni, Nitis Jacon, Francisco Medeiros, Paulo de Moraes, Eliézer Filho, Neyde Veneziano, Alexandre Mate, Cristiane Paoli-Quito e Dona Margarida, da Casa de Cultura, que fazia o melhor arroz-doce e a melhor pipoca nas frias noites de julho, acalentando nosso corpo e beijando nossa alma.

## FAZER A CENA E ESTAR EM CENA

O Festival Nacional de Teatro me proporcionou experiências em diferentes camadas. Estava ali, junto com tantas outras pessoas, em busca de algo que pudesse criar mais sentido à vida, ao cotidiano esmagador e dilacerante. E não estava de um só lado da busca. Fora da cena, produzi, aprendi, auxiliiei em tudo o que foi possível e também, dentro da cena, momento em que a Kombi era estacionada para dar lugar a outros motores de combustão. Chegava a vez de subir ao palco para mostrar meu trabalho com a Companhia Azul Celeste ou com outro coletivo da cidade. Era um momento em que esta pausa no trabalho de organização dava vazão a uma infinidade de sensações: expectativa, excitação, medo, ansiedade. Tudo se misturava... e quando a cortina abria, sabia que estava diante do ato teatral, do encontro tão esperado. Sabia também que o trabalho seria recebido e avaliado por profissionais que não poupavam críticas. Os debates no auditório da Casa de Cultura foram minha maior escola. Sentar naquelas cadeiras, com o mural do artista Hudson Buck às costas, muitas vezes parecia entrar para uma sessão de fuzilamento em praça pública. Mas havia vida em tudo aquilo. E não havia espaço, pois cada centímetro do auditório era disputado pelos olhares atentos e ouvidos ávidos pelos ensinamentos que os debates geravam. Ajudar a fazer um festival de teatro e também estar em cena é uma experiência metalinguística que o obriga a posicionar-se diante da ética, da paixão e do intenso estado de permeabilidade.

## UM TEATRO TRANSFERIDO EM CAMINHÕES

Quando não se tem um teatro, por motivos de reforma, o impulso do desejo lhe dá forças para construir esse teatro em outro lugar. Assim fizemos em 1998 quando o Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto entrou em

reformas. Transferimos tudo para a Swift. Tudo, mesmo! Inclusive as poltronas do teatro, os equipamentos de iluminação, som e as cortinas. Foi a solução encontrada para que o Festival não fosse cancelado. Foram dois meses de intenso trabalho para que o local ganhasse uma estrutura de piso em desnível e recebesse as cadeiras. Fizemos um trabalho de tratamento acústico improvisado e numeramos as fileiras e poltronas. Uma mágica: o teatro havia se mudado para a antiga fábrica de óleo de caroço de algodão que, agora, produzia arte e encontros. Neste mesmo local, atualmente, é o Teatro Municipal Paulo Moura. Não podia ser diferente.

Dois anos depois, no último Festival Nacional, em 2000, um ambiente de expectativas pairava no ar. Novo século, fim daquela gestão, ansiedade do que estava por vir. Era um momento de espera, às vezes angustiante. Mas sabíamos que algo precisava mudar, criar outras direções e perspectivas. Encontrar outras camadas de reflexão, provocar rupturas que pudessem nos tirar do lugar de conforto. Estava tudo ali, posto no palco. 'Esperando Godot', de Samuel Beckett, dirigido por Cristiane Paoli-Quito venceu o último festival de caráter competitivo e abriu um portal para o futuro, onde Didis e Gogôs teriam a insuperável tarefa da existência.

## A REINVENÇÃO DO FESTIVAL

Novo ano, novo século, nova gestão.

O prefeito Edinho Araújo assume seu primeiro mandato em Rio Preto e escala o jornalista Ruy Sampaio para o cargo de Secretário de Cultura. Recebi o convite para integrar a equipe da Cultura, com a função de ser diretor do Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto e também coordenar o Festival que, a partir daquele momento, deveria ganhar caráter internacional.

Num primeiro momento não tinha a dimensão do que estava por vir. Fizemos uma primeira reunião. Ruy, Humberto e eu. Falamos da estrutura, da necessidade de formar equipe de trabalho, buscar contatos e experiências internacionais para que pudéssemos vislumbrar um salto no tangente ao formato, abrangência e conceito.

O prefeito Edinho, após uma reunião com Dinael Zanin de Freitas, gerente do Sesc Rio Preto à época, agendou uma reunião com Danilo Santos de Miranda, Diretor Regional do Sesc São Paulo para propor uma parceria na realização.

Seguimos para a Capital: Prefeito, Ruy e eu. Numa reunião na sede do Sesc, ficou definida a parceria e, a partir daquele momento, montamos uma equipe de trabalho com colaboradores das duas instituições, tendo na curadoria, Ricardo Muniz Fernandes, que ofereceu um olhar arrojado ao Festival; a partir daquele ano, a cidade iniciou um outro capítulo em relação ao teatro. Nascia o FIT Rio Preto.

## PREPARAR TERRENOS

Como disse Heiner Müller: “A primeira manifestação do novo é o medo”.

Com o desafio de desbravar outras instâncias nunca investigadas, iniciamos uma caminhada de descobertas que nos colocava diariamente diante do novo. Em alguns momentos, era assustador pela dimensão ou pela complexidade das negociações. A cada elaboração de estratégias para a construção da programação surgia uma infinidade de novas camadas que, quando aprofundadas, geravam outras ainda não vivenciadas.

Nesse turbilhão em que se transformou o Festival, tive que construir outra relação de presença. A partir daquele momento, ocupando um cargo na Secretaria de Cultura, o artista deu lugar ao gestor, o que em mim criou conflitos in-

ternos que, aos poucos, se dissiparam frente ao projeto que se estabelecia para a cidade. Fazer a cena e não estar em cena com os trabalhos da Companhia Azul Celeste me trouxe, aos poucos, a maturidade para o entendimento de que o meu trabalho artístico com o teatro vai além de constar em uma grade de programação: é um sacerdócio de aprendizagem diária com os pares presentes em cada encontro que o FIT proporciona. O verbo “estar” ganha outros contornos e dimensões. Dioniso compartilha frações de vida com Apolo e, juntos, passam a habitar essa nau camaleônica em que a vida se encarregou de me embarcar.

## APITOS, PANFLETOS E ABELHAS

Num processo de construção conjunta como foi o FIT, com olhares diversos, novas posturas e proposições, torna-se fundamental olhar para fora para conseguir elaborar o pensamento diante do novo. Nesse exercício é preciso ressignificar os espaços, as formas e os fazeres. A ruptura entre a tradição e o que se apresenta no horizonte como possibilidade de avanço pode ser compreendida por alguns e arduamente combatida por outros. Assim é o processo democrático, composto de elaborações diversas que orbitam em desejos individuais numa tentativa de propulsão ao coletivo.

Em uma noite de abertura do FIT, os apitos soaram. Alguns com razão, outros por pura irreverência e outros, ainda, por maldade. Foi legítimo, pois havia ali uma necessidade de fala. Uma forma de dizer que precisavam ocupar espaços. E, aos poucos, o que era novo foi se apresentando e propondo alterações na rota.

Lembrando Saramago, “é preciso sair da ilha para ver a ilha”.

## EFEITO ESPONJA

Na esfera epistemológica, o FIT Rio Preto contribui com o surgimento de outras ordens de percepção e fruição. Tanto no formato quanto no recorte que se cria, a partir de diferentes olhares e contribuições, faz com que seja mais que um festival: é uma reestruturação do pensamento crítico diante do teatro e das possibilidades nele contidas.

Entrar em contato com processos criativos altamente elaborados e com proposição de linguagem é, por si só, um estimulador da imaginação e ferramenta para abertura de outras camadas de percepção. Não posso ficar imune frente ao FIT e ao que se apresenta. Como artista da cena, é impossível não me deixar atravessar por um estado de coisas e pela implacável fissura que ele opera em minha forma de recepção. O caleidoscópio apresentado em cada edição traz outros registros, outros estímulos que, inevitavelmente, reverberam em diferentes instâncias, quer seja pelas estéticas propostas ou pelas falas, de todos os lugares e não-lugares, que se projetam no campo das ideias. Diante dele é preciso permitir-se, “esponjar-se”.

## O PALCO URBE

A cidade é o grande palco da sociedade contemporânea. Da Av. Andaló à Av. Bady Bassitt é óbvia a compreensão que se tem de São José do Rio Preto. Suas artérias principais e outras vias secundárias ainda nos oferecem uma possível mobilidade de urbe do interior. Entendemos a cidade como um organismo em que vivemos e que nos abastece daquilo que precisamos. Mas o FIT redefine o olhar para a localidade. Algumas obras necessitam de espaços menos consuetos e, desta forma, nos lançamos na pesquisa e elaboração de outras possibilidades no que tange ao espaço de cena. No cotidiano massacrante, não temos o olhar desenvolvido para enxergar genuinamente a cidade.

Passamos por ela, mas não a habitamos verdadeiramente, com integridade e comunhão. Em julho, a percepção é alterada por meio do festival de teatro. Cadeia pública, igreja, hospital, lago, árvore, sítio, boate, banheiro, chafariz, ônibus, piscina, rodoviária, casa abandonada, prostíbulo e trem são apresentados como outros palcos possíveis para a experiência cênica. A reconfiguração destes espaços urbanos possibilita e oficializa um olhar mais atento para as estórias ali contidas e estabelece uma nova relação com o imaginário cidadão. A cidade, sua arquitetura e o teatro foram entrelaçados, pois, afinal, o teatro quase sempre é um reflexo das representações da vida pública, e o espaço público é frequentemente organizado como se fosse um lugar para a representação teatral.

## BABEL

Em rodas de conversa, os aficionados pelo Festival, dialogam sobre tudo o que por aqui já passou e, anualmente, falam de suas expectativas com o que está por vir. Pensar no FIT é acionar o botão da memória e deixar emergir as sensações e imagens gravadas na alma.

Em 2001, o espetáculo francês ‘Les Bonnes’, com o brasileiro Ismael Ivo no elenco e direção de Yoshi Oida, presenteou-nos com o que há de mais refinado no espetáculo teatral. No mesmo ano, os mexicanos, com ‘La Danza de Los Voladores’, invocando seus espíritos e suplicando aos deuses a proteção ao lançarem-se ao abismo. O centro da cidade foi invadido por cadeiras fixadas aos prédios, onde performers acima dos 60 anos promoviam um inusitado recorte no tempo e no espaço. Assim foi ‘X-vezes-gente-cadeira’, da alemã Angie Hiesl, desembarcando em terras não tão gélidas. Como não lembrar do espetáculo ‘The Field’, do grupo Strange Fruit, da Austrália, em que os atores equilibravam-se em longas hastes de car-

bono? Queríamos abraçá-los cada vez que se aproximavam das nossas faces perplexas diante de tanta beleza e poesia. ‘Hysteria’, do Grupo XIX, de São Paulo, promoveu um dos brilhantes momentos, em que nós, homens, precisamos ouvir os depoimentos daquelas mulheres que se derramavam. ‘Once...Love, Tears and Broken Hearts’, do grupo russo Derevo, provocou excitação na plateia, com suas inventividades. ‘Woyzeck Desmembrado’, de Cibele Forjaz com Matheus Nachtergaele no elenco, levou o público para cima do palco do Teatro Municipal Humberto Siniibaldi Neto. Neste mesmo teatro, os argentinos, com direção de Daniel Veronese, trouxeram ‘La Última Noche de la Humanidad’, cobertos de lama no primeiro ato, criando a sensação de um só corpo e, após uma “pausa higiênica”, voltam num ambiente asséptico, branco, para falar da dor da humanidade e sua constante luta pela sobrevivência na contemporaneidade.

Ainda em 2003, um dos projetos mais ousados do FIT: produzir a trilogia completa do Teatro da Vertigem. ‘O Livro de Jó’, num hospital inacabado, onde hoje é o AME; ‘O Paraíso Perdido’, encenado na Basílica Menor Aparecida e ‘Apocalipse 1.11’, que ocupou a cadeia pública da cidade, que havia sido desativada há 10 dias, ainda contendo restos de roupas e comidas. Nessa trilogia, Antonio Araújo inaugura no Brasil outra forma de pensar o espaço da cena. Todas as convenções foram ultrapassadas e o público se transformou em cúmplice de cada confissão presente nas obras. ‘Os Sete Afluentes do Rio Ota’, de Monique Gardenberg, trouxe um elenco de notáveis e apresentou uma obra com cinco horas de duração, com direito a duas sessões no último dia. O Lume Teatro, de Campinas, no belíssimo ‘Shi-zen 7 Cuias’, apresentando o minimalismo do “Butoh-Ma” de Tadashi Endo.

Zé Celso Martinez Correa pediu um Teatro Oficina em Rio Preto e nós construímos! Os galpões da Swift se

transformaram no grande corredor da trupe para receber a grandiosa obra ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha. Roman Photo, do Chile, fez uma das mais belas aberturas do Festival, em 2005 e ‘Padox Le Jeu Dans Le Jeu’, da França, contou com a participação de 40 detentos do antigo IPA – Instituto Penal Agrícola, que foram preparados durante três meses: uma comoção. Neste mesmo ano, o módulo Ocupação trouxe o intenso trabalho da Armazém Teatro, do Rio de Janeiro, com ‘Alice através do espelho’, ‘A caminho de Casa’ e ‘Pessoas Invisíveis’.

Em 2006 os Fofos Encenam, exatamente à meia-noite, ocuparam uma casa abandonada em um sítio da cidade para apresentar ‘Assombrações do Recife Velho’, experiência com direito à fogueira. ‘Ensaio.Hamlet’, da Cia. dos Atores, desconstruiu a figura do herói. O espetáculo espanhol ‘Una Madre Coraje y Sus Hijos en El Purgatorio’ ocupou o graneleiro da Swift em uma corajosa encenação, utilizando um espaço com 80 metros de comprimento. Koffi Kôkô, do Benin, nos emocionou com seus atores/bailarinos equilibrados em gigantes bambus na obra ‘Les Feuilles Qui Résistent au Vent’, apresentado debaixo das figueiras da Swift. Pelo FIT conhecemos inusitados lugares e passagens secretas por meio do ‘Audiotour Ficcional’, do grupo argentino BiNeural-Monokultur. E se alguém nunca tinha ido ao teatro sem saber para onde estava indo, ‘Braakland’, da Holanda, fez com que o público atravessasse um pasto com gados e carrapichos para encontrar um lugar desértico.

Esta edição de 2007, realmente, trouxe grandes obras para o público da cidade. ‘Les Squames’, do grupo francês Kumulus, levou homens-macacos para a Praça Rui Barbosa; ‘Mobile Homme’, também da França, abriu o Festival e contou com a participação da fanfarra da Escola Darcy Ribeiro; ‘Plan B’, coreografia de Aurelien Bory, trazia atores contracenando com uma grande parede em

constante movimento; ‘Kassandra in Process’, da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, apresentou a atriz Tânia Farias na sua potência máxima; o mestre Eugênio Barba com seu delirante ‘Andersen’s Dream’, do Odin Teatret, da Dinamarca. Tivemos a adorável presença da neta de Charles Chaplin, Aurelia Thierrée, com ‘L’oratoire D’Aurelia’. O mestre Antunes Filho trouxe sua ‘Senhora dos Afogados’, com o Grupo Macunaíma/CPT; do Chile, um jorro de dramaturgia com o espetáculo ‘Neva’, de Guilherme Calderón; Georgette Fadel e Isabel Teixeira num combate cênico inesquecível na encenação de ‘Rainhas(s)’, de Cibele Forjaz; a delicadeza de ‘Gardenia’, com o Les Ballets C de la B e direção de Alain Platel; ‘Sua Incelença-Ricardo III’, do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare, que fez uma abertura comovente; outra abertura que se tornou inesquecível foi ‘Suassuna – O Auto do Reino do Sol’, com direção de Luiz Carlos Vasconcelos. ‘And So You See’, da África do Sul, em uma cortante encenação; o inusitado tríptico do Mapa Teatro, ‘Los Incontados’; o grito preto presente em ‘Isto é um Negro?’, do Chai-Na Teatro; a delicada poesia das sacolinhas de plástico em ‘L’après - Midi d’un Foehn Version’; as obras Projeto Brasil e Preto, dirigidas por Márcio Abreu, da Companhia Brasileira de Teatro, e tantas outras provocações cênicas que pelo FIT passaram e visitam constantemente nossas memórias que, por segurança, precisaria de um HD externo para mais registros.

### CURVA DECLINANTE

De 2010 a 2016 não participei da organização do FIT. Uma nova gestão na cidade, outras prioridades eleitas e, por tudo o que já havia vivido e construído para o Festival, não concordava com a forma com a qual os novos dirigentes públicos conduziam o processo. Prefiri me ausentar e manter minha dignidade e compromisso com o

teatro, sem interferências partidárias e decisões sem clareza. Foi extremamente doloroso constatar, aos poucos, como a falta de compromisso com a arte e o descaso público puderam aniquilar anos de luta que resultaram em importantes conquistas tendo colocado o FIT entre os melhores festivais do país. Havia uma equivocada fala sobre a necessidade de “desconstruir” o Festival. Conseguiram mais que isso. Lançaram mão dos conceitos, da qualidade organizacional, massacrando uma história estabelecida e reconhecida. O FIT perdeu os patrocinadores e, na sequência, a importante parceria com o Sesc SP. Perdeu corpo, alma e importância. Perdemos, nós, rio-pretenses. Perdeu, o teatro brasileiro.

### CIMENTO, COLA E FITA CREPE

Construir uma nova casa é menos penoso do que enfrentar reformas. Após sete anos longe da coordenação do FIT, em um novo governo do prefeito Edinho Araújo e tendo Pedro Ganga à frente da Secretaria de Cultura, sou convidado novamente a fazer parte da equipe, na função de Assessor Especial e com a missão de reconstruir o Festival. Assim, sabendo da importância do alicerce em uma construção, iniciamos um percurso parecido com o de 2001, tendo como prioridade a retomada da parceria com o Sesc SP e a recolocação do Festival no cenário internacional. O FIT retomou sua direção em busca de um teatro comprometido com a investigação e proposição de debates urgentes. Haja fôlego para tapar as fissuras e devolver ao Festival o devido espírito de coletividade e celebração. As edições de 2017 e 2018 foram realizadas com o esforço das duas instituições parceiras, Prefeitura e Sesc, com o compromisso de reposicionar o FIT ao lugar de destaque que conquistou e resgatar o conceito artístico e organizacional. Dioniso vibrou.

### AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS

Fazer um festival é um exercício de resistência, paciência e resiliência. Em um país que não estabelece a Cultura como prioridade de Estado, um projeto que consegue chegar aos 50 anos de existência mostra claramente a importância que ele tem para a constituição da identidade de uma sociedade e a força criativa empregada durante décadas. O Festival de Rio Preto atravessou a ditadura, driblou a censura e se estabeleceu como um dos mais pulsantes territórios de investigação da cena contemporânea. Fazer parte desta história é ter o compromisso ético da obrigação desta continuidade, é reverenciar e respeitar os que vieram antes de nós, os que colocaram a pedra inaugural desta epopeia comandada pelo desejo e entrega. Nos últimos 30 anos, estive presente de diferentes formas no festival: auxiliar de produção, produtor, coordenador de produção, ator, diretor, figurinista, cenógrafo, espectador e, atualmente, coordenador executivo. Todas es-

sas diferentes formas de presença me habilitam a ser parte constituinte deste símbolo que se tornou o FIT para Rio Preto e para o Brasil. Estou de passagem por aqui e, enquanto permanecer, me doarei inteiro e verdadeiro, acreditando no poder do teatro e de sua capacidade de provocar inquietações. Aos que virão depois de nós, compreendam o enredo desta história e dignifiquem o que foi construído pela coletividade. Nós passamos, o Festival permanece. Tenham carinho por isso.

### SÃO JOSÉ CELSO RISONHO

A escolha desta imagem de Zé Celso, na obra ‘Os Sertões’, para a capa deste catálogo é amorosamente pensada como metáfora do que é o Festival. Pretérito de mãos dadas com o futuro, olhando ao longe para o que está por vir, sempre apoiado no cajado de São José Risonho. Se é para ser poesia, que sejamos a própria, derramada e incontável. O resto é história.

## TODOS OS ESPETÁCULOS

Nos seus 50 anos de existência, mais de 1.200 espetáculos diferentes se apresentaram no Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Participaram representantes de 23 estados (não vieram Pará, Tocantins e Roraima), Distrito Federal e 31 países.

A quantidade de apresentações, no entanto, é ainda maior – é comum uma montagem ser encenada mais de uma vez na mesma edição.

Nesta grandiosa arte a seguir, há o nome de todas as peças, companhias, diretores e cidades de origem. Embora tenham relevância dentro do evento, performances, shows musicais, programação do bar cultural ou qual-

quer outra manifestação cultural não estão incluídos nesse cronograma. A mostra revela quão suntuosa é a estrada percorrida pelo Festival desde sua origem até a contemporaneidade. Importantes nomes, grandiosos grupos e propostas inovadoras estão presentes.

O Festival de Teatro de São José do Rio Preto é essencialmente feito de pessoas para pessoas. Você, que é ator, diretor, técnico, coordenador, servidor da Prefeitura ou do Sesc, produtor ou espectador: sinta-se como parte fundamental desta história.

Nas páginas seguintes, lembre, conheça, descubra, rememore... Emocione-se!







**O JARDINEIRO TRAPALHÃO E A MENINA ESPACIAL**

Teatral Aquarela  
Direção: Hermes Tinoco Filho  
São José do Rio Preto (SP)

**E VIVA NÓS**

Trancos e Barrancos  
Direção: Maria Lúcia Veiga  
Rio de Janeiro (RJ)

**COISA NOSSA**

Núcleo Ariquemes de Teatro  
Direção: João Pedro e Narcizo de Jesus Ariquemes (RO)

**COMO A LUA**

TTTrês Produções Artísticas  
Direção: José Manoel  
Jaboatão dos Guararapes (PE)

**A DANÇA DOS TANGARÁS**

Andanças de Teatro e Arte Popular  
Direção: Amaury Tangará  
Cuiabá (MT)

**O VIRULÊNCIO**

Caminhança de Teatro  
Direção: Luís Antônio Moralles  
São José do Rio Preto (SP)

**BRINCANDO DE BRINCAR**

Grupo Pesquisa  
Direção: Valéria Albuquerque  
Fortaleza (CE)

**CULPA, MÁ CONSCIÊNCIA & CIA**

Apóstolos de São Paulo  
Direção: Fábio de Souza Mafra  
São Paulo (SP)

**AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA**

Nosso Grupo do Automóvel Clube  
Direção: Humberto Sinibaldi Neto  
São José do Rio Preto (SP)

**TRANSGREUNTE ASCENDENTE AQUARIUS - UMA TRAGÉDIA**

Grupo Proteu  
Direção: Nitís Jacon  
Londrina (PR)

**NÓ CEGO**

Grupo Teatral do Monte Líbano  
Direção: Paulo César Casanova  
São José do Rio Preto (SP)

**A FONTE LÁ DO MORRO ATRÁS DE CASA**

Matinada de Teatro  
Direção: Borges de Garuva  
Joinville (SC)

**TEM ALGUMA COISA NO AR E NÃO É AVIÃO**

Teatro Exercício  
Direção: Hugo Zorzetti  
Goiânia (GO)

**A PAIXÃO DE AJURICABA**

Grupo Upaon-Açu  
Direção: Miguel Estefânio Veiga Filho  
São Luís (MA)

**TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA**

Delta de Teatro  
Direção: José Antônio Teodoro  
Londrina (PR)

**CROCODILO DO NILO**

Grupo Vim Te Ver  
Direção: Paulo Yutaka  
São Paulo (SP)

**ESCREVEU NÃO LEU, CORDEL COMEU**

Teatral Imbuça  
Direção: Lindolfo Amaral e Valdice Teles  
Aracajú (SE)

**BERÇO ESPLÊNDIDO**

Qorpo Santo e Encenação  
Direção: Jefferson Vanchi  
São José do Rio Pardo (SP)

**PUTZ, A MENINA QUE BUSCAVA O SOL**

Centro de Estudos Teatrais  
Direção: José Luiz Ribeiro  
Juiz de Fora (MG)

**FAUSTO**

Centro de Estudos Teatrais  
Direção: José Luiz Ribeiro  
Juiz de Fora (MG)

**O CASAMENTO DE CATIRINA**

Haja Teatro e Grupo Bumba  
Direção: Paulinho Mafe  
Recife (PE)

**UBU**

Teatro de Ornitorrinco  
Direção: Cacá Rosset  
São Paulo (SP)



# 1986

**8º Festival Nacional de Teatro Amador****2º Festival Nacional de Teatro Infantil****18 a 29 de julho****BICHO DE PÉ? PÉ DE MOLEQUE?**

Teatro Experimental Canopus  
Direção: Wilton Carlos Amorim  
Goiânia (GO)

**CAPITAL REFÚGIO**

Núcleo Ariquemes de Teatro  
Direção: Roberto O'Hara e João Pedro Ariquemes (RO)

**A PESTE**

Grupo Proteu  
Direção: Nitís Jacon  
Londrina (PR)

**O ENIGMA DE CID**

Cia. Etceteratral  
Direção: Néstor Monastério  
Porto Alegre (RS)

**ATÉ AMANHÃ**

Grupo Terra  
Direção: Eliézer Filho  
Cajazeiras (PB)

**TIA EVA**

Teatral Amador Campograndense  
Direção: Cristina Mato Grosso  
Campo Grande (MS)

**MÁSCARAS DE UM PIERROT**

Oficina Experimental de Mímica  
Direção: Miquéias da Paz  
Taguatinga (DF)

**O INSPETOR GERAL**

Armação  
Direção: Norton Makowisky  
Florianópolis (SC)

**CAMINHO SUAVE**

Grupo Meninos Passageiros  
Direção: Jary Mércio Almeida Pádua  
São José do Rio Preto (SP)

**VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU**

Terceira Dentição  
Direção: Gabriel Villela  
São Paulo (SP)

**O BURGUE S FIDALGO**

Barca de Dionisos  
Direção: William Pereira  
São Paulo (SP)

**O MACACO E A VELHA**

Teatro Mamulengo de Cheiroso  
Direção: O grupo  
Aracajú (SE)

**OS CIÚMES DE UM PEDESTRE OU O TERRÍVEL CAPITÃO DO MATO**

Teatro, Sim... Por que Não?  
Direção: Margarida Baird  
Florianópolis (SC)

**A GRANDE ESTIAGEM**

Arco Íris de Teatro Amador  
Direção: Paulo Antônio Serafim  
São José do Rio Preto (SP)

**PANO DE RODA**

Talm  
Direção: Luiz Oliveira  
Maceió (AL)

**AQUI Ó! PEGUEI UM DIMENOR**

Teatro Corpo e Cara  
Direção: André Luiz Lopes  
Londrina (PR)

**O DRAMA DAS CAMÉLIAS**

Teatro Panacéia e Haja Teatro  
Direção: Américo Barreto  
Pernambuco (PE)

**O MÁGICO DE OZ**

Dramart Produções  
Direção: José Manoel  
Recife (PE)

**OS FUZIS DA SENHORA CARRAR**

Grupo Lama  
Direção: Brás Marotti Júnior  
Itajubá (MG)

**O DOENTE IMAGINÁRIO**

Grupo Teatral do Monte Líbano  
Direção: Paulo César Casanova  
São José do Rio Preto (SP)

**A VOAR**

Pasárgada  
Direção: Vladimir Capella e José Geraldo Rocha  
São Paulo (SP)

**ESTRANHO PROCEDIMENTO**

Cênico Regina Pacis  
Direção: Armando Azzari  
São Bernardo do Campo (SP)

**O DESPERTAR DA PRIMAVERA**

Escola de Arte Dramática da USP  
Direção: Ulysses Cruz  
São Paulo (SP)

**O DIA DE PIERROT**

Teatro Experimental da Hebraica  
Direção: Moisés Miastkowsky  
São Paulo (SP)

**A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA**

CPT/Sesc  
Direção: Antunes Filho  
São Paulo (SP)

# 1987

**9º Festival Nacional de Teatro Amador****3º Festival Nacional de Teatro Amador Infantil****1ª Mostra Nacional de Escolas de Teatro****16 a 28 de julho****VIDA DE CACHORRO**

Cia. Etceteratral  
Direção: Néstor Monastério  
Porto Alegre (RS)

**QUEM VÊ CARA, NÃO VÊ CORAÇÃO**

Grupo Ataq-Cardíaco  
Direção: Isau Firm  
Vitória (ES)

**A BARBEARIA OU RATOS NO FIM DO CORREDOR**

Teatro Bandeirante  
Direção: Carlos Moreira  
Goiânia (GO)

**SARAPALHA E OUTRAS ESTÓRIAS**

Grupo Diz-Diz  
Direção: Abílio Tavares  
Uberlândia (MG)

**TELLARAÑAS**

Grupo Arte & Manha  
Direção: Néstor Monastério  
Novo Hamburgo (RS)

**PARENTES ENTRE PARÊNTESES**

Grupo da Universidade Federal do Ceará  
Direção: João Falcão  
Fortaleza (CE)

##### 15 ANOS DEPOIS

Grupo Cena Viva
Direção: José Manoel
Caruaru (PE)

##### RAIMUNDA, RAIMUNDA

Grupo Harém de Teatro
Direção: Arimatan Martins e José Providência
Teresina (PI)

##### A ESTÓRIA DA TONTA BARATINHA

Grupo Bigorna & Supimpa
Direção: Eleonara Montenegro
João Pessoa (PB)

##### TCHEKHOV EM DOIS TEMPOS

Grupo Armação
Direção: Waldir Brazil
Florianópolis (SC)

##### TEATRO

Grupo Meninos Passageiros
Direção: Jary Mércio Almeida Pádua
São José do Rio Preto (SP)

##### O DEFUNTO

Grupo Gang do Beijo
Direção: João Coriolano
Rio de Janeiro (RJ)

##### DE COMO...MOCKIMPOTT

Grupo Teatro Experimental Universitário
Direção: Inês Marocco
Santa Maria (RS)

##### FLICTS, ERA UMA VEZ UMA COR

Troupe Teatral Espantalho
Direção: Romualdo Freitas
Arcoverde (PE)

##### ROSA DO LAGAMAR

Grupo Comédia Cearense
Direção: Haroldo Serra
Fortaleza (CE)

##### PROCURANDO FIRME

Projeto Teatro Santos
Direção: Neyde Veneziano
Santos (SP)

##### BAILEI NA CURVA

Grupo Gata e Olho D'alma
Direção: Eliel Ferreira
Santos (SP)

##### OS CIÚMES DE UM PEDESTRE OU O TERRÍVEL CAPITÃO DO MATO

Escola de Arte Dramática da USP
Direção: Paulo Jordão
São Paulo (SP)

##### ESCORIAL

Grupo As Flores do Mal
Direção: Cristiane Paoli Quito
São Paulo (SP)

##### MÁSCARAS

Grupo Teatral Anima
Direção: Cleon Jacques
Curitiba (PR)

##### AS DESGRAÇAS DE UMA CRIANÇA

Escola de Arte Dramática da USP
Direção: Isa Kopelman
São Paulo (SP)

##### DURA LEX SED LEX NO CABELO SÓ GUMEX

Grupo Deixa Falar
Direção: Maria Mirtes Mesquita
São Paulo (SP)

##### UM SONHO DE CRIANÇA

Grupo Ilusão da Escola
Francisco Felício Mizlara
Direção: Maria Cristina Oliveira
São José do Rio Preto (SP)

##### O BAÚ DA INSPIRAÇÃO PERDIDA

Teatro Allan Kardec
Direção: Fernando Martins Rossit
São José do Rio Preto (SP)

##### VIÚVA, PORÉM HONESTA

Grupo Tapa
Direção: Eduardo Tolentino de Araújo
Rio de Janeiro (RJ)



Cartão de programação do Festival Nacional de Teatro Amador

**AS IRMÃS TENEBROSAS E OUTRAS ESTÓRIAS**
Teatral Imbuça
Direção: Lindolfo Alves do Amaral Filho
Aracajú (SE)

##### O PRODÍGIO DO MUNDO OCIDENTAL

Grupo Fliakes
Direção: Maria Clara Fernandes
São Paulo (SP)

##### REVISTANDO O TEATRO DE REVISTA

Grupo Experimental de Teatro Unisantos
Direção: Neyde Veneziano
Santos (SP)

##### PREPARE SEUS PÉS PARA O VERÃO

Alunos do 2º Ano de Artes Cênicas da Unicamp
Direção: Regina Braga
Campinas (SP)

##### NOTRE DAME DE PARIS

Teatro Sem Ponto
Direção: Donizetti Buganza e Wagner Donadio de Souza
Londrina (PR)

##### A BATALHA DE OL CONTRA O GIGANTE FERR

Grupo Teatro de Bigorna
Direção: W. J. Solha
João Pessoa (PB)

##### ARLECCHINO

Teatro Fora de Sério
Direção: Neyde Veneziano
Campinas (SP)

##### 4, 3, 2, 1... SONHANDO

Grupo Ilusão
Direção: Eusímio Mauad Júnior
São José do Rio Preto (SP)

##### ANIVERSÁRIO DE VIDA, ANIVERSÁRIO DE MORTE

Cia. Dramática Bombom Pra Que Se Pirulito Tem Pauzinho Pra Se Chupar
Direção: Paulo de Moraes
Londrina (PR)

##### JÁ NASCI CANSADO

Grupo Arco-Íris
Direção: Paulo Antônio Serafim e Paulo Spínola Machado
São José do Rio Preto (SP)

##### ESPETÁCULO DE DANÇA

Associação Nipo-Brasileira
Direção: O grupo
São José do Rio Preto (SP)

##### ZYDRINA

Grupo Proteu
Direção: Nitis Jacon
Londrina (PR)

##### O SANTO E A PORCA

Aquarela de Teatro
Direção: Hermes Tinoco Filho
São José do Rio Preto (SP)

##### A ÁRVORE QUE ANDAVA

Grupo Fases da Lua
Direção: João Senna
São Paulo (SP)

##### O FILME DE ONTEM

Teatro Caricaretta
Direção: Inaldo Lisbôa
São Luiz (MA)

##### REVOLUÇÃO NA AMÉRICA DO SUL

Veredas Veritas Vitae
Direção: Roberta dos Santos Cunha
São José do Rio Preto (SP)

##### COM PANOS E LENDAS

TTTrês Produções Artísticas
Direção: José Manoel
Jaboatão dos Guararapes (PE)

##### NÃO VERÁS PAÍS NENHUM

Grutac
Direção: Júlio Maciel
Fortaleza (CE)

##### O SANTO INQUÉRITO

Nosso Grupo do Automóvel Clube
Direção: Humberto Sinibaldi Neto
São José do Rio Preto (SP)

##### PEQUENO PRÍNCIPE EM BUSCA DE UM AMIGO

Cia. Etceteratral
Direção: Néstor Monastério
Porto Alegre (RS)

##### O PORCENTEIRO

Teatral Águas Claras
Direção: Donizeti Mazonas
Goioerê (PR)

##### A COMÉDIA DA ESPOSA MUDA

Grupo Galpão
Direção: Paulinho Polika
Belo Horizonte (MG)

##### O INSPETOR GERAL

Cria Sonhos
Direção: Alice Carvalho
Niterói (RJ)

##### AS AVENTURAS DE PEDRO MALAZARTES

Teatral Mensagem
Direção: Jairo Maciel
Concórdia (SC)

##### A FALECIDA

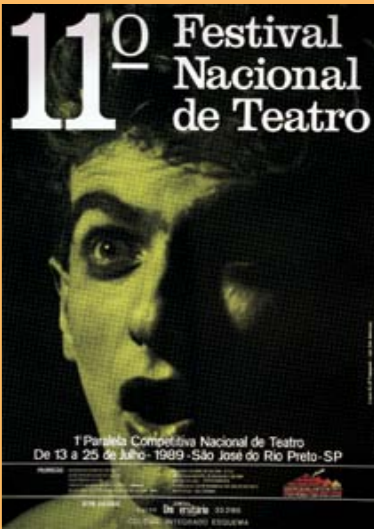
Teatro Amador do Esporte Clube Pinheiros
Direção: Gabriel Villela
São Paulo (SP)

##### GUIOMAR, SEM RIR, SEM CHORAR

Grudage
Direção: Buarque Sámot
Cabo (PE)

##### SONHO PIRATA

Grupo Divulgação
Direção: José Luiz Ribeiro
Juiz de Fora (MG)



# 1989

## 11º Festival Nacional de Teatro

## 1ª Paralela Nacional Competitiva de Teatro

### 13 a 25 de julho

##### A HORA DOS RUMINANTES

Teatro Sem Ponto
Direção: Donizetti Buganza e Wagner Donadio de Souza
Londrina (PR)

##### UMA PITADA DE CICUTA

Stereotipos
Direção: Pedro Boaventura
Fortaleza (CE)

##### O FUTURO ESTÁ NOS OVOS

Pompadour Tinha Melhor
Direção: Waterloo Gregório
Campinas (SP)

##### ALDEIA

Teatro de Caverna & Fantasia
Direção: Sérgio Conventi
São Paulo (SP)

























2011

### 11º Festival Internacional de Teatro 7 a 16 de julho

**SE UMA JANELA SE ABRISSE**  
Mundo Perfeito  
Direção: Tiago Rodrigues  
Portugal

**VILLA + DISCURSO**  
Companhia Playa  
Direção: Guillermo Calderón  
Chile

**GARDENIA**  
les Balletes C de la B  
Direção: Alain Platel e Frank van Laecke  
Bélgica

**WHERE WERE YOU ON JANUARY 8TH?**  
Mehr Theatre Group  
Direção: Amir Reza Koohestani  
Irã

**APÁTRIDA – DOSCIENTOS AÑOS Y UNOS MESES**  
Spregelburd/Zypce  
Direção: Rafael Spregelburd  
Argentina

**SUA INCELENCÇA, RICARDO III**  
Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare  
Direção: Gabriel Villela  
Natal (RN)

**SAVANA GLACIAL**  
Grupo Físico de Teatro  
Direção: Renato Carrera  
Rio de Janeiro (RJ)

**NAVALHA NA CARNE**  
Bateia Cultura  
Direção: Rubens Camelo  
Rio de Janeiro (RJ)

**TRÍPTICO (RICHARD MAXWELL): BURGER KING, CASA E O FIM DA REALIDADE**  
Cia. Club Noir  
Direção: Roberto Alvim  
São Paulo (SP)

**HOSPITAL DA GENTE**  
Grupo Clariô de Teatro  
Direção: Mário Pazini  
Taboão da Serra (SP)

**ÓPERA DOS VIVOS – ESTUDO TEATRAL EM QUATRO ATOS**  
Cia. do Latão  
Direção: Sérgio de Carvalho  
São Paulo (SP)

**MEIRE LOVE – UMA TRAGÉDIA LÚDICA**  
Grupo Bagaceira de Teatro  
Direção: Suzy Élida e Yuri Yamamoto  
Fortaleza (CE)

**MANTER EM LOCAL SECO E AREJADO**  
(PH2) Estado de Teatro  
Direção: Rodrigo Batista  
São Paulo (SP)

**A DÓCIL**  
Grupo Folias D'arte  
Direção: Pedro Mantovani  
São Paulo (SP)

**BANAL**  
Dia Sim Produções!  
Direção: Alessandra Colasanti  
Rio de Janeiro (RJ)

**OXIGÊNIO**  
Cia. Brasileira de Teatro  
Direção: Márcio Abreu  
Curitiba (PR)

**AUTOMÁKINA UNIVERSO DESLIZANTE**  
Grupo de Teatro Pernas Para o Ar  
Direção: Jackson Zambelli  
Canoas (RS)

**ESTE LADO PARA CIMA: ISTO NÃO É UM ESPETÁCULO**  
Brava Companhia  
Direção: Fábio Resende e Ademir de Almeida  
São Paulo (SP)

**HELENA PEDE PERDÃO E É ESBOFETEADA**  
Tablado de Arruar  
Direção: João Otávio  
São Paulo (SP)

**O GRANDE CIRCO DOS IRMÃOS SAÚDE**  
Circo Teatro Artetude  
Direção: Ankomárcio Saúde Rodrigues  
Brasília (DF)

**TILL, A SAGA DE UM HERÓI TORTO**  
Grupo Galpão  
Direção: Júlio Maciel  
Belo Horizonte (MG)

**RABISCO DE UM CACHORRO PERFEITO**  
Maracujá Laboratório de Artes  
Direção: Sidnei Caria  
São Paulo (SP)

**A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**  
Cia. Fractal de Teatro  
Direção: Luiz Valcazaras  
São Paulo (SP)

**O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS**  
Cia. de Teatro Artesanal  
Direção: Gustavo Bicalho e Henrique Gonçalves  
Rio de Janeiro (RJ)

**O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHÁ**  
Grupo 59  
Direção: Cristiane Paoli Quito  
São Paulo (SP)

**QUIXOTE CABOCLO**  
Cia. da Tribo  
Direção: Milene Perez e Wanderley Piras  
São Paulo (SP)

**A CRIANÇADA MAIS VELHA DO MUNDO**  
Cia. Núcleo de Criação da Banda Mirim  
Direção: Claudia Missura  
São Paulo (SP)

**AS SOBRAS DE TUDO QUE CHAMAM LAR**  
Tokaia Cia. Teatral  
Direção: Marlon Morelli e Roberto Brito  
São José do Rio Preto (SP)

**DOOUTROLADO**  
Cia. Girasonhos  
Direção: Ricardo Matioli  
São José do Rio Preto (SP)

**MARCELO, MARMELO, MARTELO**  
Cia. Azul Celeste  
Direção: Jorge Vermelho  
São José do Rio Preto (SP)

**CASCA DE NÓS**  
Cia. dos Pés  
Direção: Angélica Zignani  
São José do Rio Preto (SP)

**VINGATIVA**  
Ciacômica Teatro de Bonecos  
Direção: João Guerreyro  
São José do Rio Preto (SP)

**SOBRE FRAGMENTOS DA REALIDADE**  
Com-Tato Cia. de Dança  
Direção: Tailana Martho e Vinícius Francês  
São José do Rio Preto (SP)

**O QUE FAZER COM O QUE KAFKA FEZ COM A GENTE**  
BlackBerries Wilted Company  
Direção: Carolina Alvim  
São José do Rio Preto (SP)

**DOIS DIAS ANTES DO RESTO DO MUNDO**  
Estagio.1 Cia. de Teatro  
Direção: Alexandre Blanco  
São José do Rio Preto (SP)

**PROCESSO METAMORFOSE**  
Cia. Núcleo 2  
Direção: Jef Telles  
São José do Rio Preto (SP)

**(UMA HISTÓRIA DE) BORBOLETA IN PROCESS**  
Cia. Hecatombe  
Direção: Alexandre Manchini Jr e Bruno Cavalcanti  
São José do Rio Preto (SP)



2012

### 12º Festival Internacional de Teatro 4 a 14 de julho

**BRECHT – THE HARDCORE MACHINE**  
Kosztolányi Dezső Theatre  
Direção: András Urbán  
Sérvia

**ELETRIC PARTY SONGS**  
The Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards  
Direção: Mario Biagini  
Itália

**I AM AMERICA**  
The Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards  
Direção: Mario Biagini  
Itália

**MACBETH – WHO IS THAT BLOODIED MAN?**  
Teatr Biuro Prodozy  
Direção: Pawel Szkotak  
Polônia

**MI VIDA DESPUÉS**  
Companhia Lola Arias  
Direção: Lola Arias  
Argentina

**OTRA FRECUENCIA: AUDIO-PERFORMANCE DE A DOS**  
Bineural Monokultur  
Direção: Ariel Dávila e Christina Ruf  
Argentina/Alemanha

**LA POCHA REMIX: PSYCHO-MAGIC ACTIONS AGAINST VIOLENCE**  
La Pocha Nostra  
Direção: O grupo  
Estados Unidos

**THE LIVING ROOM**  
Jerzy Grotowski e Thomas Richards  
Direção: Thomas Richards  
Itália

**UMZIEHEN**  
Nathalie Fari/Atelier Obra Viva  
Idealização: Nathalie Fari  
Alemanha

**WHITE RABBIT, RED RABBIT**  
Nassin Soleimanpour  
Direção: Nassin Soleimanpour  
Irã

**ATO DE COMUNHÃO**  
GPS Produções Artísticas  
Direção: Gilberto Gawronski  
Rio de Janeiro (RJ)

**BREU**  
Breu  
Direção: Maria Sílvia Siqueira e Miwa Yanagizawa  
Rio de Janeiro (RJ)

**CIDADE FIM – CIDADE CORO – CIDADE REVERSO**  
Teatro de Narradores  
Direção: José Fernando Azevedo  
São Paulo (SP)

**DEUS É UM DJ**  
Com Marcos Damigo e Guta Ruiz  
Direção: Marcelo Rubens Paiva  
Rio de Janeiro (RJ)

**LIMPE TODO O SANGUE ANTES QUE MANCHE O CARPETE**  
Cia. dos Inquietos  
Direção: Eric Lenate  
São Paulo (SP)

**NINGUÉM FALOU QUE SERIA FÁCIL**  
Foguetes Maravilha  
Direção: Alex Cassal  
Rio de Janeiro (RJ)

**ORFEU MESTIÇO – UMA HIP-HÓPERA BRASILEIRA**  
Núcleo Bartolomeu de Depoimentos  
Direção: Claudia Schapira  
São Paulo (SP)

**RIDÍCULOS, AINDA E SEMPRE!**  
Parlapatões, Patifes e Paspalhões  
Direção: Hugo Possolo  
São Paulo (SP)

**(VER)ITER**  
Cia. Les Commediens Tropicales  
Cenografia: José Valdir  
São Paulo (SP)

**A PEREIRA DA TIA MISÉRIA**  
Núcleo Ás de Paus  
Direção: O grupo  
Londrina (PR)

**DOMDEANDAR**  
 Cia. Teatral Manicômicos  
 Direção: Juliano Pereira  
 São João Del Rei (MG)

**FLOR DE MACAMBIRA**  
 Grupo Ser Tão Teatro  
 Direção: Christina Streva  
 João Pessoa (PB)

**SÉRIE PRECÁRIOS: AÇÕES RIO-PRETENSES**  
 Com Eleonora Fabião  
 Direção: Eleonora Fabião  
 Rio de Janeiro (RJ)

**ROMEU E JULIETA**  
 Grupo Galpão  
 Direção: Gabriel Villela  
 Belo Horizonte (MG)

**ANJO DE PAPEL**  
 Cia. Fios de Sombra  
 Direção: Rafael Curci  
 Campinas (SP)

**AS TRÊS MULHERES SABIDAS**  
 Cia. Dedo de Prosa  
 Direção: André Garolli e Luciana Viacava  
 São Paulo (SP)

**HISTÓRIAS POR TELEFONE**  
 Cia. Delas de Teatro  
 Direção: Carla Candiotto  
 São Paulo (SP)

**O MAIOR MENOR ESPETÁCULO DA TERRA**  
 Centro Teatral e Etc e Tal  
 Direção: Álvaro Assad e Melissa Telles-Lôbo  
 Rio de Janeiro (RJ)

**RÁDIO SHOW**  
 Banda Mirim  
 Direção: Marcelo Romagnoli  
 São Paulo (SP)

**ASAS**  
 Cia. dos Pés  
 Direção: Angélica Zignani  
 São José do Rio Preto (SP)

**A COR SILVA**  
 Cia. Cênica  
 Direção: Fagner Rodrigues  
 São José do Rio Preto (SP)

**A MENINA QUE NÃO SONHAVA**  
 Alex D'Arc Produções  
 Direção: Alex D'Arc  
 São José do Rio Preto (SP)

**CIRCO LANDO – O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA**  
 Cia. Fábrica de Sonhos  
 Direção: Guido Caratori  
 São José do Rio Preto (SP)

**KABUKIZA**  
 King Company  
 Direção: Gerrah Tenfuss  
 São José do Rio Preto (SP)

**MÓDULO 1 DE ETIQUETA PA PA PA**  
 Cia. Com-Tato  
 Direção: Vinícius Francês  
 São José do Rio Preto (SP)

**MORTE E VIDA SEVERINA**  
 Grupo de Pesquisa Teatral Sala 50  
 Direção: Marcelo Mattos  
 São José do Rio Preto (SP)

**O SOL QUE NASCE SEU**  
 Balé de Rio Preto  
 Direção: Creuza Arruda  
 São José do Rio Preto (SP)

**PALMAS A PALMARES**  
 Cia. da Boca  
 Direção: Perpétuo Peralta  
 São José do Rio Preto (SP)

**TERRITÓRIO BANAL**  
 Cia. Azul Celeste  
 Direção: Jorge Vermelho  
 São José do Rio Preto (SP)



# 2013

## 13º Festival Internacional de Teatro

4 a 13 de julho

**A DAMA DO MAR**  
 Com Robert Wilson  
 Direção: Franco Laera e Elizabeth di Mambro  
 Estados Unidos

**DISCURSO DE UN HOMBRE DECENTE**  
 Mapa Teatro  
 Direção: Heidi e Rolf Abderhalden  
 Colômbia

**EMÍLIA**  
 TIMBR4  
 Direção: Claudio Tolcachir  
 Argentina

**GALVARINO**  
 Compañía Teatro Kimen e Teatro  
 Universidad Mayor  
 Direção: Paula González Seguel  
 Chile

**HIM**  
 Fanny & Alexander  
 Direção: Luigi de Angelis  
 Itália

**HISTÓRIAS SUSPENSAS**  
 Radar 360 Associação Cultural  
 Direção: Joana Providência  
 Portugal

**CIRCO NEGRO**  
 Ciasenhas de Teatro  
 Direção: Sueli Araújo  
 Curitiba (PR)

**CORINTHIANS, MEU AMOR**  
 Brava Companhia  
 Direção: Rafaela Carneiro  
 São Paulo (SP)

**FIÇÃO**  
 Cia. Hiato  
 Direção: Leonardo Moreira  
 São Paulo (SP)

**IVANOV**  
 Teatro Máquina  
 Direção: Fran Teixeira  
 Fortaleza (CE)

**OS BEM-INTENCIONADOS**  
 Lume Teatro  
 Direção: Grace Passô  
 Campinas (SP)

**PEEP CLASSIC ÉSQUILO AS SUPPLICANTES /OS PERSAS**  
 Companhia Club Noir  
 Direção: Roberto Alvim  
 São Paulo (SP)

**PEEP CLASSIC ÉSQUILO SETE CONTRA TEBAS/PROMETEU**  
 Companhia Club Noir  
 Direção: Roberto Alvim  
 São Paulo (SP)

**PEEP CLASSIC ÉSQUILO ORESTEIA I/ORESTEIA II**  
 Companhia Club Noir  
 Direção: Roberto Alvim  
 São Paulo (SP)

**A FANTÁSTICA BALEIA ENGOLIDORA DE CIRCOS**  
 Cia. Frita  
 Direção: Álvaro Assad  
 Rio de Janeiro (RJ)

**CLARICE MATOU OS PEIXES**  
 Companhia do Abraço  
 Direção: Letícia Guimarães  
 Curitiba (PR)

**LOUÇA CINDERELLA**  
 Companhia Gente Falante –  
 Teatro de Bonecos  
 Direção: Paulo Martins Fontes  
 Porto Alegre (RS)

**O MENINO QUE MORDEU PICASSO**  
 Charge Produções Artísticas  
 Direção: Marcelo Romagnoli  
 São Paulo (SP)

**PARA MENINOS E GAIVOTAS, UM VOO RASANTE**  
 Cia. Sylvia Que Te Ama Tanto  
 Direção: Márcio Pimentel e Marcelo Denny  
 São Paulo (SP)

**POP**  
 Cia. Noz de Teatro, Dança e Animação  
 Direção: Anie Welter  
 São Paulo (SP)

**CORSÁRIOS INVERSOS – UMA INCRÍVEL AVENTURA PIRATA**  
 Grupo Mosaico Cultural  
 Direção: Liane Venturella  
 Porto Alegre (RS)

**JÚLIA**  
 Grupo de Teatro Cirquinho do Revirado  
 Direção: Pepe Sedrez  
 Criciúma (SC)

**RELAMPIÃO**  
 Cia. do Miolo e Cia. Paulicea  
 Direção: Alexandre Kavanjli  
 São Paulo (SP)

**ROMEU E JULIETA - ENCONTRO DE SHAKESPEARE E A CULTURA POPULAR**  
 Instituto Garajal de Arte e Cultura Popular  
 Direção: Diego Mesquita e Mario Jorge Maninho  
 Maracanau (CE)

**MIRA – EXTRAORDINÁRIAS DIFERENÇAS, SUTIS IGUALDADES**  
 Grupo de Teatro de Pernas Pro Ar  
 Direção: Luciano Wieser e Raquel Durigon  
 Canoas (RS)

**CAIPIRAS - ESPETÁCULO DE TRADIÇÃO – CAPÍTULO 1: SÃO JOÃO DA BOIADEIRA**  
 Cia. Fábrica de Sonhos  
 Direção: Guido Caratori  
 São José do Rio Preto (SP)

**CHEIRO DE CARNE**  
 Cia. Hecatombe  
 Direção: Alexandre Manchini Jr e Bruno Cavalcanti  
 São José do Rio Preto (SP)

**EXPRESSO CARACOL**  
 Cia. dos Pés  
 Direção: Angélica Zignani  
 São José do Rio Preto (SP)

**GRETA**  
 Companhia Policarpo de Teatro  
 Direção: Marlon Morelli  
 São José do Rio Preto (SP)

**QUADRADO**  
 Companhia Núcleo 2  
 Direção: Jef Telles  
 São José do Rio Preto (SP)



# 2014

## 14º Festival Internacional de Teatro

21 a 30 de agosto

**EL RUMOR DEL INCENDIO**  
 Lagartijas Tiradas al Sol  
 Direção: Luisa Pardo e Gabino Rodríguez  
 México

**SAXOPHONISSIMO**  
 Compagnie Les Désaxès  
 Direção: O grupo  
 França

**FUERA!**  
 Com María Pellgro  
 Direção: Pablo Rotemberg  
 Argentina/Bélgica

**LA IDEA FIJA**  
 Pablo Rotemberg  
 Direção: Pablo Rotemberg  
 Argentina

**LA CHICA DE LA AGENCIA DE VIAJES NOS DIJO QUE HABIA PISCINA EN EL APARTAMENTO**  
 El Conde de Torrefiel  
 Direção: Pablo Gisbert  
 Espanha

**SUEÑOS DE GIGANTES**  
 La Gran Marcha de lós Muñecones  
 Direção: Jorge Rodríguez Mallqui  
 Peru

**BESTIARIO**  
 La Llave Maestra  
 Direção: Álvaro Morales Lifschitz  
 Chile/Espanha

**AS ESTRELAS CADENTES DO MEU CÉU SÃO FEITAS DE BOMBAS DO INIMIGO**  
 Cia. Provisório Definitivo  
 Direção: Nelson Baskerville  
 São Paulo (SP)

**BR-TRANS**  
 Coletivo Artístico As Travestidas  
 Direção: Jezebel De Carli  
 Fortaleza (CE)

**ESTA CRIANÇA**  
 Renata Sorrah Produções (RJ) e Companhia Brasileira de Teatro (PR)  
 Direção: Márcio Abreu  
 Rio de Janeiro (RJ) e Curitiba (PR)







**CALIBAN – A TEMPESTADE DE AUGUSTO BOAL**

Tribo de Atadores Ói Nós Aqui Traveiz  
Direção: O grupo  
Porto Alegre (RS)

**PRETO**

Companhia Brasileira de Teatro  
Direção: Marcio Abreu  
Curitiba (PR)

**ENTRELINHAS**

Coletivo Ponto Art  
Coreografia: Jaqueline Elesbão  
Salvador (BA)

**GAGÁ**

Cia. Bendita  
Direção: Marcelo Romagnoli  
São Paulo (SP)

**EUFONIA**

Cia. dos Pés  
Direção: Linaldo Telles  
São José do Rio Preto (SP)

**CHAPEUZINHO VERMELHO**

Projeto Gomba e Rococó Produções  
Direção: Camila Bauer  
Porto Alegre (RS)

**CORPO/LENTE**

Com Andrea Capelli  
Concepção: Jorge Etecheber,  
Andrea Capelli e Guilherme Di Curzio  
São José do Rio Preto (SP)

**TER BOAS HISTÓRIAS PRA CONTAR**

Seriam Cômicos Cia. de Teatro  
Direção: Simone Sallas  
São José do Rio Preto (SP)

**CHÁ DAS ALMAS CARBONIZADAS**

Seriam Cômicos Cia. de Teatro  
Direção: Simone Sallas  
São José do Rio Preto (SP)

**ENSAIO PARA GALERIA**

Agrupamento Núcleo 2  
Direção: Jef Telles  
São José do Rio Preto (SP)



# 2019

**19º Festival Internacional de Teatro****4 a 13 de julho****ALICE & BALTAZAR OU INDEVASSÁVEL**

Homero Ferreira  
Direção: Homero Ferreira  
São José do Rio Preto (SP)

**HUMALTERIDADE**

Asa de Borboleta  
Direção: Vanessa Cornélio  
São José do Rio Preto (SP)

**IMPRUDÊNCIAS POÉTICAS**

Cia. dos Pés  
Direção: Angélica Zignani  
São José do Rio Preto (SP)

**TEOREMAS**

Grupo Khalos  
Direção: Tauã Teixeira  
São José do Rio Preto (SP)

**CORPOMÁQUINA**

Robô.Art  
Direção: Vinícius Dall'Acqua  
São José do Rio Preto (SP)

**NÃO TEM VÉU, NEM RÉU, TEM REVOLUÇÃO!**

Coletivo As Manas  
Direção: Tânia Alonso  
São José do Rio Preto (SP)

**BURAQUINHOS OU O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ**

Carcaça de Poéticas Negras  
Direção: Naruna Costa  
São Paulo (SP)

**PROTOCOLO ELEFANTE**

Cena 11 Cia. de Dança  
Direção: Alejandro Ahmed  
Florianópolis (SC)

**EPIDEMIA PRATA**

Cia. Mugunzá de Teatro  
Direção: Georgette Fadel  
São Paulo (SP)

**LUGAR DA CHUVA**

Frêmito Teatro  
Direção: Otávio Oscar  
Macapá (AP)

**MEDEIA NEGRA**

Grupo Vilavox  
Direção: Tânia Farias  
Salvador (BA)

**MONSTRA**

Elisabete Finger  
Direção: Elisabete Finger e Manuela Eichner  
São Paulo (SP)

**VIOLENTO**

Grupo Teatral Espanca  
Direção: Alexandre de Sena  
Belo Horizonte (MG)

**TOM NA FAZENDA**

ABGV Produções Artísticas  
Direção: Rodrigo Portella  
Rio de Janeiro (RJ)

**QUANDO QUEBRA QUEIMA**

Coletiva Ocupação – Bom Tempo Produções  
Artísticas  
Direção: Martha Kiss Perrone  
São Paulo (SP)

**INIMIGOS**

Cia. de Feitos  
Direção: Carlos Canhameiro  
São Paulo (SP)

**MARY E OS MONSTROS MARINHOS**

Cia. Delas de Teatro  
Direção: Rhena de Faria  
São Paulo (SP)

**NERINA, A OVELHA NEGRA**

Maracujá Laboratório de Artes  
Direção: Sidnei Caria  
São Paulo (SP)

**CEGOS**

Desvio Coletivo  
Direção: Marcos Bulhões e Priscila Toscano  
São Paulo (SP)

**ENTRE LADEIRAS**

Núcleo Aqui Mesmo  
Direção: Carmen Morais  
São Paulo (SP)

**MÃO – TRANSLAÇÕES DA CASA PELA PAISAGEM**

Coletivo Mão  
Direção: Renato Linhares  
Rio de Janeiro (RJ)

**OS MINUTOS QUE SE VÃO COM O TEMPO**

Zózima Trupe  
Direção: Anderson Maurício  
São Paulo (SP)

**ELZA**

Sarau Produções  
Direção: Duda Maia  
Rio de Janeiro (RJ)

**PEÇA PARA ADULTOS FEITA POR CRIANÇAS**

Elisa Othake  
Direção: Elisa Othake  
São Paulo (SP)

**DOMÍNIO PÚBLICO**

Núcleo Corpo Rastreado  
Direção: Elisabete Finger, Maikon K, Renata Carvalho e Wagner Schwartz  
Curitiba (PR)

**TRETA**

Original Bomber Crew  
Direção: Alexandre Santos  
Teresina (PI)

**ROMEO Y JULIETA DE ARAMBURO**

Kiknteatr  
Direção: Diego Aramburo  
Bolívia

**STRIKETROUGH**

Va-Bene Elikem Fiatsi – [CranisT Artist]  
Direção: Va-Bene Elikem Fiatsi  
Gana

**AGBANWU**

Va-Bene Elikem Fiatsi – [CranisT Artist]  
Direção: Va-Bene Elikem Fiatsi  
Gana

**DZIKUDZIKUI-ABIKU-ABIIBUKUS**

Va-Bene Elikem Fiatsi – [CranisT Artist]  
Direção: Va-Bene Elikem Fiatsi  
Gana

**HEARING**

Mehr Teatre Group  
Direção: Amir Reza Koohestani  
Irã

**POR FAVOR, CIERRA LA PUERTA, GRACIAS**

La Vaca 35  
Direção: Damián Cervantes  
México

**J'AI BIEN FAIT**

La Comedie / Instituto Francês / Núcleo dos Festivais Internacionais / Cobogó  
Direção: Pauline Salès e Pedro Kosóvski  
França/Brasil

# DESCE O PANO

O Festival de Teatro de São José do Rio Preto não se encerra neste ponto exato, com as comemorações de meio século de existência, 40 edições entregues ao público e uma infinidade de momentos ímpares.

Esta história de luta por um nobre objetivo na área cultural, de amor à arte, de resistência, de inovação teatral e de insistência apesar das dificuldades, segue viva, cheia de vigor, avança de forma vertiginosa, evolui a cada instante e se renova todo ano, sempre a partir de julho – neste mês, os palcos da cidade são ocupados pelas mais relevantes obras, tanto nacionais quanto internacionais.

O evento utilizou diversos caminhos durante sua longa trajetória, mas sempre evitou os atalhos para facilitar seu itinerário.

O livro-catálogo foi elaborado para resguardar os primeiros 50 anos de existência do Festival de Teatro de São José do Rio Preto, com seus personagens fundamentais em cada época. A investigação se inicia na primeira edição, em 1969, e termina na atualidade. É um documento híbrido com texto e fotografia. Suas informações ajudam a recuperar o passado, entender melhor o presente e enxergar o futuro.

Os próximos capítulos da história do Festival estão em aberto. O que se pode esperar?

Trabalho, pesquisa e investigação na busca por excelência, qualidade artística, provocação e trabalhos de vanguarda para elevar o nível do diálogo entre a cena teatral e a contemporaneidade.

Copyright©Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto

**Textos e organização:** Raul Marques

**Direção editorial:** Jorge Vermelho e Pedro Ganga

**Assessoria conceitual:** Alaor Ignácio dos Santos Júnior

**Colaboração na produção:** Fábio Amaral e Talita Carvalho

**Diagramação e capa:** Ailton Marques

**Revisão:** Jorge Vermelho e Sílvia Damacena

**Fotos do FIT e pesquisa de imagens:** Jorge Etecheber

**Foto de capa:** Jorge Etecheber. José Celso Martinez Corrêa, espetáculo 'Os Sertões - O Homem I', FIT 2004

**Consultoria:** Humberto Sinibaldi Neto e Moema Kuyumjian

**Acervo histórico:** Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura, Arquivo Público Municipal e Arquivo Pessoal de Dinorath do Valle

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)/ Agência Brasileira do ISBN

M357t Marques, Raul, 1980 –

Festival de Teatro de São José do Rio Preto - 50 anos de (re)existência/Raul Marques.

São José do Rio Preto, SP: Ed. do Autor, 2019.

196 p. : 1l, fotos (coloridas).

ISBN: 978-65-900678-0-7

1. Catálogo – livro. 2. Teatro – Festival – São José do Rio Preto – São Paulo (Estado).

3. História - Cultura. 4. Escritor rio-pretense. I. Título.

CDD - 900678

#### Secretaria Municipal de Cultura

Praça Jornalista Leonardo Gomes, 1, Centro, São José do Rio Preto (SP)

Telefone (17) 3202 2310

www.riopreto.sp.gov.br

## PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

#### Prefeito Municipal

Edinho Araújo

#### Vice-prefeito

Eleuses Paiva

#### Fundo Social de Solidariedade

Maria Elza Araújo

#### Chefe de Gabinete

Zeca Moreira

#### Procuradoria Geral do Município

Dr. Adilson Vedroni

#### Secretaria de Governo

Jair Moretti

#### Secretaria de Comunicação Social

Mário Soler

#### Secretaria de Cultura

Valdeci Pedro Ganga

#### Assessores Especiais da Cultura

Jorge Vermelho e Talita Carvalho

#### Secretaria de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Israel Cestari Júnior

#### Secretaria de Administração

Luís Roberto Thiesi

#### Secretaria de Saúde

Aldenís Borim

#### Secretaria de Agricultura e Abastecimento

Pedro Pezzuto Júnior

#### Secretaria dos Direitos e Políticas para as Mulheres, Pessoa com Deficiência, Raça e Etnia

Maureen de Almeida Leão Cury

#### Secretaria de Assistência Social

Maria Sílvia Lima Bastos Fernandes

#### Secretaria de Obras

Sérgio Astolfo Issas

#### Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo

Kátia Regina Penteado Casemiro

#### Secretaria de Serviços Gerais

Ulisses Ramalho de Almeida

#### Secretaria de Educação

Sueli Petronília Amâncio Costa

#### Secretaria de Habitação

Fabiana Zanquetta de Azevedo

#### Secretaria do Trabalho e Emprego

Edemilson Aparecido Favaron

#### Secretaria de Trânsito, Transportes e Segurança

Amaury Hernandes

#### Secretaria da Fazenda

Angelo Bevilacqua Neto

#### Secretaria de Esportes e Lazer

Cléa Márcia Melara Bernadelli

#### Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Negócios de Turismo

Jorge Luis de Souza

#### Subprefeitura de Talhado

Pedro Nimer Filho

#### Subprefeitura de Engenheiro Schmitt

Devair Oliveira

#### Semae – Serviço Municipal Autônomo de Água e Esgoto

Nicanor Batista Júnior

#### RiopretoPrev

Jair Moretti

#### Coordenadoria do Programa

#### Cidade Solidária

Sônia Paiva

#### Guarda Civil Municipal

Sílvio Pedro da Silva

#### Defesa Civil

Carlos André Medeiros Lamin

#### Procon – Órgão de Proteção ao Consumidor

Arnaldo de Freitas Vieira

#### Emcop – Empresa Municipal de Construções Populares

Adão da Costa Morais

#### Empro – Empresa Municipal de Processamento de Dados

João Pereira Curado Junior

#### Emurb – Empresa Municipal de Urbanismo

Rodrigo Ildebrando Juliano

## CÂMARA MUNICIPAL

Paulo Roberto Ambrósio (Pauléra)

**presidente**

Anderson Branco

Celso Luiz de Oliveira (Peixão)

Cláudia de Giuli

Fábio Marcondes

Francisco Savio Ruel Junior

Gerson Furquim

Jean Charles Serbetto

Jean Dornelas

Jorge Menezes

José Carlos Marinho

José Antônio Lagoeiro (Zé da Academia)

Karina Caroline

Márcia Caldas

Marco Antônio Rillo

Pedro Roberto

Renato Pupo

Nossa Homenagem

# Antunes Filho

1929/2019

Bob Sousa



Antunes Filho revolucionou a forma de pensar, fazer e produzir teatro no Brasil. Como diretor do Centro de Pesquisa Teatral (CPT)/Sesc, desenvolveu um método no qual propõe que o ator abandone seus pré-conceitos para que a cena se manifeste e termine com a produção de novas formas estéticas.

Sua partida em 2019 não encerra seu primoroso trabalho autoral, iniciado na década de 1950. Pelo contrário. Seu legado vai permanecer vivo e influenciar novas gerações de atores e de diretores.

Antunes Filho teve marcantes passagens no Festival de Teatro de São José do Rio Preto. Em 1984, proferiu palestra na Casa de Cultura sobre o teatro brasileiro. Foi um momento ímpar no evento.

Os espetáculos 'Romeu e Julieta' (1984), 'A Hora e Vez de Augusto Matraga' (1986), 'Prêt à Porter 5' (2003), 'Foi Carmen Miranda' (2005), 'Senhora dos Afogados' (2008), 'A Falecida Vapt-Vupt' (2009) e 'Blanche' (2017) foram apresentados em diversas fases do Festival.

Ao mestre, Antunes Filho: aplausos por uma jornada que trouxe novas formas de conhecer as profundezas da alma humana.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-65-900678-0-7



9 786590 067807

**FES TIVAL**  
**INTER NACIONAL**  
**DE TEATRO**

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
SÃO PAULO - BRASIL



PREFEITURA DE  
**RIO PRETO**  
CULTURA